



Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPgPsi/UFRN

DE VILAREJO A CIDADE: IDENTIDADE DE LUGAR  
DE MORADORES NATIVOS DE TIBAU DO SUL-RN

*July Yukie Abe-Lima*

Natal  
2012

July Yukie Abe-Lima

DE VILAREJO A CIDADE: IDENTIDADE DE LUGAR  
DE MORADORES NATIVOS DE TIBAU DO SUL-RN

Dissertação elaborada sob orientação do Prof. Dr. José Q. Pinheiro e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Natal  
2012

Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Abe-Lima, July Yukie.

De vilarejo a cidade: identidade de lugar de moradores nativos de Tibau do Sul - RN / July Yukie Abe de Lima. – 2012.

163 f. -

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2012.

Orientador: Prof. Dr. José de Queiroz Pinheiro.

1. Identidade social – Tibau do Sul, RN. 2. Identidade (Psicologia). 3. Comunidade. 4. Urbanização – Tibau do Sul, RN. I. Pinheiro, José de Queiroz. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 316.6(813.2)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPgPsi/UFRN

A dissertação “De vilarejo a cidade: identidade de lugar de moradores nativos de Tibau do Sul-RN”, elaborada por July Yukie Abe-Lima, foi considerada aprovada por todos os professores da Banca Examinadora e aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, como requisito parcial à obtenção do título de MESTRE EM PSICOLOGIA.

Natal-RN, 30 de agosto de 2012

BANCA EXAMINADORA

Dr. José de Queiroz Pinheiro (Presidente) \_\_\_\_\_

Dr. Jorge Castellá Sarriera \_\_\_\_\_

Dra. Gleice Azambuja Elali \_\_\_\_\_

Sob o sol há inúmeros vivos  
pensamentos, palavras e ação  
vêm do homem quem tende na razão  
o que seja matéria espírito  
esses vivos percebem seus conflitos  
vícios que adquirem no viver  
sabidamente quem tenta resolver  
trilhará certamente o seu trajeto  
e dessa forma o caminho fica aberto  
pra exaltar a nobreza do seu ser

Grandioso não é o tudo ter  
assim como aceitar que o pouco é tudo  
ser um pouco é ser parte de um todo  
existindo no meio como um ser  
quem entende a essência de viver  
pra se vir e servir no seu convívio  
lutam mais dos que buscam o sentido  
de querer entender o que quer ser

Um espelho imaginário  
refletindo sobre o mundo  
um mergulho tão profundo  
sem ponteiro e nem horário  
se a manchete no diário  
já não traz seriedade  
tem mentira que é verdade  
e ainda muda todo o dia  
já não sei qual é a via  
e se havia novidade  
se havia novidade  
eu não sei se eu a via

Grandioso não é o tudo ter  
assim como aceitar que o pouco é tudo  
ser um pouco é ser parte de um todo  
existindo no meio como um ser  
quem entende a essência de viver  
pra se vir e servir no seu convívio  
lutam mais dos que buscam o sentido  
de querer entender o que quer ser

Batendo o martelo nas mesmas cabeças

**Batendo o Martelo Nas Mesmas Cabeças**  
**Cabruêra**

*Ao Zé, por eu não ser mais quem eu era.  
Aos meus pais e irmãos, por eu ser quem sou.  
Ao Pedrinho, pela parceria.*

## Agradecimentos

Aos *meus pais*, *José Luiz* e *Judith*, pelo exemplo de vida como pessoas e casal. Pelas asas, acalentos, e por me ensinarem a ter fé.

Aos *meus irmãos*, *Naná* (Anne), *Ni* (Nina), *Gui* (Rafael) e *Má* (Marlene), por serem o melhor presente que a vida me deu. Aos cunhados, *Léo*, *Katarini* e *Alemão*, por cuidarem tão bem de meus amados. À *vó Júlia* e *Setiam*, por tanto cuidado. Aos sobrinhos *Cacá* e *Pedrinho*, pela bagunça. Em especial, ao *Pedro Lima Rossi*, minha grande inspiração e fonte de alegria nesta caminhada dos últimos anos.

Ao *Pedrinho*, cão-panheiro e fiel escudeiro, pelo amor incondicional acima de tudo.

Ao *Zé*, por “cirurgiar o rabo da jaguatirica” com mãos leves e firmes. E assim me ajudar a superar tanto que não caberia em palavras. Gratidão, transbordante.

Aos *meus irmãos por opção*, *Gu* e *Elis*, por me fazerem entender que distância é só uma abstração. E à *Serena*, amor de minha flor.

Aos *amigos de Tibau*, por me acolherem e me fazerem querer ficar. Em especial, *Dido*, *Djair*, *Ferrugem*, *Seu João e família*, *Marconi*, *Marcílio*, *Eli* e *Jô*. Ao *Rafa* angoleiro, pelas longas conversas e inquietações de seus questionamentos.

À *minha família de mandinga*, *Grupo de Capoeira Espírito de Angola* e *Projeto Roda de Cidadania*, por me ensinarem, dia-a-dia, a admirar nossa diversidade e a levar tantas aprendizagens para a roda da vida. A meu Mestre, *André Barata* (“Que Deus o tenha em um bom lugar”), e a meu professor, *Netinho*, pelos ensinamentos e inspiração. À extensão da família, *Grupo Egbé*, por me iniciarem neste processo de cura e não me deixarem resistir a uma chamada. A cada um dos angoleiros-amigos, axé.

À *toda Tibau*, em especial àqueles que contribuíram diretamente para a realização deste trabalho, por compartilharem sua(s) história(s) com esta “pessoa de fora” e pelos “Bom dia”. Aos *moradores da Rua das Rocas*, pelas portas sempre abertas.

Às *crianças*, pelas trocas e “aprendimentos”, companheiras importantes no momento mais difícil da realização deste trabalho. Por me acharem “brigona” e continuarem a trazer tantas coisas boas diariamente. Em especial, *Ravenya*, *Joãozinho*, *Pedrinho*, *Duda*, *Tháise*, *Thalita*, *Vitória*, *Rodolfo*, *Maria*, *Eric*, *Éverton*, *Gaspar*, *Danilo*, *Julinho* e tantos outros que não pude colocar aqui. Às *amigas Eli (Sol)* e *Montse (Lua)*, pelas brincadeiras e pela seriedade do *Projeto Criar-te*. Por me questionarem e assim me fazer crescer.

Aos companheiros do *Grupo de Estudos Inter-Ações Pessoa-Ambiente (GEPA)*, por me tranquilizarem que um dia eu chegaria lá. À *Raquel*, *Tadeu*, *Hellen*, *Rafael* e *Zeca*, especialmente, por me estenderem a mão e me ajudarem a tentar ter foco. À *Quel*, em especial, pelos tantos momentos presentes. À *Gleice*, grande responsável pelos rumos que

tomou este estudo, pela leveza de sua firmeza. Aos juízes, *Raul, Dandara, Alexandra e Lorena*, por aceitarem o convite e pela bela dedicação.

À minha família potiguar, *Edimar, Haniel e Haphael*, pelo lar, em todos os sentidos.

Ao *Rafa e toda família*, por serem parte importante desta e de minha história. Pelo companheirismo, em especial.

Aos *Permaseres*, por sonhar e agir, tudo ao mesmo tempo. Em especial a *Jana, Gu, Nicholas, Ed, Guina, Jéss, Bia, Julis, Guedão e Raoni*, e tantos outros com quem venho com-partilhando. À mais nova família, *Théo, Jana e Bruno*, por ser linda.

Ao *Muli*, pelo cuidado incondicional, pelo carinho que cresce aqui dentro e por *Maria Morena*. E aos amigos do *Pium, Barti e Claudinho* em especial, por me mostrarem caminhos.

À *Capes*, pela concessão da bolsa de estudos.

Ao PPgPsi/UFRN, na figura de *Cici*, pelas orientações.

## Sumário

<b>Lista de Tabelas</b> .....	x
<b>Lista de Figuras</b> .....	x
<b>Resumo</b> .....	xi
<b>Abstract</b> .....	xii
<b>Apresentação</b> .....	13
<b>Introdução</b> .....	15
<b>Capítulo 1. Tibau do Sul, no Rio Grande do Norte</b> .....	17
<b>1.1. Tibau do Sul e sua(s) história(s)</b> .....	18
<b>1.2. Vilarejo de pescadores e agricultores</b> .....	22
<b>1.3. A história oficial: distrito, empresas lagosteiras, município</b> .....	24
<b>1.4. A cidade e o desenvolvimento turístico</b> .....	25
<b>Capítulo 2. Identidade e suas relações com o lugar</b> .....	30
<b>2.1. Identidades</b> .....	30
2.1.1. <i>O indivíduo e o conceito de si</i> .....	30
2.1.2. <i>Do enfoque individual ao social</i> .....	32
2.1.3. <i>Superando dicotomias: a pessoa-no-ambiente</i> .....	34
<b>2.2. Os lugares do lugar em sua relação com a identidade</b> .....	36
2.2.1. <i>Conceito de lugar</i> .....	36
2.2.2. <i>Teorias psicológicas acerca das relações entre identidade e lugar</i> .....	38
a) <i>Teoria de Identidade Social</i> .....	39
b) <i>Teoria de Identidade de Lugar</i> .....	42
c) <i>Teoria do Processo de Identidade</i> .....	47
<b>2.3. Modelo estrutural adotado: Teoria do Processo de Identidade</b> .....	48
2.3.1. <i>Distintividade</i> .....	51
2.3.2. <i>Continuidade</i> .....	53
2.3.3. <i>Autoestima</i> .....	55
2.3.4. <i>Autoeficácia</i> .....	56
<b>Capítulo 3. O processo de identidade frente a mudanças no contexto: proposta de estudo</b> .....	58
<b>3.1. Definição do conceito de identidade de lugar</b> .....	59
<b>3.2. Justificativa para a definição proposta</b> .....	61
3.2.1. <i>Compreendendo a definição do conceito na TPI</i> .....	62

3.2.2. <i>Compreendendo a definição do conceito na TIL</i> .....	63
3.2.3. <i>Justificando a perspectiva adotada</i> .....	65
<b>3.3. Operacionalização da proposta</b> .....	66
3.3.1. <i>Objetivo geral</i> .....	68
3.3.2. <i>Objetivos específicos</i> .....	69
<b>Capítulo 4. O processo de investigação: proposta metodológica</b> .....	70
<b>4.1. Primeira etapa - Painel de especialistas</b> .....	70
4.1.1. <i>Especialistas participantes</i> .....	71
4.1.2. <i>Procedimentos</i> .....	72
<b>4.2. Segunda etapa - Entrevistas com moradores nativos</b> .....	73
4.2.1. <i>Moradores entrevistados</i> .....	73
4.2.2. <i>Procedimentos</i> .....	75
4.2.3. <i>Categorização das entrevistas</i> .....	78
4.2.4. <i>Avaliação por juízes</i> .....	80
4.2.5. <i>Subcategorização</i> .....	81
<b>Capítulo 5. Cognitiones dos nativos acerca do mundo que os cercam: resultados</b> .	83
<b>5.1. Distintividade</b> .....	83
<b>5.2. Continuidade</b> .....	90
<b>5.3. Autoestima</b> .....	95
<b>5.4. Autoeficácia</b> .....	100
<b>5.5. Distintividade Temporal</b> .....	108
<b>Capítulo 6. Identidade-no-contexto: o processo de identidade de vilarejo a cidade</b>	109
<b>6.1. Analisando os resultados</b> .....	110
<b>6.2. Do vilarejo pesqueiro à cidade turística</b> .....	118
<b>6.3. A cidade e o desenvolvimento: um olhar crítico</b> .....	132
<b>6.4. Aqui, agora... e depois?</b> .....	141
<b>Capítulo 7. Reflexões sobre o(s) processo(s): considerações finais</b> .....	148
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	153
<b>Apêndices</b> .....	158

## **Lista de Tabelas**

<b>Tabela</b>		<b>Página</b>
1	Quadro-Resumo dos Perfis dos Entrevistados	74

## **Lista de Figuras**

<b>Figura</b>		<b>Página</b>
1	Mapa do município de Tibau do Sul-RN	18
2	Mapa da atual sede municipal localizando “o Tibau Velho”	22
3	Mapa viário do município de Tibau do Sul-RN	27
4	Mapa e fotos da sede municipal de Tibau do Sul-RN	29
5	Distribuição da faixa etária dos participantes	75

## Resumo

Este estudo teve como objetivo analisar alguns indicadores do processo de reestruturação da identidade de lugar de nativos residentes na sede municipal de Tibau do Sul-RN, frente a mudanças ocorridas nessa localidade nas últimas décadas. O conceito de identidade de lugar – estrutura psicológica complexa em constante processo de reestruturação – destaca o enfoque dado à análise dos aspectos referentes às relações das pessoas com seu ambiente, físico e social, ao longo do processo de transição do antigo vilarejo de pescadores e agricultores que começa a ganhar contornos de cidade. A primeira etapa do estudo consistiu em entrevistas com conhecedores da história da localidade, como fase preparatória para a segunda etapa. Esta se referiu a entrevistas com 29 moradores da sede municipal nativos do local, de perfis pessoais e profissionais variados, e enfocou as cognições deles acerca de suas relações com esse contexto, no presente, passado e em suas expectativas de futuro. A análise focalizou os elementos de distintividade, continuidade, autoestima e autoeficácia, bem como o caráter valorativo (positivo ou negativo) atribuído a eles. A avaliação e distinção dos participantes acerca da localidade e de si próprios em relação a outros (pessoas e lugares) foi, de modo geral, muito positiva. Muitos elementos de continuidade do grupo e do lugar e a possibilidade de satisfação de suas necessidades foram destacados positivamente, especialmente comparando-se ao passado. O desenvolvimento turístico da cidade e de outras atividades econômicas anteriores pareceu contribuir para um processo de reestruturação da identidade de modo a atingir estados desejáveis para sua estrutura. A ampliação dessa análise em termos de um contexto temporal e espacial, no entanto, mostra que essa avaliação positiva pode dificultar algumas estratégias de enfrentamento pelos moradores frente a atividades econômicas insustentáveis, muitas vezes articuladas de modo a favorecer uma minoria da população.

**Palavras-chave:** identidade de lugar; comunidade; produção da cidade; urbanização.

## **Abstract**

This study aimed to analyze some indicators of the restructuring process of place identity of natives resident in Tibau do Sul, a coastal town in the state of Rio Grande do Norte state, in relation to changes occurring in this locale in the last few decades. The concept of place identity – a complex psychological structure in constant process of restructuring – stresses the focus of this analysis on the aspects referring to the relationships of people with their physical and social environment throughout the transition process from the former village of fishermen and peasant farmers to the current growing town. Interviews with insider informants on local history were carried out as a preliminary step to getting in touch with the native participants. In total, 29 native local residents were interviewed, according to a wide range of personal and professional roles, focusing on their cognitions in regard to their past and present relationships with this context, as well as those related to expectancy for the future. The analysis focused both on the elements of distinctiveness, continuity, self-esteem and self-efficacy, and on how each of them have been valued (positive or negative). The participants' evaluations of themselves and of the locale, as well as their distinctions in relation to others (people and places) were, in general, very positive. Many elements of group and place continuity, and the possibility of the satisfaction of their needs were highlighted positively, especially comparing to similar situations in the past. The development of the town, related to tourism as well as to other former economic activities, seemed to contribute to the restructuring process of place identity in a way of achieving desirable states for its structure. The broadening of the analysis to consider a wider spatial and temporal context, however, shows that such positive evaluation can be said to hinder some coping strategies of local residents faced with unsustainable economic activities, oftentimes handled to favor a minority of the population.

**Keywords:** place identity; community; city production; urbanization.

## Apresentação

Como eu irei dizer agora, esta história será o resultado de uma visão gradual – há dois anos e meio venho aos poucos descobrindo os porquês. É visão de iminência de. De quê? Quem sabe se mais tarde saberei. Como que estou escrevendo na hora mesma em que sou lido. Só não inicio pelo fim que justificaria o começo – como a morte parece dizer sobre a vida – porque preciso registrar os fatos antecedentes

Clarice Linspector, A Hora da Estrela

E assim foram se aglomerando palavras. E aos poucos se juntaram em frases, parágrafos. E então muitas peças de um quebra-cabeças.

A imagem que formei se encontra nas próximas páginas.

O tema desta dissertação é resultado de uma visão gradual, como disse a poetisa. Ele mudou comigo e, especialmente, eu fui mudada nesta trajetória. E talvez seja necessário registrar ainda alguns fatos antecedentes para se explicar esta história.

No início de 2009, após ter concluído minha graduação em Psicologia, saí de Maringá-PR para viajar, um pouco sem rumo, pelo Norte e Nordeste brasileiros. Pretendia encontrar emprego em algum lugar pelo caminho. Ao chegar a Natal-RN, a cidade dos shoppings e largas avenidas, não me senti atraída em um primeiro momento. No entanto, as boas-vindas foram, literalmente, calorosas. Conhecer estudantes permacultores e capoeiristas angoleiros, além de praias e lagoas paradisíacas, me fez repensar o assunto. Após uma semana entregando currículos, encontrei um emprego como psicóloga no interior do Estado que, tão rápido como veio, foi. Ainda triste, fui deixar um currículo em uma empresa que começaria em breve a contratar professores de inglês. Quando cheguei nesta, um professor de Tibau do Sul-RN havia acabado de pedir afastamento com urgência. Fiz a prova de seleção imediatamente, fui à entrevista no dia posterior e, em uma semana, começou um novo capítulo desta história.

Há pouco mais de três anos me mudei para a sede municipal de Tibau do Sul-RN. No início lecionei a língua inglesa e depois “Ética, Meio Ambiente e Qualidade no Trabalho” como módulo de diversos cursos gratuitos de capacitação para o turismo, financiados por um programa do governo federal em parceria com o estadual (PRODETUR/RN II).

Na transição constante entre Natal e Tibau do Sul, ouvi falar diversas vezes sobre uma tal de Psicologia Ambiental. Em uma *lan house*, uma menina escrevia apressadamente

um trabalho ao meu lado, o que me atraiu a curiosidade para olhar a tela de seu computador e, em meio às muitas palavras, sobressaiu o termo Psicologia Ambiental. A serendipidade, ou “arte de transformar detalhes, aparentemente insignificantes, em indícios que permitam reconstituir toda uma história” (Morin, 2009, p. 23), me levou por trajetórias inesperadas. Neste caminho...

Conheci meu orientador, José Pinheiro (Zé), um professor-doutor com uma simplicidade que ainda não havia conhecido. Comecei a cursar uma vez por semana uma disciplina oferecida por ele (Compromisso pró-ambiental e Conduta sustentável), com o intuito inicial mais de conhecer aquele campo de estudos e a temática do que propriamente ingressar no universo acadêmico de que, há pouco tempo, havia literalmente “fugido”. Os contatos com este campo de estudo, com o Zé e a receptividade dos colegas do Grupo de Estudos Inter-Ações Pessoa-Ambiente (GEPA), tornaram inevitável meu ingresso no mestrado.

Dos contrastes entre Tibau do Sul e Natal e do contato com os nativos da sede municipal, muitos questionamentos emergiram. Esta investigação iniciou por um deles: “Qual o olhar dos nativos para as mudanças em sua localidade?”.

## Introdução

Pois a cultura popular se externa através de rifões, práticas, costumes, ritos, mores, hábitos que não são para desprezar. Vasto material, útil ao cientista social, ao técnico em desenvolvimento, aos agentes dos programas de extensão está por aí, inexplorado e desconhecido. Entretanto todas as oportunidades são válidas para o registro. Se este contexto cultural não fôr tido na devida conta, planos longamente elaborados podem ser levados ao mais absoluto insucesso.

Helio Galvão (2006)

A proposta deste estudo é analisar alguns indicadores do processo de reestruturação da identidade de lugar de moradores nativos da sede municipal de Tibau do Sul-RN frente a mudanças nesse contexto.

Os indicadores se referem a elementos do contexto (físicos, sociais, culturais, etc.) que conferem um senso de singularidade ou unicidade à sede municipal e ao grupo de nativos da localidade, um senso de continuidade, uma valorização ou não destes e um senso de competência ou habilidade para terem suas necessidades satisfeitas, assim como ao caráter valorativo atribuído a esses elementos. A identidade de lugar deve ser compreendida tanto em termos de sua estrutura quanto de seus processos, em constante reestruturação frente a mudanças situacionais. O enfoque desta investigação se refere às mudanças graduais da localidade nas últimas décadas, ou ainda, a seu processo de transição do antigo vilarejo (pesqueiro) que começa a ganhar contornos de cidade (turística).

A análise desses indicadores é feita inserindo-os em um contexto espacial e temporal mais amplo, relacionando-os tanto à história específica do desenvolvimento da sede municipal de Tibau do Sul, quanto a considerações teóricas acerca de processos de urbanização. Muitos elementos do contexto da sede municipal discutidos referem-se a um resgate histórico da localidade a partir da literatura específica e, principalmente, às entrevistas feitas no âmbito desta pesquisa e a inúmeras conversas informais com moradores da sede municipal.

O primeiro capítulo se refere a uma apresentação do município de Tibau do Sul-RN e da história da sede municipal. O segundo capítulo apresenta uma revisão teórica acerca do conceito de identidade e, mais especificamente, do conceito de identidade de lugar. A proposta de estudo é apresentada no próximo capítulo, juntamente às principais proposições teóricas formuladas para esta investigação. O quarto capítulo se refere à

proposta metodológica. No quinto capítulo são apresentados os resultados da análise. A discussão dos resultados é exposta no primeiro tópico do sexto capítulo, à luz da teoria concernente, seguida de algumas considerações referentes à contextualização pretendida para a discussão e uma revisão da própria análise dos resultados feita anteriormente. As considerações finais encerram o último capítulo do presente trabalho.

## Capítulo 1

### Tibau do Sul, no Rio Grande do Norte

O município de Tibau do Sul-RN localiza-se no litoral sul da capital do Estado, Natal, a uma distância de aproximadamente 76 km, via BR-101 até o município de Goianinha e deste até a sede municipal via RN-003. Outra via de acesso a partir de Natal é pelo litoral, com cerca de 46 km, com veículo apropriado para tráfego em terreno arenoso, que leva até o município de Senador Georgino Avelino, situado na margem oposta ao distrito de Tibau do Sul, onde se encontra a travessia da balsa.

A área territorial do município, de aproximadamente 102 km<sup>2</sup>, abrange dez distritos e tem uma população total de 11.385 habitantes, segundo as estatísticas do IBGE de 2010. Os distritos são Umari, Piau, Bela Vista, Munin, Manimbu, Cabeceiras, Pernambuco, Tibau do Sul (sede municipal), Pipa e Sibaúma (ver Figura 1). Os limites territoriais do município são os municípios de Senador Georgino Avelino ao norte, Vila Flor e Canguaretama ao sul e Arês e Goianinha a oeste. Este se insere na área de proteção ambiental (APA) Bonfim/Guaraíras, decretada em 1999 pelo Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte (IDEMA).

Atualmente, a configuração do espaço do município pode ser distribuída do seguinte modo: sete distritos ao longo da rodovia RN-003, os quais podem ser considerados como zona rural e são muitas vezes denominados pelos nativos da região como “beira de lagoa” ou “beira de caminho” e três distritos na área litorânea: a sede municipal, que concentra as agências governamentais, algumas atividades de comércio e facilidades; o distrito da praia de Pipa, com elevado fluxo turístico e a maior arrecadação distrital, considerado o motor econômico não somente do município mas de toda a região, que concentra as atividades de comércio e serviços de hotelaria de modo geral; e o distrito de Sibaúma, com um pequeno fluxo turístico.

A delimitação do contexto deste estudo refere-se somente à sede municipal, distrito com mesmo nome do município. Assim, serão utilizados os termos “município de Tibau do Sul-RN” ou “Tibau do Sul-RN” e, para se referir ao distrito, somente “Tibau do Sul” ou “sede municipal”.

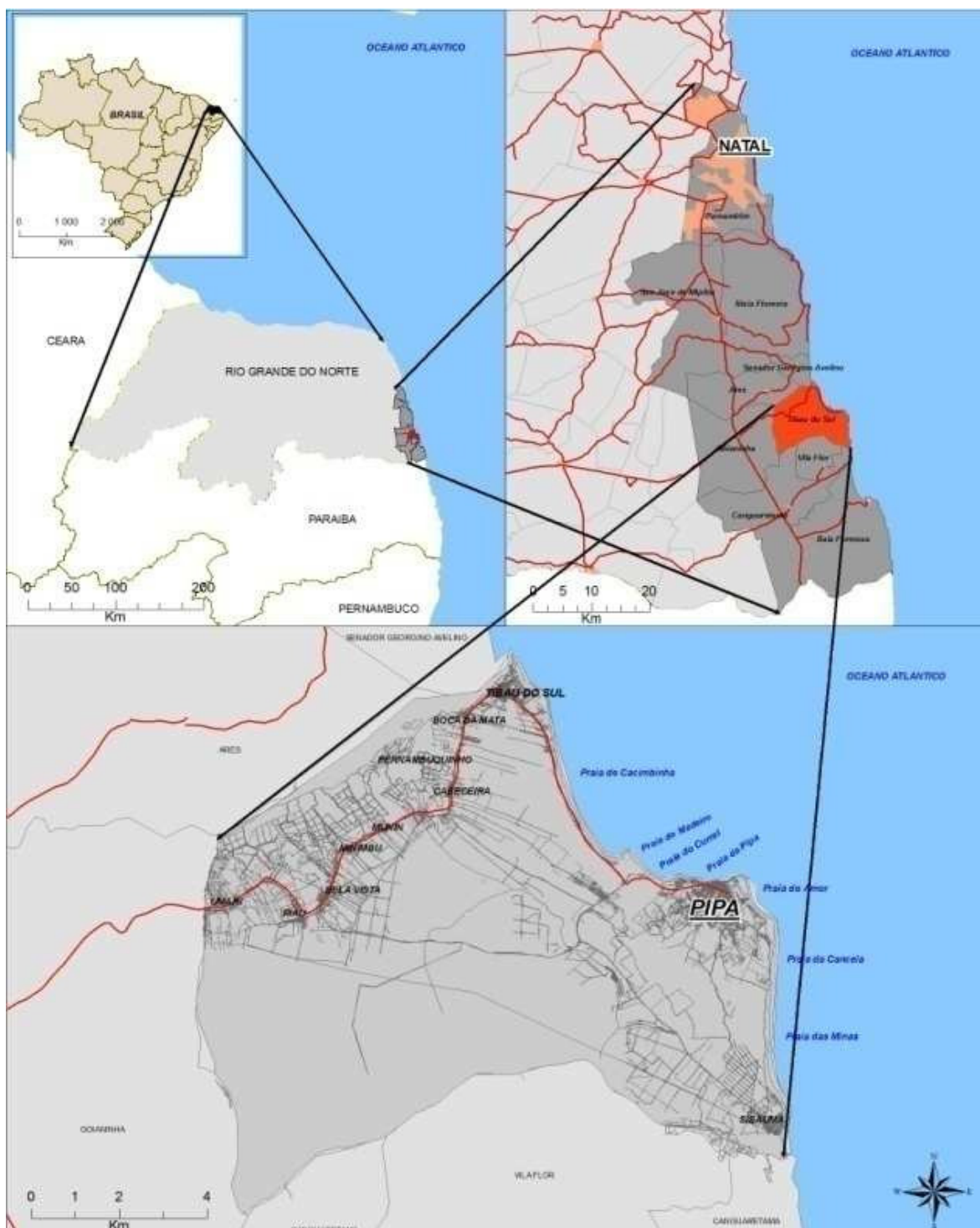


Figura 1. Mapa do município de Tibau do Sul-RN (fonte: Loloum, 2011)

### 1.1. Tibau do Sul e sua(s) história(s)

A velha lagoa tornada também azul, com as ilhas verdes de mangues que parecem barcos imóveis flutuando ao embalo da maré enchente

Helio Galvão, em 1978 (1989)

Os escassos registros da história de Tibau do Sul-RN referem-se principalmente às obras literárias de Helio Galvão, advogado, historiador potiguar e membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, que narrou em cartas muitos fatos e costumes especialmente de comunidades litorâneas potiguares (Galvão, 1968, 1989, 2006). Nascido em Tibau do Sul em 1916, Helio Galvão foi um grande responsável pelo desenvolvimento e configuração do atual município. Falecido em 1981, suas conquistas para a cidade, especialmente no âmbito político e cultural, foram inúmeras e ainda permanecem vivas no aparente sentimento de gratidão dos relatos dos moradores que tive oportunidade de ouvir.

A história de Tibau do Sul relatada nas próximas linhas, portanto advém, em sua maior parte, das narrações deste nativo, e de algumas poucas teses e dissertações. Ainda, alguns fatos relatados nas entrevistas realizadas no âmbito desta investigação também são mencionados como fonte da memória coletiva (Bosi, 2006) deste lugar. Foram considerados apenas fatos e situações repetidos por várias pessoas, assim como aqueles relatados diversas vezes em conversas informais da pesquisadora com os nativos.

A origem do nome Tibau é controversa, sendo a versão mais conhecida aquela proposta por Cascudo (2002), como derivada do indígena tupi, *ty-paum*, que significa “entre duas águas” ou “entre dois rios”. O significado se referiria à localização do antigo vilarejo, entre a Lagoa de Guaraíras e o Oceano Atlântico, “duas imensidades aos olhos indígenas” (Cascudo, 2002, p. 262). Esta versão, divulgada tanto na placa de entrada da cidade quanto nos *folders* turísticos e textos diversos encontrados na internet e dissertação de mestrado (Grande, 2009), foi rebatida pelo historiador Helio Galvão (1989). Para ele, não há referências específicas nem aparece na cartografia a localidade de Tibau do Sul anterior ao século XVII e as primeiras referências oficiais ao nome Tibau se referem aos registros de óbito no início do século XIX.

Tibau durante muito tempo foi dado como palavra de formação tupi. Qual nada. O Brasil ainda não fora visitado pelos navegadores europeus e já havia a família Tibau na Península Ibérica. Foi um Tibau, pois, que deixou seu nome aqui (Galvão, 1989, p. 45).

Assim, Galvão (1989) afirma que o nome Tibau “é de procedência portuguesa, nome de várias famílias, remontando o antigo radical germânico” (p. 334) referente às primeiras famílias provenientes da Península Ibérica, podendo se referir ao português Francisco Nunes Tibau, o qual chegou à localidade em 1699. No entanto, Cascudo (2002)

afirma que aquelas terras foram habitadas há muitos séculos, sempre trabalhada com lavoura e pesca, muito antes da vinda daquele colonizador português.

A história de Tibau do Sul remonta à Aldeia Antônia existente de 1612 ao final do século XVII, período em que passou a pertencer à Aldeia de São João Batista de Guaraíras perdurando até o ano de 1760, quando se tornou Vila de Arês (Cascudo, 2002). Segundo informações obtidas no site oficial da Prefeitura do Município, a região era uma zona de pescaria habitada por indígenas, os quais também sobreviviam da coleta de frutos, raízes e sementes e do escambo ilegal da madeira pau-brasil com os franceses.

Ainda no século XVII os holandeses estabeleceram contatos com os nativos da região e, posteriormente, os portugueses. De acordo com Araújo (2002), os portugueses expulsaram os holandeses no final do século XVI e estabeleceram a região como colônia de Portugal, introduzindo principalmente a cultura da cana-de-açúcar e a divisão territorial do trabalho. Inicialmente exploraram a mão-de-obra indígena até expropriá-los de suas terras e trazerem os negros escravos, não muito numerosos na região, para trabalharem em engenhos para produção de açúcar e fabricação do óleo de mamona.

Tibau do Sul teve três edificações, sendo que esta primeira, localizada à beira-mar, foi soterrada pelas dunas infixas, obrigando a mudança do povoado para a segunda edificação em data imprecisa, provavelmente por volta de 1820-1830. A fixação do povoado se deu em uma planície arenosa (Galvão, 1968), situada entre duas águas, a Lagoa de Guaraíras e o Oceano Atlântico, localidade denominada pelos nativos de “Tibau Velho” (ver Figura 2). Com base nos relatos dos entrevistados e inúmeras conversas informais, a principal atividade do antigo vilarejo era a pesca na lagoa, de peixe e camarão (pitu), além da agricultura de subsistência denominada de “roçado” e pequenas criações de animais. As casas eram feitas de palha ou de barro, com a técnica tradicional da taipa. Nesta localidade já existia uma escola primária fundada em 1873, exclusivamente para homens, segundo informações obtidas no site oficial do IBGE.

De acordo com Galvão (1968), um canal de comunicação da lagoa com o mar foi aberto em 1890, por reivindicações dos senhores de engenho da região de Goianinha e Arês, para a drenagem dos canaviais que sofriam com o represamento das águas da lagoa. Segundo Miller (2005), este era denominado Canal de Tibau, com dez metros de largura, e foi construído com recursos estaduais destinados aos socorros públicos. Conforme relatado por Galvão (1968), em 1924 novas reclamações dos agricultores, acerca do alagamento das várzeas decorrente de superenchantes, levaram o governador José Augusto a determinar a reabertura do canal que estava quase obstruído. “Quando em 1924 as águas da lagoa de

Guaraíras irromperam pelo canal que o governo estava abrindo (...) o povoado foi destruído numa noite, ficando as famílias ao desabrigo” (Galvão, 2006, p. 50).

Em 1924, com a intensidade das chuvas e força dos enxurras dos rios que desaguavam na lagoa, a antiga povoação foi inundada e teve que ser reconstruída às pressas acima das falésias (Galvão, 1989).

Tibau do Sul foi completamente arrasado pelas enchentes de 1924, em que as águas dos rios Jacú e Trairi, despejando na lagoa de Guaraíras, pressionaram o canal que ligava ao mar rasgando uma barra que levou numa noite, toda a povoação, de sorte que a atual sede municipal é a terceira edificação de Tibau. Foi no segundo que nasci. O lugar em que nasci não existe: o mar levou... (Galvão, 1989, p. 66).

A “cheia de 24” e outras histórias do “Tibau Velho” foram narradas com grande vivacidade e riqueza de detalhes por muitos nativos em entrevistas e conversas informais. Essa segunda edificação localizava-se nas proximidades de onde atualmente é realizada a travessia da balsa (ver Figura 2). A grande área “acima das falésias”, onde atualmente se encontra a terceira edificação de Tibau, era utilizada no antigo vilarejo por poucos agricultores para se “botar o roçado”. Segundo relatos dos nativos, os três principais eram Severino Boca da Mata, Quinco e Antônio Pedro, todos advindos de regiões interioranas e que não tinham muita familiaridade com a atividade da pesca.



*Figura 2.* Mapa da atual sede municipal localizando “o Tibau Velho”  
(fonte: Prefeitura Municipal de Tibau do Sul, editado pela autora)

## 1.2. Vilarejo de pescadores e agricultores

Uma noite de abril, as águas irromperam, incoercíveis, e levaram o povoado todo, deixando a ponta da rua em que ficava a igreja, e as casas que lhe ficavam abaixo. Foi uma noite de horror. Tôdas as famílias desabrigadas, debaixo de árvores e moitas

Helio Galvão (1968)

O episódio da enchente de 1924 pode ser considerado um marco histórico de grande importância na história de Tibau do Sul-RN e demarca precisamente a data de início do povoamento da localidade onde atualmente se situa a sede municipal.

A enchente provocou a “abertura da barra”, conseqüentemente levando as águas doces da Lagoa de Guaraíras a se misturarem com o mar e, com o passar dos anos, a modificar a fauna e flora da região. De acordo com os relatos de muitos entrevistados, as

principais atividades desse vilarejo continuaram a ser a pesca de camarão e peixes na lagoa, especialmente de sardinhas, as quais eram salgadas para serem vendidas na feira de Goianinha. Os homens iam para a feira a cavalo, enquanto as mulheres iam a pé, trocando ou vendendo frutas e peixes com os outros vilarejos situados ao longo da “estrada de tropeiro”.

Muitos entrevistados relataram que a construção do vilarejo se deu primeiramente com poucas casas, em terrenos doados ou ainda comprados dos três principais agricultores que tinham o roçado na localidade. Com o passar dos anos, muitos barcos veleiros do litoral norte do Estado começaram a chegar à região, em um período em que ainda havia poucos barcos em Tibau do Sul, desenvolvendo-se também a pesca de outros peixes no alto-mar.

Segundo Galvão (2006), a igreja católica foi construída em 1937. A principal atividade das mulheres, além das atividades domésticas, era o artesanato de renda de bilro que depois foi substituída pelo labirinto, os quais eram vendidos em Natal-RN. O labirinto é “uma espécie de bordado em tecido pré-fabricado. Escolhida a fazenda, e o modelo, o trabalho segue em quatro fases: *desfiar, encher, torcer, prifilar*” (Galvão, 2006, p. 32). As principais formas de diversão e atividades de lazer eram nadar, jogar futebol, capoeira e salto com vara, além de muitas festas (Galvão, 1989).

O porto dos pescadores, segundo os nativos, era o principal ponto de encontro deles, assim como das festas, devido especialmente à “fartura” da pesca de camarão que atraía as populações dos outros vilarejos. A extensão da praia era utilizada basicamente para a criação de alguns animais e para se usufruir das “duas cacimbas” que existiam próximas ao mar. Estas cacimbas foram muito citadas nos relatos, sendo uma destinada a lavar roupas e tomar banho e a outra para “apanhar água” para beber ou cozinhar que, segundo Galvão (1989), era transportada “em latas e potes na cabeça lá de baixo, subindo a ladeira íngreme. É água poluída” (p. 52).

A abertura da primeira estrada de rodagem, ligando Tibau do Sul à localidade do atual distrito de Piau, foi inaugurada em 1952, também como resultante de esforços de Helio Galvão (Galvão, 1968, 1989). Segundo relatos dos nativos, essa estrada era feita de “barro batido” e foi construída com o auxílio da própria população. No mesmo ano começaram as obras do prédio da primeira escola da localidade, denominada Escola Isolada (Galvão, 2006). Nesse período também foram construídas algumas casas de farinha na região, fazendo-se a moagem da mandioca por meio da tração de animais.

### 1.3. A história oficial: distrito, empresas lagosteiras, município

Como tudo está mudado.  
 Quem te viu, quem te vê...  
 Automóveis pra lá e pra cá. Treze na cidade. Dos que chegam é  
 aquele vai-e-vem, como se queimassem água do mar. Muito  
 mestre de bote hoje dirige seu carro.

Helio Galvão, em 1978 (1989)

A história oficial inicia com a criação do distrito administrativo de Tibau, pertencente ao município de Goianinha, segundo a lei nº 960 de 30 de novembro de 1953, cujo projeto foi redigido por Helio Galvão (Galvão, 1989). A terminação “do sul” foi incluída em 1958 para a oficialização da localidade como município, distinguindo essa de outro Tibau, localizado ao norte do Estado (Casculo, 2002).

No final da década de 1950 e início de 1960 começaram a se instalar na localidade algumas empresas lagosteiras advindas do Estado de Pernambuco, as quais impulsionaram a economia do distrito (Galvão, 1989). O período da “safra da lagosta” ou da “pesca de alto-mar” foi relatado com entusiasmo por quase todos os entrevistados e em muitas conversas informais da pesquisadora.

Se o município de Tibau do Sul tivesse de adotar um símbolo, eu sugeriria a lagosta, porque foi ela que lhe deu o impulso econômico que permitiu atingir o limite de arrecadação distrital para a elevação a município (Galvão, 1989, p. 135).

O projeto de criação do município de Tibau do Sul-RN, também redigido por Helio Galvão, foi aprovado pela lei nº 2.863, em 3 de abril de 1963. Com a emancipação política, muitas melhorias na infraestrutura da localidade foram viabilizadas.

Segundo Galvão (1989), uma agência postal foi inaugurada em 1960 e o Grupo Escolar José Mamede, a única escola estadual da sede municipal atualmente, em 1965. Antes ainda da criação do município um pequeno poço tubular tinha sido feito, o qual secou em menos de uma década, e outro de maior vazão foi aberto. No final da década de 1970 praticamente todas as casas da sede municipal usufruíam de instalações próprias de abastecimento de água, período em que também já havia iluminação elétrica pública (Galvão, 1989) a motor movido a diesel. De acordo com o relato dos nativos, geradores de energia elétrica começaram a aparecer na sede municipal no final da década de 1960, primeiramente obtidos pelas pessoas com melhores condições econômicas. Em pouco tempo foram instalados postes de energia elétrica que beneficiaram toda a população. No início da década de 1980 uma televisão foi instalada na praça central em frente à igreja

católica e posteriormente outra, na primeira rua da localidade que no período era a via de acesso à praia (ver Figura 4, localidade de número 5).

A Colônia de Pescadores foi fundada em 1973 por Helio Galvão, segundo informações obtidas nesse sindicato. Muitos pescadores puderam se aposentar (e no caso das mulheres, como marisqueiras) e/ou garantir benefícios do seguro da piracema ou da lagosta, seguro desemprego, seguro maternidade e auxílio por doenças ou acidentes.

No início da década de 1980, conforme relatado por Galvão (1989), houve uma diminuição dos estoques lagosteiros. Muitos entrevistados relataram que os pescadores lagosteiros continuaram a trabalhar ainda por alguns anos nas praias do litoral norte do Estado, alugando casas na região para toda a família e voltando para Tibau do Sul quando a safra melhorava. Ainda, a pesca de arrastão de camarão de água salgada foi intensificada nesse período, o que garantia o sustento de grande parte das famílias do município.

#### **1.4. A cidade e o desenvolvimento turístico**

E se a lagoa não der, se a barra não der, se o mar não der, o mangue dá: tem aratu que não acaba. Terra de fartura, como vocês estão vendo...

Helio Galvão, em 1969 (1989)

O município de Tibau do Sul-RN é atualmente um importante pólo turístico do Estado do Rio Grande do Norte. Destaca-se o distrito de Pipa, distante cerca de 6 km da sede municipal, que pode ser considerado o motor econômico de toda a região (Loloum, 2011). De acordo com Fonseca (2004), esse foi o segundo maior pólo turístico do Estado, sendo o primeiro a capital, e o único destino turístico potiguar a conseguir atrair visitantes independentemente desta.

A partir do desenvolvimento da atividade lagosteira na sede municipal de Tibau do Sul, novos traços culturais foram assimilados àqueles mais tradicionais do vilarejo de pescadores e agricultores. A chegada de veranistas e surfistas na região, e posteriormente o acelerado desenvolvimento turístico na praia de Pipa, provocaram mudanças na cultura local, contrastantes com a do antigo vilarejo. Para Loloum (2011), essa atividade pode ser considerada a principal responsável por mudanças no município, social, econômica, cultural e ambientalmente.

Segundo Loloum (2011), ainda que já existissem casas de veraneio na região (principalmente de famílias tradicionais dos interiores do Estado) desde a década de 1930,

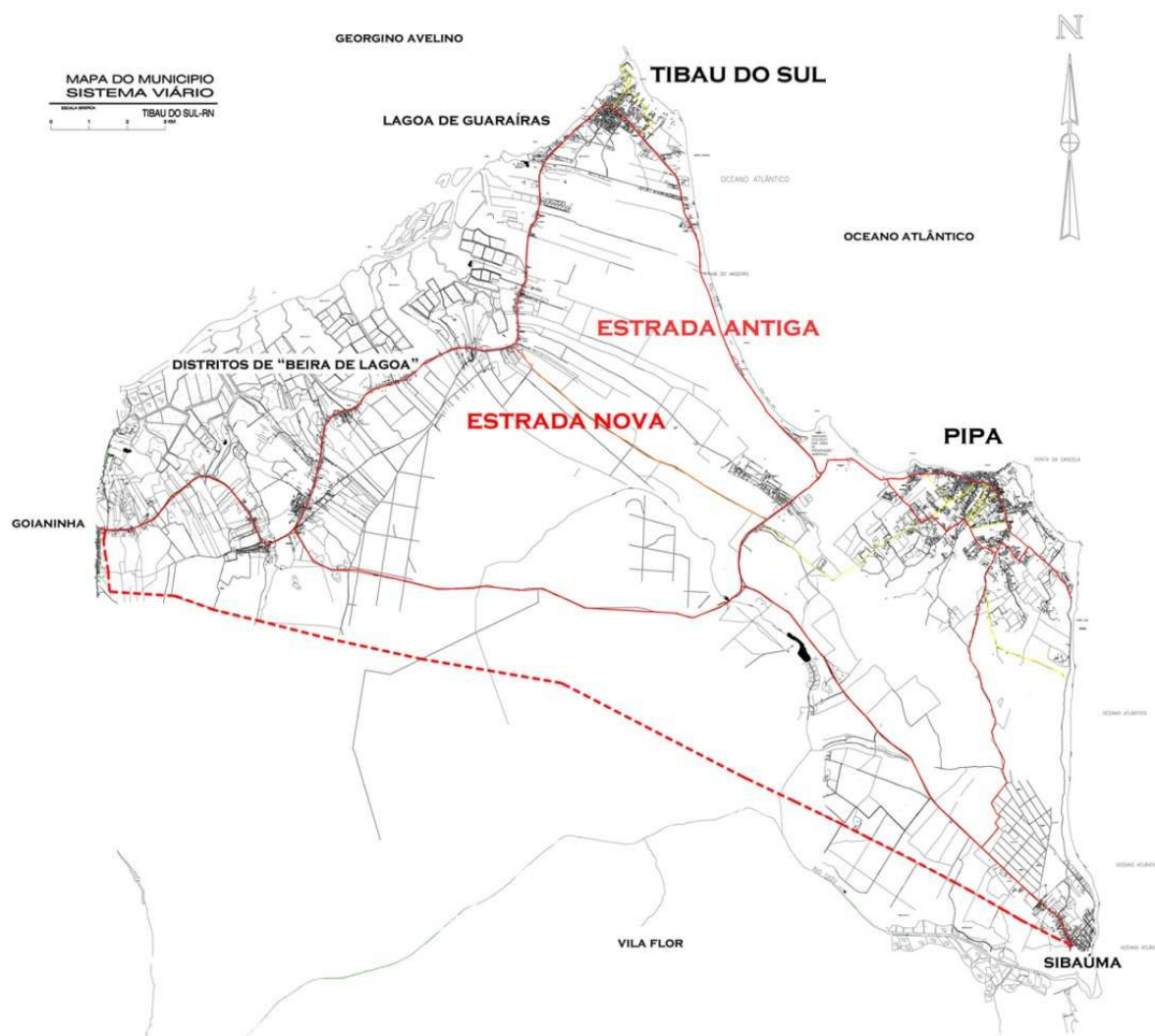
a atividade turística começou a se desenvolver somente nos anos 1970. No distrito de Pipa, um dos destinos turísticos pioneiros no Estado, a atividade teve seu início primeiramente com os surfistas atraídos pelas ondas e qualidade ambiental da localidade. Para Araújo (2002), ainda na década de 1970 iniciou um crescimento no número de residências de veraneio na praia de Pipa, levando posteriormente ao que Loloum (2011) se referiu como uma transição do turismo hoteleiro ao turismo residencial nesse destino, denominado pelo autor como um desenvolvimento “turístico-imobiliário”.

Esse desenvolvimento turístico foi estimulado, segundo Fonseca (2004), por políticas públicas federais específicas para o setor de turismo, com o objetivo de se atingir uma diversificação da economia regional do Nordeste brasileiro e um desenvolvimento dessa região. No Estado do Rio Grande do Norte, a atividade pode ser considerada como uma grande responsável por estruturar o desenvolvimento estadual (Fonseca, 2004). Por meio de políticas e planos de ação do Governo Federal em parceria com o Estadual, a estrada de acesso Goianinha-Tibau do Sul foi asfaltada no final da década de 1980. Na praia de Pipa, investimentos em infraestrutura como água, energia elétrica e telefone foram feitos somente nessa década (Loloum, 2011) e a estrada de acesso de Tibau do Sul para Pipa foi construída no início dos anos 1990, conforme relatos de alguns entrevistados do presente estudo.

As principais vias de acesso à praia de Pipa – a estrada RN-003 e a travessia de balsa na Lagoa de Guaraíras pela via litorânea – necessariamente cruzavam a localidade da sede municipal, podendo ser considerados fatores que influenciaram seu desenvolvimento (ver Figura 3). Em Tibau do Sul, as primeiras pessoas não-nativas a investirem e morarem na localidade chegaram somente no final da década de 1980, conforme relatado por essas mesmas pessoas, entrevistadas no âmbito deste estudo. No início da década de 1990 foram construídos os primeiros hotéis na região, sendo que na sede municipal um dos pioneiros no ramo hoteleiro foi o Hotel Marinas, ainda atualmente um dos maiores empreendimentos turísticos da localidade.

A atividade turística foi responsável por um rápido desenvolvimento e crescimento econômico do município. Por meio especialmente de um grande fluxo turístico internacional com destino à praia da Pipa, o auge deste desenvolvimento se deu, segundo relatos dos nativos, no período compreendido entre 2001 e 2006. De acordo com Loloum (2011), o “*boom* turístico-residencial” se manifestou no Estado principalmente por investimentos de capitais estrangeiros no setor imobiliário e turístico no período compreendido entre 2001 e 2007.

Conforme relatado pelos nativos, o fluxo turístico e investimento de capital na região têm diminuído consideravelmente nos últimos anos, com destaque à sede municipal. A diminuição do fluxo turístico na sede foi atribuída principalmente à “estrada nova”, a qual foi construída há cerca de três anos e, por interligar o distrito de Cabeceiras diretamente à Pipa, desviou grande parte do fluxo turístico de Tibau do Sul (ver Figura 3). Mais uma estrada está sendo construída, interligando o distrito de Piau à Pipa.



*Figura 3.* Mapa viário do município de Tibau do Sul

(fonte: Prefeitura Municipal de Tibau do Sul, editado por Maurício Muli)

Atualmente, as principais atividades econômicas do município se referem ao setor turístico, à atividade pesqueira, à carnicultura, e ao comércio de modo geral (Loloum, 2011), além da produção de açúcar, artesanato e agricultura, como as culturas do caju e do coco (PDITS, 2002). Na sede municipal, a economia é basicamente vinculada às atividades de pesca e de turismo, além de concentrar as agências governamentais do município e ter

um ramo comercial mais desenvolvido do que os demais distritos, com exceção ao distrito de Pipa.

A população do distrito de Tibau do Sul ainda é composta majoritariamente de nativos, muitos dos quais permanecem residindo no centro da cidade, enquanto que as propriedades de “pessoas de fora”, brasileiras ou estrangeiras, se concentram nas áreas periféricas. Os visitantes do lugar são, em sua maioria, turistas atraídos pelos destinos de Pipa e Natal-RN, tanto os que fazem a rota litorânea entre eles, utilizando-se do serviço de travessia de balsa em Tibau do Sul, quanto aqueles que são atraídos por belezas naturais do lugar (com destaque ao famoso pôr-do-sol na Lagoa de Guaraíras). Ainda, grande parte de seus serviços de hospedagem são de *resorts* e hotéis luxuosos, com poucas exceções, como uma pousada que garante um fluxo contínuo de turistas (uma maioria de franceses) o ano todo, atraídos principalmente pela prática do esporte *kitesurf*, além de outras atividades, como a canoagem, cavalgada, surf, capoeira, entre outros. Quanto ao seu planejamento urbano, uma característica da sede municipal a ser destacada refere-se a suas ruas largas, muitas de paralelepípedo e com canteiros centrais (ver Figura 4).



- 1- Portal de entrada
- 2- Entrada da estrada para Pipa
- 3- Vista da lagoa da rua principal
- 4- Praça central e igreja católica

- 5- Rua mais antiga, primeiro acesso à praia
- 6- Bifurcação de descida para praia e lagoa
- 7- Barracas de praia e encontro das águas
- 8- Praia do Giz

*Figura 4. Mapa e fotos da sede municipal de Tibau do Sul*  
(fonte: Prefeitura Municipal de Tibau do Sul, com fotos e edição de Maurício Muli)

## Capítulo 2

### Identidade e suas relações com o lugar

Identidade é um conceito amplo estudado por uma multiplicidade de campos de estudos a partir de uma diversidade de olhares. Nas palavras de Jacques (1998), “O emprego popular do termo é tão variado e o contexto conceptual tão amplo que, o que ostenta um nome tão definitivo, continua tão sujeito a inúmeras variações” (p. 8). Cabe no âmbito desta discussão, portanto, a definição do conceito denominado de identidade de lugar a ser utilizada na presente investigação, sob o referencial do campo de estudos da psicologia ambiental.

Inicialmente será exposto um panorama acerca das mudanças ao longo da história no entendimento do conceito de identidade, resultando em diferentes concepções do fenômeno. Em seguida, será apresentada a definição do conceito de lugar adotada para este estudo juntamente às principais teorias psicológicas acerca da relação entre identidade e lugar. E por fim, serão expostos a base teórica e o modelo estrutural da Teoria do Processo de Identidade, principal marco conceitual adotado para este estudo.

#### 2.1. Identidades

##### 2.1.1. *O indivíduo e o conceito de si*

Questionamentos acerca de quem somos sempre existiram desde a antiguidade. No entanto, para Jacques (1998), se nesse período a vida individual e o mundo interno eram bastante valorizados, posteriormente houve um declínio disso devido, especialmente, à concepção cristã de homem. De acordo com Hall (2006), nos tempos pré-modernos já existia a noção de indivíduo, no entanto ela se apoiava em tradições e estruturas creditadas como divinamente estabelecidas, resultando em um modo bem diferente de viver e conceituar a individualidade. O declínio dos estudos acerca da noção de indivíduo nesse período foi tão acentuado que muitos historiadores se referem à “descoberta da individualidade” entre os séculos XVI e XVIII (Jacques, 1998). Hall (2006), apoiando-se em discussões de muitos teóricos contemporâneos, discute que a concepção de sujeito individual e de identidade ganha novos contornos entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, período que o autor referencia como o início da época moderna.

A emergência dessa nova concepção de indivíduo vai se configurando, segundo Hall (2006), a partir de alguns movimentos importantes: a Reforma e o Protestantismo, com a libertação da consciência individual da soberania exercida pela Igreja; o movimento renascentista, ao colocar o homem no centro do universo; as revoluções científicas, demonstrando a faculdade e capacidades humanas de compreender os mistérios da Natureza; e o Iluminismo, com a emergência do Homem racional dotado de capacidades para compreender e dominar a história da humanidade. A formulação teórica cartesiana do dualismo mente e matéria, destacando-se no centro da mente o sujeito individual dotado de capacidade para raciocinar e pensar, pode ser considerada uma das principais contribuições para a concepção de sujeito enfocada em grande parte da história da filosofia ocidental (Hall, 2006).

Em um primeiro momento da história moderna do sujeito individual, o sujeito é visto como “indivisível” ou uma entidade unificada em seu próprio interior, que se desenvolvia, porém permanecendo essencialmente o mesmo desde o nascimento até a morte (Hall, 2006). Para Jacques (1998), o radical da palavra identidade advém do latim *idem*, que significa “o mesmo”, conferindo esta noção de um sujeito contínuo, idêntico a si mesmo permanentemente, baseada em um referencial de estabilidade que deve ser superado nos estudos acerca de identidade.

Jacques (1998) afirma que o ápice do culto ao egocentrismo pode ser atribuído ao movimento romântico, e da profusão de produções teóricas acerca da identidade aos primórdios da Psicologia como ciência independente. Nesse período, segundo Bonaiuto e Bonnes (2000), emergem algumas perspectivas psicológicas tradicionais que definem a identidade pessoal com base em alguns aspectos referentes a concepções ou características singulares do indivíduo, enfocando processos psicológicos individuais isolados de qualquer influência do ambiente. A resposta à pergunta “quem sou eu?” parecia ser suficiente para se definir o conceito de identidade, utilizando-se muitas vezes como sinônimos deste os conceitos de “imagem de si”, “conceito de si” ou “representação de si” (Jacques, 1998).

Se até o século XVIII, de acordo com Hall (2006), o indivíduo “sujeito-da-razão” ou “sujeito cartesiano” predominou como figura central nas discussões acerca da sociedade moderna, com a crescente complexidade da vida moderna o indivíduo passa a ser definido no interior das grandes estruturas sociais. Formas mais coletivas e sociais emergem, enredando o cidadão individual “nas maquinarias burocráticas e administrativas do estado moderno” (p. 30). Um aspecto diferencial da modernidade, conforme definida por Giddens (2002), é a substituição do referencial das tradições e das pequenas comunidades por

organizações mais impessoais e complexas. Como proposto por Hall (2006), um dos eventos importantes para essa concepção de um sujeito mais social foi o surgimento de novas ciências sociais. No entanto, em um primeiro momento apenas se institucionalizou o dualismo cartesiano na divisão dessas ciências, cabendo à psicologia um papel privilegiado na investigação do indivíduo e seus processos mentais.

### *2.1.2. Do enfoque individual ao social*

A emergência de um “sujeito sociológico” (Hall, 2006) advém da crítica da área da sociologia às concepções mais individualizadas da formação da subjetividade, desenvolvendo uma concepção alternativa, com enfoque na participação do sujeito em processos e estruturas sociais mais amplas.

Se a integração do indivíduo na sociedade era enfocada pelos sociólogos há muito tempo, as bases para o desenvolvimento de uma teoria psicológica social da mente devem ser atribuídas às formulações de George H. Mead (Twigger-Ross, Bonaiuto & Breakwell, 2003). O modelo interativo proposto pelo teórico e os interacionistas simbólicos tornou-se a concepção clássica de identidade, situada entre o mundo pessoal e o mundo público, formada na interação entre o eu e a sociedade (Hall, 2006). Esta concepção interacionista de identidade, produto em grande parte da primeira metade do século XX (Hall, 2006), serviu de base para uma perspectiva socio-psicológica muito utilizada em abordagens das áreas de psicologia cognitiva e social nos últimos anos (Bonaiuto & Bonnes, 2000).

Especificamente para o desenvolvimento do campo da Psicologia Social, têm-se como principais contribuições as proposições teóricas de William James, em 1920 e Margareth Mead, em 1934 (Jacques, 1998). Segundo Bonaiuto e Bonnes (2000), a perspectiva sócio-psicológica, de longa tradição em psicologia social, vem acrescentar que a identidade pessoal também pode ser definida com base em um sentimento de pertencimento a grupos ou categorias sociais, comumente designado como identidade social. Bonaiuto e Bonnes (2000) enfatizam a importância dessa perspectiva psicossocial em superar algumas perspectivas psicológicas tradicionais que investigam processos psicológicos individuais isolados de qualquer influência do ambiente. Segundo os autores, essa perspectiva atenta para as interfaces entre o indivíduo e os processos coletivos e socio-culturais, concebendo-o como entidade material e simbolicamente conectada a outros indivíduos e sistemas sociais.

Hall (2006) ressalta que esse modelo interativo (o indivíduo e as estruturas sociais mais amplas) ainda enfatiza a existência de um núcleo ou essência interior de um “eu”. No

entanto, a noção de identidade é considerada como constantemente formada e modificada num diálogo com o mundo e cultura “exteriores” (Hall, 2006), continuamente construída como resposta aos símbolos de uma determinada cultura (Twigger-Ross et al, 2003). Ou, nas palavras de Ciampa (1987, p. 67), “Em cada momento de minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta-se uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito”.

Essa noção de identidade poderia ser entendida como baseada em uma perspectiva interacional, em que “a pessoa e o ambiente” são compreendidos como unidades de análise, entendidos como entidades separadas em constante interação (Altman & Rogoff, 1987; Valera, 1996). A proposição dessa perspectiva, segundo Bonaiuto e Bonnes (2000), não se refere a negar uma realidade psicológica e cognitiva, mas apenas a conectar os processos e construtos psicológicos às atividades e processos socialmente compartilhados, e estudar suas interfaces.

De acordo com Altman e Rogoff (1987), o positivismo poderia ser considerado como a filosofia da ciência subjacente à concepção interacionista, enfatizando-se aspectos como replicabilidade, objetividade, generalização, previsibilidade e a busca por princípios e leis universais do comportamento. Para eles, os estudos que se utilizam dessa perspectiva têm como objetivo estudar as relações (e interações) entre processos psicológicos, ambiente e fatores situacionais, buscando entender as relações causa-efeito entre estas variáveis para a compreensão do fenômeno.

No entanto, ainda que esses estudos tenham como objetivo a compreensão das relações recíprocas (ou interfaces, nos termos de Bonaiuto & Bonnes, 2000) entre aquelas variáveis, Valera (1996) afirma que as abordagens, tipicamente, apresentam um enfoque unidirecional: a relação das variáveis previsíveis antecedentes e os efeitos consequentes no comportamento e processos psicológicos. Nesse sentido, Bonaiuto e Bonnes (2000) afirmam que, em muitos campos em psicologia no geral, tradicionalmente se considerou as condições ambientais como variáveis independentes e a resposta individual aos estímulos como variáveis dependentes. Assim, metodologicamente, predominaram as pesquisas experimentais em settings que garantissem observações de respostas individuais (comportamentais ou cognitivas), as quais eram atribuídas a determinados estímulos ambientais relevantes. Ao afirmar que grande parte dos estudos no campo da Psicologia Ambiental, assim como em outros campos da psicologia em geral, se enquadra nessa perspectiva, Valera (1996) atenta para a necessidade de superação desta nos estudos das relações pessoa-ambiente.

### 2.1.3. *Superando dicotomias: a pessoa-no-ambiente*

Ainda que a perspectiva anteriormente apresentada supere aquela mais individualista, Hall (2006) apresenta críticas de alguns teóricos a essa noção, alegando que o dualismo cartesiano ainda se manifesta na separação de duas entidades – indivíduo e sociedade – que se conectam.

Giddens (2002) aponta como uma característica bastante distintiva da modernidade (ou da modernidade tardia, na definição de Hall), o dinamismo extremo a que estamos sujeitos. Hall (2006) discute brevemente diferentes leituras de teóricos importantes sobre a relação entre identidade e as mudanças constantes e abrangentes na sociedade contemporânea, afirmando que um fator comum entre elas é a ênfase dada às discontinuidades. Emerge então uma nova concepção de sujeito “pós-moderno” (Hall, 2006), em que diferentes identidades são assumidas em diferentes momentos, as quais não são unificadas em torno de um eu coerente, postulando uma identidade continuamente formada e transformada. “O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (Hall, 2006, p. 13).

Na área de Psicologia Social esses mesmos argumentos ganham força, como se pode notar nas críticas de Ciampa (1987) à concepção de identidade: “a identidade que se constitui no produto de um permanente processo de identificação aparece como um *dado* e não como um *dar-se* constante que expressa o movimento do social” (p. 68, grifos do autor). E complementa, “Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto. Identidade é metamorfose” (p. 74).

Jacques (1998) complementa que a identidade se constitui na relação do sujeito com seu contexto socio-histórico, definindo-o como “resultante da ação humana enquanto externalização do seu psiquismo que volta a se interiorizar transformado, num processo contínuo de articulação entre o individual e o social” (p. 163). A autora destaca o processo de apropriação (e não de adaptação ou introjeção), a ser apresentado posteriormente por meio do conceito de apropriação dos espaços, como central na constituição da identidade do sujeito, conferindo-lhe um caráter ativo e transformador nesse processo. A autora acrescenta que, para se garantir o caráter processual dessa nova concepção de identidade, faz-se necessário superar as dicotomias individual/social, estabilidade/transformação, igualdade/diferença e unicidade/totalidade.

Nesse sentido, Altman e Rogoff (1987) e Valera (1996) apontam para a necessidade de superação do caráter molecular característico da perspectiva interacional, em que pessoa e ambiente são considerados como entidades separadas que se conectam. Os autores destacam outras perspectivas, a sistêmica e a transacional, que apresentam um caráter molar, compreendendo pessoa e entorno holisticamente definidos no interior de um sistema integrado. Após fazer uma breve retomada da história da Psicologia Ambiental e apontar algumas características gerais do campo de estudos, Valera (1996) sugere a adoção de uma perspectiva transacional como base teórico-epistemológica deste.

De acordo com Valera (1996), a perspectiva transacional tem como unidade de análise a “pessoa-no-ambiente”, sendo os dois sistemas (pessoa e ambiente) compostos por aspectos indissociáveis que, conjunta e simultaneamente, se definem. Portanto, a investigação de determinado fenômeno não pode ser realizada a partir da análise das características dos sistemas em separado e das relações entre as partes, senão como sistemas que dependem um do outro para adquirirem definição e significado. Assim, interessa a essa perspectiva o estudo de análises holísticas que definam os fenômenos a partir de suas qualidades relacionais intrínsecas, levando-se em consideração aspectos psicológicos, contextuais e temporais, os quais são inseparáveis (Valera, 1996).

As mudanças, vistas por aquela perspectiva, são consideradas como inerentes aos sistemas, coexistindo mutuamente com sua estabilidade (Altman & Rogoff, 1987). Nesse sentido, os autores propõem que, para se compreender o fenômeno investigado, o estudo deve se propor a entender as transformações do sistema, utilizando como ferramenta a investigação das qualidades relacionais dos elementos em constante mutação. Valera (1996) ressalta a natureza recíproca e bidirecional das relações pessoa e ambiente, implicando que os estudos nessa perspectiva devem, tanto buscar a origem da alteração ocorrida e a direção que esta toma, a qual é emergente e não estabelecida a priori, quanto questionar o modo como uma variação em determinado nível afeta outros níveis, criando-se constantemente novas configurações pessoa-ambiente.

Para enfatizar a importância de uma compreensão holística de pessoa e entorno, Valera (1996) destaca que um dos temas ainda insuficientemente desenvolvidos no campo da Psicologia Ambiental se refere à “análise do significado espacial e sua relação com os processos de identidade” (p. 10). Essa interrelação pessoa-ambiente como unidade inseparável encontra-se implícita nas raízes deste campo de estudos desde os primeiros escritos acerca de seus pressupostos (e.g., Ittelson, Proshansky, Rivlin & Winkel, 1974).

## 2.2. Os lugares do lugar em sua relação com a identidade

Somos alguém em algum lugar. Ou ainda, nas palavras que ouvi um dia como sendo de autoria de Paulo Freire, “A cabeça pensa onde os pés pisam”.

O desenvolvimento das diferentes concepções de identidade foi discutido anteriormente, apontando para a compreensão do indivíduo em sua relação com grupos e estruturas sociais mais amplas (Hall, 2006). Em relação às teorias psicológicas acerca da identidade, pode-se considerar que o conceito de identidade social veio suprir algumas lacunas deixadas pelas concepções mais individualizadas do sujeito (Bonaiuto & Bonnes, 2000). No entanto, alguns teóricos apontam que, nas inúmeras produções teóricas acerca desse conceito, insuficiente atenção é dada aos aspectos físicos do ambiente e, ainda, ao papel do lugar no desenvolvimento da identidade (Mourão & Cavalcante, 2011; Twigger-Ross & Uzzell, 1996; Valera & Pol, 1994). Deste modo, primeiramente será apresentada a definição do conceito de lugar adotada para este estudo e, posteriormente, as formulações teóricas das principais teorias psicológicas acerca da relação entre identidade e lugar.

### 2.2.1. Conceito de lugar

Diversos campos do conhecimento têm se dedicado à discussão do conceito de lugar, especialmente com o intuito de melhor compreender as relações dos seres humanos com o ambiente. Embora a crítica à falta de clareza conceitual acerca desse conceito seja recorrente (e.g., Patterson & Williams, 2005; Uzzell, Pol, & Badenas, 2002), no campo da Psicologia Ambiental, em que o conceito é de fundamental importância, parece haver um consenso quanto à sua definição e diferenciação do conceito de espaço (Lewicka, 2008): à medida que interagimos com o contexto físico e social, espaços indiferenciados são dotados de valor e significados, o que os tornam lugares (Tuan, 1983).

Muitos estudiosos do conceito de lugar consideram que ele é constituído, essencialmente, por três componentes interrelacionados: físico, funcional e psicológico (Speller, 2005; Vidal et al, 2010). De modo geral, referem-se às características físicas do espaço; às atividades e funções concretas observáveis ou comportamentos das pessoas associados ao ambiente; e aos processos psicológicos individuais (i.e., emoções, cognições) e sociais, bem como características pessoais, as quais também são atreladas a fatores culturais e sociais (Smaldone et al, 2005; Speller, 2005; Stedman, 2002; Vidal et al, 2010). As diversas conceituações de lugar parecem ser distinguidas com base no grau ou ênfase dada a cada um dos três componentes (Smaldone et al, 2005).

Tuan (1983) destaca a importância da experiência para o entendimento de lugar, ou seja, a consideração dos diversos modos de cada pessoa experienciar e interpretar espaços e lugares, o que pode gerar sentimentos complexos e, muitas vezes, ambivalentes. “se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar” (Tuan, 1983, p. 6). Nesse sentido, Smaldone e colaboradores (2005) propõem que o lugar deve ser entendido como um processo, e não como uma entidade estática, ressaltando uma perspectiva mais dinâmica (experiencial, nas palavras de Tuan, 1983) como fundamental para o entendimento do conceito. Essa conotação temporal do conceito tem sido destacada em diversos estudos (Speller, 2005), estabelecendo-se “uma ligação entre o indivíduo e o seu passado, presente e futuro coletivos” (p. 133).

Em uma perspectiva mais sociológica, utilizando-se do referencial de Giddens, Hall (2006) corrobora a diferenciação entre os conceitos de espaço e lugar apontando que os espaços podem ser “cruzados”, enquanto que os lugares representam as nossas “raízes”, permanecendo fixos. “O “lugar” é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas” (Hall, 2006, p. 72).

Além da complexidade desse conceito, alguns estudiosos das relações pessoa-ambiente apontam para algumas dificuldades de se definir os diversos construtos referentes aos vínculos das pessoas com os ambientes e lugares, como por exemplo, senso de lugar, apego ao lugar, identificações com o lugar, identidade de lugar, entre outros (Lewicka, 2008; Manzo, 2003; Speller, 2005; Stedman, 2002). Uma explicação para a confusão conceitual dos construtos refere-se ao predomínio de uma orientação positivista em muitos estudos, destacando-se mais uma preocupação com a atomização do fenômeno do que com uma compreensão holística deste (Vidal & Pol, 2005; Vidal, Valera & Però, 2010). Assim, incorre-se no risco de negligenciar a natureza fluida, mutável e transacional das relações das pessoas com os lugares (Smaldone, Harris & Sanyal, 2005), conforme discutido anteriormente. Complementar a esta crítica, Manzo (2003) acrescenta que muitos estudos enfatizam as experiências com o lugar como um fenômeno limitado ao âmbito individual ou de uma comunidade local, cerceando o entendimento de que, apesar de serem experienciadas em um nível pessoal, são produtos de uma realidade política, social e econômica mais ampla que deve ser considerada.

### 2.2.2. Teorias psicológicas acerca das relações entre identidade e lugar

A partir da interação com o ambiente definimos quem somos. Nesse sentido, a mútua influência entre pessoa e ambiente implica que o desenvolvimento de nossa identidade refere-se necessariamente, em maior ou menor extensão, ao ambiente (Twigger-Ross & Uzzell, 1996). Em outras palavras, as transações pessoa-ambiente dão suporte, em parte, para o senso de *self* do indivíduo emergir (Dixon & Durrheim, 2004).

Para Twigger-Ross e Uzzell (1996), há dois conceitos principais por meio do qual o lugar tem sido relacionado à identidade: identificações com o lugar (*place identifications*) e identidade de lugar (*place identity*). Esses conceitos são muitas vezes utilizados alternadamente sem a preocupação de distingui-los (Speller et al, 2002; Speller, 2005).

Três processos ou modos de identificação foram propostos por Graumann (1983, apud Speller et al, 2002; Speller, 2005)- identificar, ser identificado e identificar-se com (algo ou alguém) – os quais precedem e conduzem à formação da identidade. Identificar e ser identificado são processos referentes aos indivíduos serem, simultaneamente, sujeito e objeto dos processos de identificação (Speller, 2005). Segundo Valera e Pol (1994), esses dois processos são essenciais para o estabelecimento de relações ou interações, e ocorrem por meio de mecanismos cognitivos ou processos de categorização social, a serem explicitados no próximo tópico. Identificar-se com pode ser considerado o processo mais importante, visto que significa o indivíduo modelar-se em função de algo ou alguém. O modelo de identificação não precisa ser real, podendo corresponder ao que a pessoa almeja atingir, exercendo uma função simbólica fundamental (Speller et al, 2002; Speller, 2005).

De acordo com Mourão e Cavalcante (2006), a identidade, entendida como um processo dinâmico e mutável, comporta vários sistemas identificatórios. Hauge (2007) complementa que a unidade da pessoa não pode ser entendida como natural ou inata, sendo obtida psicologicamente a partir de processos de identificação, e mantida como identidade por meio de um contínuo processo de socialização.

São três as principais teorias psicológicas referentes à relação entre identidade e lugar, todas com origens semelhantes com base nas teorias sobre o *self* de William James, em 1890 e Margareth Mead, em 1934: a) Teoria de Identidade Social (*Social Identity Theory*); b) Teoria de Identidade de Lugar (*Place Identity Theory*); e c) Teoria de Processo de Identidade (*Identity Process Theory*) (Bernardo & Palma, 2005; Hauge, 2007; Twigger-Ross et al, 2003).

*a) Teoria de Identidade Social*

A *Teoria de Identidade Social* (TIS), baseada principalmente nos estudos de Tajfel nas décadas de 1970 e 1980, salienta que parte da identidade é definida por meio das relações sociais (Twigger-Ross et al, 2003). Essa concepção, de longa tradição no campo da Psicologia Social e comumente designada de identidade social, refere-se aos aspectos da identidade relacionados às relações interpessoais e suas influências sociais e culturais (Hauge, 2007). Desse modo, diversas tradições em psicologia concebem que a identidade é constituída tanto por aspectos referentes a características ou concepções singulares do indivíduo, denominada de identidade pessoal, quanto pela identidade social (Bonaiuto & Bonnes, 2000).

Os dois princípios básicos postulados pela TIS para o desenvolvimento da identidade social são os processos de categorização e comparação social. Os processos de categorização referem-se à identidade ser definida em termos de categorias ou grupos sociais (gênero, etnicidade, nacionalidade, classe social, etc) (Bonaiuto & Bonnes, 2000; Twigger-Ross et al, 2003). As percepções do indivíduo, de si e dos outros, se dá por meio dessas categorias sociais abstratas (Hauge, 2007), buscando-se características e atributos de si e/ou de seu grupo que os distingam dos demais (pessoas e grupos) (Twigger-Ross et al, 2003). O princípio de comparação social assume que o indivíduo tende a perceber as características distintivas de si e/ou de seu grupo ou endogrupo (*ingroup*), avaliando-as positivamente em relação aos demais (indivíduos ou grupos), de modo a adquirir ou preservar sua autoestima e assim desenvolver ou manter uma identidade satisfatória (Twigger-Ross et al, 2003). Esses princípios, ao levarem o indivíduo a favorecer o endogrupo e/ou a subestimar ou discriminar o exogrupo (*outgroup*), tanto no nível de percepção quanto de comportamentos sociais, podem ser considerados como o núcleo motivacional da teoria (Twigger-Ross et al, 2003).

Twigger-Ross e colaboradores (2003) afirmam que as pessoas se engajam em grupos sociais com o intuito de manter ou aumentar uma identidade social, visto que todo grupo social tem como objetivo adquirir ou manter sua própria especificidade positiva. A importância do sentimento de pertencimento ao grupo deve ser evidenciada, considerando-o como uma condição necessária tanto para a distintividade positiva do endogrupo e suas implicações, quanto para a auto-imagem (*self-image*) do indivíduo (Twigger-Ross et al, 2003). Desse modo, tem-se que parte da auto-imagem dele é definido por sua pertença a um grupo e, uma vez que esta contribui para a definição de sua identidade, a tendência de se fazer uma avaliação positiva de si também será estendida a este grupo (Bonaiuto &

Bonnes, 2000, Hauge, 2007). Ao mesmo tempo, essas implicações podem produzir comportamentos característicos de um grupo, contribuindo para a definição da identidade deste (Hauge, 2007).

O sentimento de pertencimento a um grupo leva o indivíduo a reinterpretar as características e ações sociais de seu grupo, necessariamente por meio da comparação intergrupos. Particularmente em situações em que o contexto de interação salienta aspectos da identidade social, o indivíduo tende a agir com base em suas identificações sociais em vez de suas identificações pessoais. (Twigger-Ross et al, 2003). Se uma autoestima positiva não é preservada, o indivíduo tende a deixar o grupo ou, caso não seja possível, a reavaliar os aspectos negativos deste de um modo positivo ou ainda a negá-los (Bonaiuto & Bonnes, 2000; Bonaiuto, Breakwell, & Cano, 1996; Hauge, 2007).

À luz dessas considerações, a identidade social pode ser definida, com base na TIS, como uma parte da auto-imagem (*self-image*) do indivíduo, desenvolvida e mantida por sentir-se pertencente a um determinado grupo (Bonaiuto et al, 1996). Ou ainda, como parte do autoconceito do indivíduo derivado de seu pertencimento a um grupo ou grupos sociais e dos significados valorativos e emocionais subjacentes (Valera & Pol, 1994).

Dentre outras teorias em psicologia social, Twigger-Ross e colegas (2003) consideram que a TIS, tendo sido amplamente testada de forma empírica, pode ser destacada como uma das que mais tiveram contribuições heurísticas. Segundo Bonaiuto e Bonnes (2000), essa foi posteriormente desenvolvida por outros teóricos voltados a analisar os processos cognitivos específicos que explicavam os processos de grupo e o desenvolvimento da identidade social, culminando na Teoria da Auto-Categorização (*Self-categorization Theory*) (TAC). Essa tem o foco voltado à explicação de mecanismos cognitivos fundamentais que levam as pessoas a conceituarem a si mesmas com referências a categorias sociais.

As teorias ressaltam que as percepções e comportamentos do indivíduo e do grupo são regulados por diferentes auto-categorizações, as quais são relacionadas a diversas categorias sociais salientes em determinado contexto. Portanto, tem-se que o contexto está, necessariamente, implicado na definição do conceito de self proposta por essas teorias e no desenvolvimento da identidade social (Twigger-Ross et al, 2003). Alguns autores ressaltam que a TIS pode ser considerada uma das mais importantes teorias psicológicas a enfatizar a relação entre identidade e o significado de lugar (Twigger-Ross et al, 2003; Vidal et al, 2010).

Segundo Twigger-Ross e colegas (2003), nas formulações teóricas da TIS, assume-se que a relevância do lugar para a identidade se refere às pessoas decidirem se mudar para lugares específicos com o intuito de manter ou aumentar uma identidade social positiva (Twigger-Ross et al, 2003). Bernardo e Palma (2005) argumentam que nessa teoria os aspectos ambientais e os objetos são considerados somente como representativos de, e suporte para, as relações sociais. Para Speller, Lyons e Twigger-Ross (2002), no âmbito da psicologia social o lugar tem sido muitas vezes conceituado ora como uma categoria social ora como um símbolo de uma ideologia ou de um grupo social. Mourão e Cavalcante (2011) ressaltam que o lugar não pode ser resumido ao contexto, uma vez que tem como função primária o estabelecimento de um senso de pertencimento e de conexão do indivíduo com o ambiente, tornando-se parte do processo identitário. Twigger-Ross e Uzzell (1996) afirmam que a abordagem de identidade social poderia suprir somente uma parcela acerca da relação entre o self e o ambiente, tornando-se essencial para esta discussão o construto de identidade de lugar.

Assim, alguns teóricos apontam que insuficiente atenção é dada, nos estudos com base na TIS, aos aspectos físicos do ambiente e, ainda, ao papel do lugar no desenvolvimento da identidade (Valera & Pol, 1994; Twigger-Ross & Uzzell, 1996). No entanto, Twigger-Ross e colaboradores (2003) ressaltam que o modelo estrutural dessa teoria poderia ser facilmente adaptado para abarcar as relações entre identidade e lugar. Bonaiuto e Bonnes (2000) fazem referências a alguns estudos que utilizaram desse referencial teórico, estendendo a aplicabilidade de seus construtos para a dimensão física do ambiente.

Desse modo, ao se estender as contribuições teóricas da TIS para englobar as implicações do lugar para a identidade, o conceito de identidade de lugar pode ser definido como um processo pelo qual as pessoas descrevem a si mesmas, por meio da interação com os lugares, como pertencentes a um lugar específico (Hernández, Hidalgo, Salazar-Laplace, & Hess, 2007). Segundo os autores, a identidade de lugar só se desenvolve após um período longo de interação e experiências simbólicas com o lugar. Essa pode ser concebida como um mecanismo cognitivo, e entendida como um componente da identidade pessoal relacionado a um lugar a que a pessoa se sente pertencente (Hernández et al, 2007; Hernández, Martín, Ruiz, & Hidalgo, 2010).

O sentimento de pertencimento assume uma importância central na definição daquele conceito, sendo derivado dos processos de identificação com o lugar ou entornos significativos para o grupo a que se deseja pertencer (Vidal & Pol, 2005), e decorrentes dos

processos de categorização e comparação social (Twigger-Ross et al, 2003). Por meio da acentuação das semelhanças e diferenças de um lugar em relação a outros, é possível a identificação com os principais atributos desse lugar (Valera & Pol, 1994). Segundo Speller e co-autores (2002), a identificação com o lugar ocorre por meio da interação da pessoa com o ambiente. Ao funcionar com esse e entender o funcionamento de outras pessoas e do ambiente, torna-se possível que a pessoa modifique seu entorno e/ou a percepção desse e de si mesmo, atribuindo significados a ambos.

Nesse sentido, Vidal e Pol (2005) afirmam que a identificação simbólica da pessoa com determinados aspectos de seu entorno permite o reconhecimento do ambiente, evidenciando a importância do mecanismo de apropriação dos espaços para o entendimento daquela. De acordo com os autores, esse mecanismo, básico ao desenvolvimento humano, ocorre por meio das ações dos indivíduos, grupos ou coletividades sobre seu entorno. Através dessas ações, eles transformam os espaços ao mesmo tempo em que se transformam neste processo de interação, ao atribuir-lhes significados pessoais e sociais que possibilitam a “interiorização” da práxis humana. Assim, por meio da apropriação, o indivíduo incorpora seu entorno em seus processos cognitivos e afetivos, constante e ativamente. E, mediante os processos de categorização, algumas qualidades desse são autoatribuídas como definidoras de sua identidade. Vidal e Pol (2005) destacam o papel fundamental desse processo para o desenvolvimento da identidade e a consideram como um dos mais importantes vínculos da pessoa com o ambiente.

#### *b) Teoria de Identidade de Lugar*

A *Teoria de Identidade de Lugar* (TIL) tem como referência principal as proposições de Harold Proshansky, que propôs o conceito de identidade de lugar (*place-identity*) em seu artigo de 1978 e que, nos estudos do campo da Psicologia Ambiental, parece ser o modelo predominante (Twigger-Ross et al, 2003). Proshansky (1978) propôs o conceito ao refletir sobre a natureza do *self* e da identidade pessoal no contexto das cidades e ambientes construídos (Speller et al, 2002; Speller, 2005).

Visto de modo bastante simplificado, o *self* é um termo utilizado para descrever o indivíduo como um sistema completo, incluindo-se suas percepções conscientes e inconscientes de seu passado, de suas experiências e comportamentos cotidianos, assim como de suas aspirações futuras (Proshansky, Fabian, & Kaminoff, 1983). Inserido no contexto social, há o desenvolvimento de um senso de *self* por meio dos processos de

categorização e comparação social, destacados anteriormente. O indivíduo compara e percebe as similaridades e diferenças entre o “eu” e “o(s) outro(s)”, primeiramente a partir da percepção (visual, auditiva, etc), e posteriormente pela verbalização das diferenças. Crenças, interpretações e avaliações de si são desenvolvidas e, num processo contínuo ao longo de um período, podem se configurar no que usualmente se conceitua como identidade, pessoal e social, por exemplo (*self-identity* e *social-identity*) (Proshansky et al, 1983).

Proshansky e colaboradores (1983) acrescentam que aquela distinção não ocorre somente entre o indivíduo e outras pessoas significantes para ele, como muitas outras teorias já postulavam, mas igualmente com os objetos e os espaços físicos em que se encontram. Os autores afirmam que o termo identidade de lugar já havia sido sugerido por alguns geógrafos humanistas e que outros autores já haviam teorizado acerca da relação entre identidade e lugar (Proshansky et al, 1983), como por exemplo, o conceito de *identidade espacial*, proposto por Marc Fried, em 1963, e não adotado por outros autores (Twigger-Ross et al, 2003). Proshansky e demais autores (1983) ressaltam as contribuições de Fried e criticam sua falha ao atribuir importância somente ao ambiente da casa para o desenvolvimento da identidade e não estende-la a outros contextos físicos. Uma grande contribuição dos autores foi destacar a importância dos contextos físicos para o desenvolvimento da identidade para além de contextos imediatos significativos (Bonaiuto et al, 1996), como a casa, vizinhança ou comunidade.

O desenvolvimento da identidade de lugar, segundo Proshansky e colegas (1983), se inicia nos primeiros estágios dos processos de socialização da criança, o que poderia justificar a grande importância dada a contextos específicos como a casa, escola e vizinhança para o entendimento desse conceito. No entanto, os autores propõem que uma ampla gama de experiências e relações entre o indivíduo e diversos aspectos do ambiente físico influencia a identidade de lugar, baseada em uma variedade de contextos físicos que definem a existência de uma pessoa dia-a-dia, desde seu nascimento até a morte. Dessas experiências e relações emerge uma estrutura cognitiva complexa, denominada por eles como identidade de lugar, que vai muito além de apego emocional ou sentimento de pertencimento em relação aos lugares (Proshansky et al, 1983, p. 61 e 62).

A identidade de lugar é vista na teoria como uma parte singular da identidade pessoal (*self-identity*) ou subestrutura cognitiva desta, a qual por sua vez é tida como uma subestrutura do sistema de self (*self system*) (Proshansky et al, 1983; Twigger-Ross et al, 2003). Proshansky e colaboradores (1983) atentam para o fato de que outras teorias

compreendam o self como um sistema estável, unificado e integrado, enfatizando mais sua constância e estabilidade do que seus aspectos de mudança. Ressaltam, portanto, que todas as concepções de self devem ser entendidas como uma estrutura psicológica complexa caracterizada tanto por propriedades “permanentes” (*enduring*), em seus aspectos temporais e espaciais, quanto por aquelas menos estáveis e aptas a mudanças (Proshansky et al, 1983).

As mudanças situacionais estão relacionadas àquelas graduais ao longo do curso de vida, relativas aos processos de socialização e desenvolvimento dos papéis sociais, assim como às mudanças nos contextos, por exemplo, de elementos físicos (mudanças demográficas, ecológicas, etc), desenvolvimento tecnológico ou mudanças nos sistemas político, econômico, social e cultural de uma localidade, desenvolvidas em um curto ou longo período de tempo (Proshansky et al, 1983). Resulta disto que as relações pessoa e ambiente, assim como o conceito de identidade, são visto por essa teoria como um processo dinâmico (Speller, 2005).

Proshansky e co-autores (1983) definem a identidade de lugar como cognições acerca do mundo físico em que a pessoa vive, as quais permitem que esta possa estabelecer vínculos emocionais e de pertencimento a determinados lugares ou espaços. Essas cognições devem ser compreendidas em sua complexidade e multidimensionalidade, incluindo-se as memórias, valores, preferências, significados, atitudes, sentimentos, idéias e concepções de experiências e comportamentos, que se relacionam com a variedade e complexidade dos settings físicos. Esses settings se referem às situações em que o indivíduo é circunscrito dia-a-dia, não somente de realidades físicas (presente), mas também passadas, por meio de memórias e interpretações, bem como antecipadas, por fantasias e imaginação, por exemplo (Proshansky et al, 1983).

Proshansky e colegas (1983) destacam o *passado ambiental* como o núcleo das cognições, e portanto da identidade de lugar, entendendo-o como os espaços e lugares das experiências da pessoa e suas propriedades, que instrumentalmente serviram no passado para a satisfação de suas necessidades, biológicas, psicológicas, sociais e culturais (p. 59). Twigger-Ross e colaboradores (2003) ressaltam que o passado ambiental não é somente o conjunto dos espaços físicos do passado, mas as cognições de valências positiva ou negativa acerca deste mundo físico. Essas incluem as normas e comportamentos sociais associados a esse mundo físico assim como a visão de outras pessoas acerca deste, o que define o conceito de identidade de lugar dos autores como inerentemente social.

Aquela mesma afirmativa não deve ser entendida somente em relação ao passado ambiental, visto que Proshansky e colaboradores (1983; Twigger-Ross et al, 2003) destacam que devem ser somadas às cognições acerca dos settings as definições sociais destes, como normas, comportamentos, regras e regulações inerentes ao uso do espaço ou lugar por determinado grupo. Referem-se, portanto, necessariamente à existência social e cultural desse grupo tanto em suas universalidades quanto em sua distintividade com outros grupos (Proshansky et al, 1983).

Proshansky e colegas (1983) propuseram um modelo para explicar as funções específicas da identidade de lugar em relação às experiências, pensamentos e comportamentos do indivíduo que serviriam para auxiliar em algum nível no importante processo de integração da identidade pessoal (*self-identity*) do indivíduo. As cinco funções que compõem o modelo proposto (*recognition, meaning, expressive-requirement, mediating change, anxiety/defence*) destacam a importância de se manter a continuidade de lugar para se manter a continuidade do self (Twigger-Ross et al, 2003).

Para Proshansky e co-autores (1983), uma propriedade importante da identidade de lugar é que seu conteúdo (cognições), assim como sua influência, geralmente não são conscientes (“*not in awareness*”), conferindo-lhe um papel significativo de moldar experiências e comportamentos da pessoa em um determinado contexto físico (p. 63). Segundo Valera e Pol (1994), as cognições que configuram a identidade de lugar se tornam conscientes somente face a ameaças para a estrutura de identidade. Esse mecanismo permite que a pessoa reconheça as propriedades do novo ambiente relacionadas a seu passado ambiental, favorecendo um sentido de familiaridade e percepção de estabilidade no ambiente. Ainda, possibilita que a pessoa obtenha alguns indícios de como agir e determine o grau de apropriação ou sua capacidade de modificar o entorno, atribuindo-lhe um sentimento de controle e segurança ambiental. O funcionamento deste mecanismo é explicado por Proshansky e colegas (1983) por meio das cinco funções da identidade de lugar responsáveis pela manutenção e proteção da integridade da identidade pessoal do indivíduo.

Ainda que a importância dessa literatura seja reconhecida pela maioria dos estudiosos da relação de identidade e lugar, enfatizando-se sua grande contribuição ao desenvolvimento da teoria, algumas críticas à TIL são recorrentes. Muitos autores apontam para a falta de dados empíricos que dificultam a tradução de seus argumentos em possibilidades de aplicação para os estudos (e.g., Speller et al, 2002; Bernardo & Palma, 2005), e que os estudos que utilizaram seu conceito posteriormente não testaram sua

estrutura conceitual (Twigger-Ross et al, 2003). Segundo Twigger-Ross e colaboradores (2003), o principal aspecto ainda utilizado daquela proposta é o próprio nome do conceito e poucos estudos posteriores deixam claro quais aspectos da identidade de lugar estão sendo enfocados. Para Bonaiuto e colegas (1996), apesar da TIL ser teórica e empiricamente pouco desenvolvida, seu mérito é de formalizar que o desenvolvimento de nossa identidade está implicado e enraizado nos mais diversos contextos em que vivemos.

Outras críticas feitas à teoria são de que ela não indica quais as possíveis qualidades do ambiente físico e social estimulariam a torná-lo lugar nem quais os princípios que guiarão uma ação em relação à identidade e, portanto, não esclarece como e por quê esse lugar se tornar saliente para a identidade (Twigger-Ross & Uzzell, 1996; Twigger-Ross et al, 2003). Ainda, apesar da teoria explicitar que self e lugar são aspectos diferentes da identidade, não esclarece em que diferem e qual a relação entre as identidades pessoal e de lugar (Uzzell, Pol, & Badenas, 2002), nem como mudanças no ambiente podem influenciar a identidade de um indivíduo e/ou grupo (Twigger-Ross et al, 2003). E por fim, ainda que Proshansky e colaboradores (1983) tenham se referido à dimensão social do ambiente, Twigger-Ross e colegas (2003) apontam que o modelo de *self* apresentado tem um enfoque bastante individualista, negligenciando a natureza social dos lugares.

Inúmeras outras propostas derivaram da teoria de Proshansky e colaboradores, tornando-se impossível fazer referência a uma única teoria de identidade de lugar, sendo que muitos estudos a integraram às teorias de identidade social (e.g., Devine-Wright & Lyons, 1997; Valera & Guàrdia, 2002; Valera & Pol, 1994). Muitos outros estudos nomearam diversos conceitos referentes a contextos mais específicos e/ou escalas variadas (i.e., *urban-related identity*, *settlement-identity*, *national identity*), evidenciando a importância do contexto físico e social, assim como dos valores e significados atribuídos a ele, para a discussão acerca da identidade. Um exemplo disso é o conceito de identidade social relacionada ao lugar (*place-related social identity*), sendo a identidade de lugar entendida como um aspecto da identidade social e não como uma dimensão específica da identidade, uma vez que se considera que todos os aspectos da identidade terão, em maior ou menor extensão, implicações relacionadas ao ambiente (Uzzell et al, 2002).

O conceito de identidade associada ao urbano (*urban-related identity*) proposto por Marco Lalli em 1992, destaca-se por ser baseado na concepção de identidade de lugar de Proshansky relacionado a um contexto mais específico e representar importantes contribuições à teoria (Twigger-Ross et al, 2003). Segundo os autores, o estudo utiliza outras formulações teóricas além da cognitiva e enfatiza a dimensão social do ambiente ao

discutir como a identidade da cidade, construída socialmente, pode influenciar a identidade da pessoa relacionada ao lugar.

Valera e Pol (1994) sugeriram o conceito de identidade social espacial que, seguindo a referência a um contexto mais específico proposta por Lalli, denominaram de identidade social urbana. De acordo com os autores, tanto a noção de identidade social de Tajfel quanto a de identidade de lugar de Proshansky, apesar de teorizarem sobre a pessoa em relação ao grupo e/ou ao ambiente, fazem referências a processos de identidade social centrados mais no indivíduo do que nos grupos. Assim, os autores estenderam a definição do conceito de identidade social, na acepção de Tajfel, para os entornos urbanos.

Para Valera e Pol (1994), o processo de categorização se diferencia em diversos níveis de abstração grupal, sendo necessário para que o indivíduo, não só se sinta pertencente a uma categoria social, mas a determinados entornos significativos para o grupo. Os autores propõem que o grupo estabelece, por meio da interação simbólica, um conjunto de significados socialmente elaborados e compartilhados que o identifica como grupo e que confere dimensão social e simbólica aos espaços significativos para este. Desse modo, ampliaram o conceito de identidade social assumindo a relevância do senso de pertencimento ou apego a ambientes significativos específicos, em suas dimensões física, social e simbólica, que denominaram de entornos urbanos (Valera & Guàrdia, 2002). De acordo com Mourão e Cavalcante (2006), o conceito de identidade social urbana integra a concepção de vários outros conceitos, a saber, identidade de lugar, identidade social, identidade urbana, teoria de categorização social e comunidade simbólica.

### *c) Teoria do Processo de Identidade*

A *Teoria do Processo de Identidade* (TPI), formulada por Glynis Breakwell (Breakwell, 1988), considera que lugares são fontes fundamentais de elementos da identidade (Twigger-Ross & Uzzell, 1996; Twigger-Ross et al, 2003). Twigger-Ross e Uzzell (1996) afirmam que o desenvolvimento de nossa identidade refere-se, necessariamente, em maior ou menor extensão, ao ambiente. Twigger-Ross e colaboradores (2003) complementam que a diversidade de teorias de identidade (pessoal, social e de lugar, por exemplo) se deve à diferenciação na ênfase dada a cada um desses elementos. Os autores consideram desnecessárias tanto a distinção entre identidade pessoal e identidade social, quanto uma teoria especial focada na identidade de lugar, uma vez que o lugar seria apenas um componente da identidade, submetido às mesmas regras aplicadas a outros componentes. Apenas ressaltam a importância das macro-teorias de processo de

identidade passar a considerar os efeitos do ambiente físico e de lugares sobre a identidade (Timotijevic & Breakwell, 2000; Twigger-Ross et al, 2003).

A abordagem teórica e estrutural proposta pela TPI é a principal referência adotada para se investigar o fenômeno central deste estudo, a identidade de lugar, e será apresentada a seguir.

### **2.3. Modelo estrutural adotado: Teoria do Processo de Identidade**

A proposição central da Teoria do Processo de Identidade (TPI) é de que a identidade é um produto social dinâmico da interação entre as capacidades de memória, consciência e interpretação (ou imagem) organizada (*capacities for memory, consciousness and organised construal*), características de um organismo biológico, e os contextos sociais, constituídos por estruturas físicas e sociais, assim como pelos processos que as influenciam (Timotijevic & Breakwell, 2000; Twigger-Ross et al, 2003). Twigger-Ross e colegas (2003) consideram que a identidade se refere a processos psicológicos, e se manifesta por meio de pensamentos, emoções e afetos. Entendida como processo, a identidade pode ser descrita em termos de sua estrutura assim como de seus processos ou mudanças (Twigger-Ross et al, 2003).

Nessa abordagem, considera-se que a estrutura da identidade se manifesta em dois planos, a saber, a dimensão de conteúdo e a dimensão de valor. Segundo Twigger-Ross e co-autores (2003), a primeira contém as características ou propriedades do indivíduo que o tornam único e que, portanto, definem sua identidade. Essas seriam as características que definem o que é comumente denominado de identidade pessoal (valores, atitudes, etc) e identidade social (pertencimento a um grupo, papéis e categorias sociais, etc). Speller e colaboradores (2002) afirmam que essa dimensão contém informações sobre o indivíduo, como aspectos comportamentais, físicos, psicológicos e referentes à sua história de vida, assim como a pertença a um grupo e identificações com categorias sociais.

A dimensão de conteúdo é organizada, porém não estática, reagindo às mudanças e demandas do contexto social. Cada elemento dessa dimensão é avaliado positiva ou negativamente, formando a dimensão de valor, a qual está sob constante influência das mudanças nos sistemas de valores sociais bem como da postura do indivíduo diante destas (Devine-Wright & Lyons, 1997; Timotijevic & Breakwell, 2000; Twigger-Ross et al, 2003).

Twigger-Ross e colaboradores (2003) destacam que as especificidades do contexto social em que se desenvolve a identidade devem ser consideradas, tanto as de suas características gerais quanto as do período histórico em questão. Sistemas de valores e crenças são estabelecidos por processos de influência social (educação, propaganda, etc) e reificados por representações, normas e atribuições sociais, os quais influenciam as dimensões de conteúdo e de valor da identidade.

Os conteúdos e valores são regulados por dois processos psicológicos universais dinâmicos, os quais conferem o caráter processual da identidade: o de acomodação-assimilação e o de avaliação. A absorção de novos elementos ou informações na estrutura de identidade refere-se à assimilação que, juntamente à acomodação, ou ajuste da estrutura para integrar esses novos elementos, formam um processo dinâmico único (Devine-Wright & Lyons, 1997; Timotijevic & Breakwell, 2000; Twigger-Ross et al, 2003). Timotijevic e Breakwell (2000) conceituam esse processo como um sistema de memória sujeito a reter novos elementos bem como a servir como um sistema de referência dos elementos anteriormente postos.

A atribuição de valores e significados aos conteúdos velhos e novos da identidade refere-se ao processo de avaliação (Devine-Wright & Lyons, 1997; Timotijevic & Breakwell, 2000; Twigger-Ross et al, 2003). Speller e colaboradores (2002) discutem que esse processo de avaliação contínuo é motivado e guiado por propósitos de se atingir uma avaliação positiva dos elementos da identidade (dimensão de conteúdo) para o self. Timotijevic e Breakwell (2000) complementam que, juntos, esses processos são responsáveis pelas mudanças, ao longo de um período, nos conteúdos e valores da identidade (referentes à sua estrutura), e que mudanças nos padrões de assimilação requerem outras modificações no processo de avaliação e vice-versa.

Segundo Twigger-Ross e colaboradores (2003), a operação daqueles processos dinâmicos é guiada por princípios, funcionando no sentido de se definir estados desejáveis para a estrutura de identidade. Esses princípios, bem como o que é considerado como estados desejáveis, são relativos e específicos a cada cultura e período histórico (Twigger-Ross et al, 2003). Atualmente são quatro os princípios guias considerados para as culturas ocidentais industrializadas: *distintividade (distinctiveness)*, *continuidade (continuity)*, *autoeficácia (self-efficacy)* e *autoestima (self-esteem)* (Bernardo & Palma, 2005; Speller et al, 2002; Timotijevic & Breakwell, 2000; Twigger-Ross & Uzzell, 1996; Twigger-Ross et al, 2003), os quais serão, a seguir, apresentados separadamente. A ênfase dada a cada um deles também é específica à determinada cultura e período histórico (Timotijevic &

Breakwell, 2000), bem como temporalmente relativo e específico a cada situação (Speller et al, 2002).

Em suma, a identidade pode ser conceituada a partir do entendimento do indivíduo como um organismo biológico desenvolvendo-se, ao longo do tempo, por meio dos processos de acomodação, assimilação e avaliação do mundo social (Twigger-Ross & Uzzell, 1996). Esses processos possibilitam mudanças na estrutura da identidade (Timotijevic & Breakwell, 2000), por meio da seleção das informações a serem assimiladas. A seleção é guiada por aqueles quatro princípios, os quais estão em constante interação (Vignoles, Chryssochoou, & Breakwell, 2000) e podem ser considerados motivadores para a ação em relação à identidade (Twigger-Ross & Uzzell, 1996).

A TPI propõe que geralmente os indivíduos estão conscientes dos processos que influenciam sua identidade, permitindo-lhes monitorar o status desta (Timotijevic & Breakwell, 2000; Twigger-Ross et al, 2003). Desse modo, a identidade não é compreendida por um modelo determinista, já que o indivíduo pode criar sua identidade dinamicamente nessas interações com os ambientes físicos e sociais (Twigger-Ross et al, 2003), renovando, substituindo, revisando e removendo elementos de sua identidade quando necessário (Timotijevic & Breakwell, 2000).

Em caso de mudanças mais drásticas que possam ameaçar a capacidade de qualquer um daqueles princípios guias em contribuir para a manutenção da identidade satisfatoriamente, uma variedade de estratégias de enfrentamento poderá ser acionada (Twigger-Ross et al, 2003). Os autores afirmam que essas ameaças podem ser originadas tanto interna quanto externamente. Um exemplo de uma ameaça de origem interna seria o indivíduo buscar modificar sua posição ou *status* social de acordo com um dos princípios que contraste ou ameace o funcionamento de outro princípio. Mudanças no contexto social que requeiram uma reestruturação da identidade incompatível com algum dos quatro princípios poderiam representar ameaças externas (Twigger-Ross et al, 2003). A partir de seus estudos, Timotijevic e Breakwell (2000) sugerem, ainda, que os mesmos princípios não implicam em uma experiência universal do que é sentido como possíveis ameaças à estrutura de identidade. Assim, o que é experienciado como ameaçador, ou as origens das possíveis ameaças, não se refere a uma propriedade intrínseca da identidade, sendo derivada de um modo particular em que a identidade foi formada.

As estratégias de enfrentamento referem-se a diversos processos cognitivos e comportamentais, acionados como um modo de reagir ativamente às possíveis ameaças (Speller et al, 2002; Timotijevic & Breakwell, 2000; Vignoles et al, 2000). Twigger-Ross e

colaboradores (2003) complementam que podem ser consideradas estratégias de enfrentamento qualquer atividade que objetive remover ou modificar uma possível ameaça à estrutura de identidade, nos mais diversos níveis, como o intrapsíquico, interpessoal ou intergrupos, por exemplo.

Por fim, Twigger-Ross e Uzzell (1996) ressaltam que uma contribuição fundamental das proposições de Breakwell é definir aqueles quatro princípios (distintividade, continuidade, autoestima e autoeficácia) com status de igual importância para a motivação para a ação, em contraste à sugestão da teoria social de que a autoestima fosse o único motivador para tal. Breakwell (1986, apud Timotijevic & Breakwell, 2000) ressalta que os princípios se relacionam de modos diversos, dependendo de determinantes do desenvolvimento do indivíduo, assim como do contexto e da cultura em que está inserido. Uma revisão teórica de cada um dos princípios é apresentada a seguir.

### 2.3.1. *Distintividade*

Lewicka (2008) aponta que a palavra identidade significa, basicamente, *sameness* (uniformidade, igualdade) e *uniqueness* (singularidade) e sugere que os termos sejam compreendidos como continuidade e distintividade, respectivamente. Em relação ao lugar, essas se referem a um conjunto de características do lugar que garantem sua distintividade e continuidade no tempo.

De acordo com Twigger-Ross e Uzzell (1996) e Bernardo e Palma (2005), o princípio de *distintividade* se refere ao desejo de manter a singularidade ou distintividade pessoal. Para Speller e colaboradores (2002), evidências desse princípio são em parte derivadas da comparação intergrupos, envolvendo geralmente a ênfase nos aspectos do grupo a que o indivíduo se sente pertencente que o distingue dos demais grupos, ou ainda da comparação interpessoal, enfatizando-se aspectos individuais distintivos de outras pessoas.

Segundo Vignoles e colaboradores (2000), o princípio tem a função de estabelecer e manter um senso de diferenciação de outros e apresenta implicações cognitivas e comportamentais. Em um nível cognitivo, as pessoas tendem a enfatizar os aspectos distintivos de suas identidades, além de perceberem tais aspectos como mais central para a sua definição. Esses aspectos que lhe proveem um senso de distintividade não podem ser somente desenvolvidos e valorizados pelo indivíduo, mas devem ser socialmente reconhecidos (Speller et al, 2002; Vignoles et al, 2000). Assim, no nível comportamental,

suas ações serão mais voltadas a evidenciar seus aspectos distintivos para as outras pessoas (Vignoles et al, 2000).

Vignoles e colaboradores (2000) fazem referências a alguns estudos que relacionaram o estabelecimento de uma distintividade positiva como uma fonte de autoestima, baseados principalmente no modelo proposto pela Teoria de Identidade Social. Alguns desses apontam que as pessoas tendem a evidenciar os aspectos positivos de seu grupo para se distinguir dos demais e, especialmente em situações ameaçadoras para a estrutura de identidade, preferem comparar o grupo a que se sentem pertencentes a outros grupos de que possam se distinguir positivamente. De acordo com essa perspectiva, com o intuito de manter uma autoestima positiva em relação ao grupo a que se sente pertencente, o indivíduo tende a enviesar uma comparação positiva para seu grupo, evidenciando suas características distintivas positivas ou ainda, quando isto não é possível, reinterpretando positivamente os aspectos negativos (Bonaiuto & Bonnes, 2000).

Bonaiuto e demais autores (1996) se utilizaram desta teoria relacionando-a à TIL, hipotetizando que os participantes tenderiam a perceber e avaliar as características ambientais relevantes para sua identidade mais positivamente, no caso específico referindo-se à poluição das praias. Os autores concluíram que os participantes que foram avaliados como tendo uma identidade local forte tenderam a perceber as características ambientais de modo menos negativo do que os demais. Outros estudos apontados por Vignoles e outros autores (2000) relacionaram a manutenção da autoestima à distintividade positiva, entendendo que, se esta não está disponível, as pessoas tendem a procurar ou a criar dimensões alternativas de comparação, ou até mesmo a evitar totalmente a comparação. Em seu estudo, Vignoles e colegas (2000) concluíram que a distintividade é uma fonte importante de autoestima em muitas circunstâncias, embora não deva ser resumida simplesmente à manutenção desta autoestima.

Considerando-se a relação entre identidade e lugar, Twigger-Ross e Uzzell (1996) apontam que este princípio pode ser evidenciado pelo indivíduo ao fazer referências a características do lugar como meio de se distinguir de outras pessoas ou lugares. A esse respeito, Valera e Guàrdia (2002) ressaltam que a distinção dos demais locais pode ser baseada em diversas dimensões categóricas como: a dimensão territorial como características físicas percebidas, a temporal como relações históricas e temporais com o lugar, a comportamental como práticas características, a psicossocial como estilo de vida e relações sociais, a social como homogeneidade social percebida, e a ideológica como valores culturais e ideológicos compartilhados.

As proposições de Vignoles e demais autores (2000) apontam que este princípio tem um papel fundamental na construção de significados no processo de identidade, enfatizando-se sua importância para uma auto-definição significativa para o indivíduo. Alguns autores ressaltam que parece haver uma tendência do indivíduo a atingir níveis moderados e não extremos de distintividade (Speller et al, 2002; Vignoles et al, 2000), o que reforça os argumentos de Vignoles e colegas (2000) de que a similaridade também deve ser considerada uma dimensão importante para a construção de um senso significativo de identidade. Para eles, a similaridade, assim como a inclusão em grupos sociais e o pertencimento, juntamente ao senso de distintividade, possibilitam o funcionamento do princípio de identidade. Os autores concluem que um senso significativo de identidade é construído por meio das dimensões de distintividade, similaridade e, ainda, de algumas formas de continuidade subjetiva.

### 2.3.2. Continuidade

O princípio de continuidade refere-se ao desejo de se preservar uma continuidade do auto-conceito ao longo do tempo e de mudanças situacionais (Bernardo & Palma, 2005; Twigger-Ross & Uzzell, 1996). Esse pode ser entendido como uma continuidade subjetiva, auto-percebida, a qual envolve uma conexão entre referências do passado, presente e expectativas de futuro e não uma completa ausência de mudanças (Speller et al, 2002). Dentre os quatro princípios guias evidenciados pela TPI, ele pode ser considerado um dos mais importantes motivadores para a ação (Twigger-Ross & Uzzell, 1996), especialmente no caso de possíveis ameaças à estrutura de identidade. Uma das possibilidades desse princípio guiar os processos psicológicos que regulam os conteúdos da identidade pode ser entendida pela proposição de Timotijevic e Breakwell (2000) de que novas informações são assimiladas à estrutura de identidade com base em um sistema de referência dos elementos anteriormente postos.

Muitos autores concordam que o desenvolvimento da identidade requer, necessariamente, um longo período de interação da pessoa com o ambiente, referindo-se aos mais diversos aspectos da identidade como pessoais, sociais e de lugar, por exemplo (e.g., Dixon & Durrhein, 2004; Hernández et al, 2007; Lewicka, 2008; Mourão & Cavalcante, 2011; Proshansky et al, 1983; Vidal & Pol, 2005). A interação contínua ao longo de um período prolongado possibilita os processos de identificação da pessoa (com algo, alguém ou algum lugar), essenciais ao desenvolvimento do mecanismo de apropriação, anteriormente destacado como condição *sine qua non* à formação da

identidade. Ao mesmo tempo, esses processos de identificação e apropriação permitem a continuidade e estabilidade do self (Vidal & Pol, 2005).

Considerando-se a relação entre identidade e lugar, Valera e Pol (1994) afirmam que o senso de continuidade é derivado das relações simbólicas com o espaço. O princípio de continuidade permite que a pessoa reconheça as novas propriedades do ambiente, em constante mudança, sempre as relacionando a seu passado ambiental, o que lhe possibilita perceber o ambiente como estável e lhe confere um sentido de familiaridade com o lugar (Proshansky et al, 1983; Valera & Pol, 1994). A familiaridade com o ambiente, a qual se desenvolve como resultado à adaptação do indivíduo a seus entornos físicos, é destacada na literatura acerca da relação entre identidade e lugar como um dos núcleos mais importantes para os processos formativos da identidade (Dixon & Durrheim, 2004).

O modelo proposto por Proshansky e colaboradores (1983) para explicar as funções específicas da identidade de lugar para os pensamentos, comportamentos e experiências do indivíduo ressalta, segundo Twigger-Ross e co-autores (2003), a continuidade como o princípio chave para a integração da identidade pessoal. A importância da *continuidade* de lugar para se manter a continuidade do *self* e integração da identidade pessoal é evidenciada na literatura como um aspecto fundamental da identidade (e.g. Lewicka, 2008; Proshansky et al, 1983; Speller et al, 2002; Twigger-Ross & Uzzell, 1996; Valera & Pol, 1994; Vidal & Pol, 2005). Essa afirmativa pode ser considerada o principal foco daquelas funções propostas pela TIL (Twigger-Ross et al, 2003).

Twigger-Ross e Uzzell (1996) mencionam as contribuições teóricas de alguns estudos acerca da importância do lugar como referência para a auto-definição do sujeito e de suas ações e experiências no passado, tanto no nível individual quanto grupal. Segundo os autores, essas considerações implicam que, para algumas pessoas, o vínculo com este lugar específico provê o senso de continuidade para sua identidade. Nesse sentido, o princípio de continuidade pode se referir ao desejo do indivíduo em manter a continuidade do *self* com base em aspectos do lugar, podendo se expressar de dois modos: a continuidade de lugar referente e a continuidade de lugar congruente (*place-referent continuity* e *place-congruent continuity*) (Bernardo & Palma, 2005; Speller et al, 2002; Twigger-Ross & Uzzell, 1996).

Os dois modos de continuidade de lugar se diferem pela especificidade, visto que, em um, a manutenção da continuidade refere-se a um lugar específico relacionado a experiências passadas significativas e valorizadas pelo indivíduo, enquanto o outro se refere a características de lugares significativos que sejam transferíveis para outros locais

com características congruentes (Twigger-Ross & Uzzell, 1996). Em outras palavras, na continuidade de lugar referente, a permanência em um lugar específico é uma condição fundamental para o senso de continuidade e estabilidade do self, enquanto que, na continuidade de lugar congruente, apenas algumas características do lugar são relevantes para tal, permitindo a mudança do indivíduo para outros locais com características semelhantes significativas para ele. No caso da continuidade de lugar congruente, Twigger-Ross e Uzzell (1996) afirmam que o indivíduo tende a procurar lugares para morar que lhe pareçam representar seus valores, ou ainda a modificar seus entornos físicos no sentido de representar seu auto-conceito do presente.

Dada a importância do lugar para o senso de continuidade do self, Breakwell (1986, apud Twigger-Ross et al, 2003) elencou possíveis efeitos sobre a identidade em estar em lugares novos e diferentes: a atenuação ou acentuação do significado e saliência que um lugar pode representar para a identidade, a ameaça à estrutura de identidade, ou ainda o deslocamento, tornando o lugar do passado irrelevante e atribuindo significados a novos lugares.

Alguns estudos que se utilizaram do modelo estrutural proposto pela TPI evidenciam a possibilidade de ameaças à estrutura de identidade caso haja uma ruptura indesejada com lugares emocionalmente relevantes (Twigger-Ross & Uzzell, 1996), podendo desencadear diversas estratégias de enfrentamento (Timotijevic & Breakwell, 2000). Portanto, esses analisaram as possíveis relações entre mudanças de contexto, como migrações e realocações forçadas por exemplo, e os processos de identidade (e.g., Bernardo & Palma, 2005; Speller et al, 2002; Timotijevic & Breakwell, 2000; Twigger-Ross & Uzzell, 1996).

### *2.3.3. Autoestima*

De acordo com Twigger-Ross e colaboradores (2003), as teorias psicológicas de identidade consideram que uma parcela significativa do sentido de quem somos e de nossa autoestima é derivada de nossos aspectos singulares e pessoais, assim como do sentimento de pertença a grupos ou lugares. Twigger-Ross e Uzzell (1996) afirmam que a autoestima remete a uma avaliação positiva de si ou do grupo com que o indivíduo se identifica e se relaciona aos sentimentos desse de valorização e valor sociais. Em relação ao lugar, ele pode se expressar de modo a valorizar ou julgar que outros avaliem aquele ambiente positivamente (Bernardo & Palma, 2005; Twigger-Ross & Uzzell, 1996). Twigger-Ross e Uzzell (1996) ressaltam que uma avaliação positiva de um lugar, por exemplo, não é

suficiente para remetê-la à autoestima do indivíduo, embora esses fatores estejam relacionados, e destacam que um sentimento de orgulho associado à avaliação pode evidenciar uma possível relação entre as qualidades do lugar e o senso de autoestima.

Segundo Speller e colaboradores (2002), a autoestima é ressaltada há muito tempo na literatura psicológica como um princípio psicológico chave que, conforme evidenciado por muitos estudos empíricos, exerce um papel central para a identidade. Nesse sentido, Twigger-Ross e Uzzell (1996) afirmam que a autoestima se refere ao desejo de manter uma concepção positiva de si, elemento bastante enfatizado como um importante motivador para ação nas teorias acerca do self e principalmente nas teorias de identidade social. Para Twigger-Ross e co-autores (2003), a TIL assume que o indivíduo tende a enviesar a comparação de si e de seu grupo positivamente, com o intuito de ganhar ou preservar a autoestima e assim desenvolver ou manter uma identidade satisfatória. Outras considerações já foram feitas anteriormente acerca da relação entre os princípios de distintividade e autoestima. Vignoles e colegas (2000) apontam que muitos estudos relacionam a distintividade à manutenção da autoestima e discutem que, embora ela não se resume a essa função, pode ser considerada em muitas circunstâncias uma fonte importante de autoestima.

#### *2.3.4. Autoeficácia*

O princípio da autoeficácia foi incluído posteriormente por Breakwell (1992, apud Twigger-Ross & Uzzell, 1996) dentre os demais princípios que guiam os processos psicológicos para reestruturação da identidade. Esse se refere à percepção do indivíduo de sua habilidade em ser efetivo para atingir seus objetivos (Twigger-Ross et al, 2003), ou nos termos de Bernardo e Palma (2005), em funcionar de forma competente em uma situação social ou contexto físico específicos. Dito de outra forma, ele se refere à confiança do indivíduo em suas capacidades para lidar com as demandas situacionais e conseguir atingir seus objetivos (Twigger-Ross & Uzzell, 1996).

Segundo Speller e colegas (2002), a autoeficácia é fortemente relacionada à autoestima e se refere ao desejo da pessoa em se sentir competente e ter controle de sua vida. Os autores apontam um estudo que relacionou o senso de bem-estar ao senso de autoeficácia, enquanto outro evidenciou possíveis efeitos deletérios no self com a perda desse senso. Twigger-Ross e Uzzell (1996) afirmam que muitos estudos têm evidenciado a importância do princípio para o bem-estar psicológico.

Na relação com o lugar, torna-se importante que o ambiente facilite, ou ao menos não dificulte, o estilo de vida cotidiano do indivíduo para que o senso de autoeficácia seja mantido (Twigger-Ross & Uzzell, 1996). Korpela (1989, apud Dixon & Durrheim, 2004) destaca que um dos papéis importantes dos ambientes físicos para a identidade é auxiliar que o indivíduo consiga atingir os projetos relevantes à sua identidade. Assim, por meio de uma apropriação ativa e simbólica de seus entornos físicos, os indivíduos são capazes de criar ambientes em que possam constantemente buscar seus objetivos de coerência, valorização e expressão do self. Referindo-se a esse trabalho da autora, Mourão e Cavalcante (2011) afirmam que um ambiente só pode se tornar significativo para o sujeito se ele atender às suas necessidades, exigências e desejos.

Para Bernardo e Palma (2005), o princípio de autoeficácia se relaciona a uma necessidade humana em dominar ou controlar o ambiente. Referindo-se à satisfação com o lugar, Stedman (2002) se utiliza desse outro termo para se referir ao valor utilitário do lugar ao atender a algumas necessidades básicas do indivíduo, como características físicas e serviços referentes à sociabilidade, e evidencia uma lacuna deixada por muitos estudos acerca dos vínculos da pessoa com o ambiente em não atentar para a importância desse.

## Capítulo 3

### O processo de identidade frente a mudanças no contexto: proposta de estudo

Estamos refazendo o ambiente em escala inédita, mas não sabemos o que estamos fazendo a nós mesmos

Robert Sommer (1973)

Eu. Tamanha complexidade resumida em um mero encontro vocálico.

Sozinho, o significado desta união de vogais já incita complexas discussões há séculos, por exemplo, para a definição da noção de identidade. Entendendo-a como inerentemente social, sua discussão ganha contornos ainda mais difíceis de serem definidos, especialmente se a conceituarmos como um processo. E como definir então a noção de identidade compreendendo-a como necessariamente implicada nas relações do indivíduo com seu ambiente em toda sua complexidade e não somente em suas relações sociais?

Em uma sociedade em constantes e intensas transformações, torna-se fácil compreender o porquê das discussões acerca de identidade aparecerem frequentemente acompanhadas de termos como *globalização*, *(pós-)modernidade*, *urbanização*, dentre outros. Diversas áreas do conhecimento, como a sociologia, antropologia, geografia, psicologia, etc, têm se dedicado ao debate das implicações das mudanças na sociedade para a noção de identidade. Ainda que esse debate não seja recente, ganha contornos diferenciados com a intensificação dessas transformações.

A identidade, compreendida como uma estrutura psicológica complexa, é formada tanto por propriedades permanentes, desenvolvidas e mantidas ao longo do tempo e espaço, quanto por outras menos estáveis e aptas a mudanças. Desse modo, ela deve ser entendida também como processo, em constante reestruturação frente a uma diversidade de mudanças situacionais (Proshansky et al, 1983).

A proposta deste estudo é de analisar indicadores de reestruturação da identidade, tanto em termos de sua estrutura quanto de seus processos, de moradores nativos da sede municipal de Tibau do Sul-RN, frente a mudanças graduais dessa localidade nas últimas décadas, dando ao antigo vilarejo os contornos de cidade.

A partir da consideração de que não há clareza consensual acerca da relação entre identidade e lugar (Bernardo & Palma, 2005; Devine-Wright & Lyons, 1997), pretendo primeiramente apresentar algumas considerações acerca da denominação do conceito

central (identidade de lugar), assim como de sua definição para a presente investigação. A seguir, faço algumas considerações relacionadas à opção por não adotar uma das definições propostas pelas teorias acerca da relação entre identidade e lugar (apresentadas anteriormente), como forma de justificar a adaptação feita de uma dessas definições. Ao final, apresento a operacionalização desta proposta de estudo.

Entendo que há muitos pontos em comum entre as abordagens apresentadas que podem contribuir de formas diferentes para este estudo. Considero fundamental a tolerância do pluralismo conceitual e metodológico das diversas tradições de pesquisa (Patterson & Williams, 2005), uma vez que alguns teóricos apontam para os possíveis benefícios da interação daquelas diferentes perspectivas em estudos teóricos e empíricos acerca da relação entre identidade e lugar (Hauge, 2007; Twigger-Ross et al, 2003).

### **3.1. Definição do conceito de identidade de lugar**

O conceito central adotado para esta investigação é denominado “identidade de lugar”, entendida necessariamente como processo.

A TPI (Teoria do Processo de Identidade), principal abordagem que embasa as proposições teóricas e metodológicas deste estudo, propõe que o desenvolvimento de nossa identidade necessariamente se refere, em maior ou menor extensão, ao ambiente (Devine-Wright & Lyons, 1997; Speller et al, 2002; Timotijevic & Breakwell, 2000; Twigger-Ross & Uzzell, 1996; Twigger-Ross et al, 2003). Partindo dessa premissa, Twigger-Ross e colaboradores (2003) afirmam que não há necessidade de uma teoria especial que relacione identidade e lugar e que as macro-teorias do processo de identidade deveriam passar a considerar mais os efeitos do ambiente físico e dos lugares sobre a identidade. Em concordância a essas proposições, o conceito central deste estudo, apesar de ter a mesma denominação do conceito de identidade de lugar proposto por Proshansky e colaboradores (1983), não poderia ser compreendido como uma subestrutura da identidade pessoal.

Apesar de compreender, portanto, o fenômeno da identidade em sua integridade, a denominação “de lugar” foi mantida primeiramente com o intuito de evidenciar a ênfase dada por esta investigação também à dimensão física do ambiente e ao papel do lugar para o desenvolvimento da identidade, destacando-se o objetivo deste estudo de se investigar o processo de identidade das pessoas em sua relação com o ambiente ou circunstâncias em que se inscrevem. Ainda, devido à riqueza conceitual do termo *lugar*, entendido como espaços experienciados, dotados de valor e significados na interação da pessoa com o

ambiente (Tuan, 1983). Este conceito parece traduzir diversos aspectos teóricos ressaltados como importantes no desenvolvimento da identidade, como a interação pessoa-ambiente ao longo de um tempo, aspectos emocionais e simbólicos da relação do indivíduo com os contextos e o conceito de apropriação.

Acredito que a multidisciplinaridade pretendida nos estudos das relações pessoa-ambiente requer um esforço de aproximação de outras áreas do conhecimento inclusive na escolha dos termos utilizados. Desse modo, ainda que o fenômeno investigado neste estudo possa ser compreendido somente como identidade, a riqueza conceitual do termo lugar parece ser um facilitador da comunicação com outros campos de conhecimento para se evidenciar também a importância do contexto físico em sua relação com a identidade, muitas vezes negligenciado nas discussões acerca da temática (Twigger-Ross & Uzzell, 1996; Valera & Pol, 1994).

O conceito de identidade, denominado no presente estudo como “identidade de lugar”, é definido como cognições do indivíduo acerca do mundo que o cerca, as quais permitem que este possa estabelecer vínculos emocionais e de pertencimento a determinado(s) grupo(s) e/ou lugar(es). As cognições devem ser compreendidas em sua multidimensionalidade e complexidade, incluindo-se as memórias, valores, preferências, significados, atitudes, sentimentos, ideias e concepções de experiências e comportamentos que se relacionam com uma variedade de contextos, entendidos em toda sua complexidade.

Os contextos, em sua complexidade, podem ser entendidos como os contextos sociais, constituídos por estruturas físicas e sociais assim como pelos processos que as influenciam (Timotijevic & Breakwell, 2000; Twigger-Ross et al, 2003). Os autores argumentam que esses contextos são estruturalmente formados pelas relações interpessoais e intergrupais, além da pertença a um grupo ou categoria social envolvidos no ambiente físico que os indivíduos ou grupos criam e controlam. Essas estruturas, físicas e sociais, devem ser compreendidas em sua relação com processos de influência social (educação, propaganda, persuasão, etc). Os processos estabelecem sistemas de crenças e valores que são reificados em representações, normas e atribuições sociais, gerando papéis sociais, crenças e valores a serem aceitos ou não pelos indivíduos ou grupos. Ou, ainda, nos termos propostos por Proshansky e colegas (1983), os contextos (settings) compreendem o conjunto de espaços físicos, bem como as definições sociais deles, como normas, comportamentos, regras e regulações inerentes ao uso do espaço ou lugar pelo(s) indivíduo(s) ou grupo(s). Ainda, incluem a visão que o indivíduo acredita que as outras

peças têm dos contextos (Twigger-Ross et al, 2003), referindo-se necessariamente à existência social e cultural desses (Proshansky et al, 1983).

Em concordância às proposições de Proshansky e co-autores (1983), as cognições do indivíduo acerca do mundo que o cerca tem como núcleo o passado ambiental. Ele pode ser entendido como os lugares das experiências da pessoa que serviram instrumentalmente no passado para a satisfação de suas necessidades biológicas, psicológicas, sociais e culturais (Proshansky et al, 1983). Adaptando-se essa definição para não se restringir somente aos lugares, o passado ambiental poderia abranger as experiências significativas da pessoa de modo geral, as quais necessariamente estão relacionadas aos lugares em que ocorreram.

Nesse sentido, Devine-Wright e Lyons (1997) afirmam que os lugares podem ser compreendidos como referências de significados, memórias, valores e emoções específicas, os quais são compartilhados por membros de um mesmo grupo. Twigger-Ross e colaboradores (2003) destacam que os lugares são revestidos de símbolos sociais, representando memórias pessoais assim como as sociais por meio, por exemplo, de histórias compartilhadas. Vidal e Pol (2005) acrescentam que a identidade se forma e também se expressa por meio de práticas sociais como conversas sobre os lugares que, entendendo-se a memória como significados sociais compartilhados, funcionam como uma constante reconstrução social.

### **3.2. Justificativa para a definição proposta**

A denominação do conceito central deste estudo é derivada de uma importante tradição de pesquisa, a Teoria de Identidade de Lugar (TIL), enquanto que a proposta metodológica faz referência à outra perspectiva (TPI). No entanto, optei por não adotar integralmente nenhuma das definições propostas por essas perspectivas e por formular a definição do conceito utilizada nesta investigação, exposta anteriormente. Apresento abaixo algumas considerações acerca de minha compreensão das definições propostas por aquelas perspectivas, como forma de justificar a definição do conceito formulada para o presente estudo.

De acordo com as proposições de Morin (2009), “Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza” (p. 59). Assim, as considerações apresentadas devem ser lidas mais como um diálogo com minhas incertezas do que como argumentações teóricas. A intenção dessas é puramente a possibilidade de

compartilhar minha compreensão do fenômeno investigado, como modo de transmitir ao leitor o sentido dado à definição de identidade de lugar proposta.

### 3.2.1. *Compreendendo a definição do conceito na TPI*

A Teoria do Processo de Identidade (TPI) propõe que o conceito de identidade pode ser entendido como um produto social dinâmico da interação entre as capacidades de memória, consciência e interpretação organizada (que são características do organismo biológico) e os contextos sociais, constituídos por estruturas físicas e sociais, bem como pelos processos que as influenciam (Timotijevic & Breakwell, 2000; Twigger-Ross et al, 2003). Ainda que a teoria tenha sido a principal referência para a formulação desta proposta de estudo, a opção por não adotar simplesmente esta definição se refere à minha própria dificuldade de sua compreensão.

Primeiramente, destaco a dificuldade em compreender o significado de “capacidades de memória, consciência e interpretação organizada” (*capacity for memory, consciousness and organised construal*). O meu entendimento é de que essas, compreendidas como características do organismo biológico (Timotijevic & Breakwell, 2000; Twigger-Ross et al, 2003), poderiam ser denominadas como “processos cognitivos (conhecimento, categorização, orientação, etc.)”, no sentido utilizado por Vidal e Pol (2005, p. 284). Embora não tenha certeza dessa afirmativa arriscada, compartilho minhas impressões e faço algumas argumentações, ainda muito superficiais, apenas no sentido de conseguir formular uma definição para o conceito central deste estudo que eu possa compreender.

Aragonés (2002) discute dois modos diferentes para a aproximação do estudo das cognições ambientais, ainda que relacionados, ao definir diferentes concepções de cognição. Uma abordagem da temática parte da definição de cognição como a “atividade de conhecer: a aquisição, organização e uso do conhecimento” (Neisser, 1981 apud Aragonés, 2002, p. 44). O fenômeno compreenderia “aspectos relacionados ao processo de se chegar a conhecer” (p. 44), não se referindo aos seus conteúdos. Este fenômeno poderia ser “situado”, portanto, entre o momento em que os estímulos são captados pelos sentidos até o momento em que são utilizados para se realizar qualquer ação (“conduta” nos termos de Aragonés, 2002) relacionada àqueles estímulos. A compreensão do fenômeno se centraria, portanto, em entender “como se processam os estímulos na mente humana” (p. 44). A esse respeito, acredito que as “capacidades de memória, consciência e interpretação organizada” poderiam ser compreendidas pelo fenômeno da cognição referindo-se a

“aspectos relacionados ao processo de se chegar a conhecer”, ou ainda, a “processos cognitivos”.

A minha compreensão, portanto, da definição proposta pela TPI (Timotijevic & Breakwell, 2000; Twigger-Ross et al, 2003) é de que a identidade é um produto social dinâmico da interação entre os processos cognitivos do indivíduo e os contextos sociais, compreendidos em sua complexidade. Timotijevic e Breakwell (2000; Twigger-Ross et al, 2003), ao apresentarem a TPI, argumentam que a identidade consiste em processos psicológicos, embora seja manifestada por meio de pensamentos, emoções e afetos (p. 208). Desse modo, entendo que a identidade se “processa” na constante interação entre indivíduo e contexto.

De modo bastante simplificado, entendo que aquela interação ocorreria por “duas vias”. Uma delas seria por meio da captação de estímulos do contexto pelos sentidos, os quais são processados na mente humana pelas cognições (compreendidas como “aspectos relacionados ao processo de se chegar a conhecer”) (Aragonés, 2002, p. 44). A outra via seria relacionada à expressão dessas cognições, manifestadas pelos pensamentos, emoções e afetos (nos termos propostos por Twigger-Ross et al, 2003) ou ainda pelas ações (ou “conduta” nos termos de Aragonés, 2002). Essas “duas vias”, como estou denominando apenas com fins didáticos, devem ser compreendidas de forma dinâmica, em constante interação. Partindo desse entendimento, a minha compreensão da definição proposta pela teoria é que a identidade (vista necessariamente como processo) é “produzida” dinamicamente nessas interações do indivíduo e seu contexto em toda sua complexidade.

### *3.2.2. Compreendendo a definição do conceito na TIL*

O conceito de identidade de lugar como definido por Proshansky e colaboradores (1983), pode ser entendido como cognições acerca do mundo físico em que a pessoa vive, as quais permitem que esta possa estabelecer vínculos emocionais e de pertencimento a determinados lugares ou espaços. Os autores ressaltam que as cognições devem ser compreendidas em sua multidimensionalidade e complexidade, incluindo-se as memórias, valores, preferências, significados, atitudes, sentimentos, ideias e concepções de experiências e comportamentos que se relacionam com a variedade e complexidade dos settings físicos.

Outra abordagem acerca das cognições ambientais apresentada por Aragonés (2002) tem como foco o estudo dos aspectos relacionados ao que se conhece, ou aos conteúdos das cognições, e não dos modos como os estímulos são processados na mente

humana para se chegar a um conhecimento. A definição de cognição ambiental nessa abordagem se refere ao conhecimento, imagens, informações, impressões e crenças do indivíduo (ou grupos) acerca de múltiplos aspectos de seu ambiente (Aragonés, 2002).

A compreensão do fenômeno da cognição proposto por essa abordagem, segundo meu entendimento, não se restringiria somente aos processos psicológicos relacionados à faculdade de se conhecer. Partindo dessa premissa, a proposta de Proshansky e colaboradores (1983) de se entender o fenômeno da cognição em sua complexidade e multidimensionalidade poderia se aproximar desta. Os autores compreendem as cognições como incluindo as memórias, valores, preferências, significados, atitudes, sentimentos, ideias e concepções de experiências e comportamentos. Esses elementos poderiam ser considerados como referentes a aspectos relacionados ao que se conhece e, portanto, compreendidos como o conteúdo das cognições.

Acredito que o fenômeno da cognição, compreendido por esse ângulo, poderia abranger as “duas vias” que propus para argumentar acerca do meu entendimento da definição de identidade proposto pela TPI (Timotijevic & Breakwell, 2000; Twigger-Ross et al, 2003). Assim, o modo como estou compreendendo as memórias, valores, preferências, significados, atitudes, sentimentos, ideias e concepções de experiências e comportamentos é que estes seriam tanto “produzidos” pela (ou resultantes da) forma como os estímulos do contexto são captados pelos sentidos e processados na mente humana, quanto seriam o próprio modo de expressão ou manifestação daquilo que “foi conhecido” (por meio dos processos cognitivos). Poderiam ser entendidos, portanto, como “aspectos relacionados ao que se conhece”, “conteúdos das cognições” ou apenas, como proposto por Proshansky e colegas (1983) “cognições”, compreendidas em sua multidimensionalidade e complexidade. Nesses termos, acredito que as cognições poderiam abranger a interação entre indivíduo e contexto como discutida na definição de identidade anteriormente apresentada.

É importante ressaltar que o conceito de identidade de lugar proposto por Proshansky e colaboradores (1983) é compreendido como uma subestrutura do self. Os autores propuseram que as definições sociais dos settings, como normas, comportamentos, regras e regulações inerentes ao uso do espaço ou lugar por determinado grupo, deveriam ser somadas às cognições acerca desses settings. Considerando-se o ambiente como necessariamente implicado no desenvolvimento da identidade como um todo (e não somente relevante a uma determinada subestrutura do self), acredito que a definição do conceito poderia ser reformulada para se referir à identidade em sua integridade, de forma

a não restringi-la ao “mundo físico”, “lugares” ou “espaços”. A definição do conceito utilizado neste estudo se refere a uma adaptação dessas proposições.

### 3.2.3. *Justificando a perspectiva adotada*

A opção pela formulação teórica do conceito de identidade de lugar proposta por Proshansky e colaboradores (1983) se deve à unidade de análise que pretendo para este estudo. Parto da premissa de que a noção de identidade só pode ser compreendida a partir das inter-ações pessoa-ambiente, entendidas como entidades inseparáveis. Ainda que metodologicamente o estudo proposto apresente como foco de análise o nível psicológico individual (ou “intrapésico”), a unidade de análise pretendida não se resume ao “indivíduo”, devendo ser compreendida como o “indivíduo-no-contexto” (ou “pessoa-no-ambiente”, nos termos propostos por Altman & Rogoff, 1987).

Acredito que as cognições, conforme a minha compreensão do conceito utilizado por Proshansky e colegas (1983), podem abarcar a complexidade das inter-ações indivíduo-contexto como já argumentei anteriormente. Em relação à definição proposta pela TPI (Timotijevic & Breakwell, 2000; Twigger-Ross et al, 2003), penso que o próprio termo “interação” já leva ao entendimento de indivíduo e contexto como unidades separadas, ainda que a formulação teórica e estrutural da proposta, ao que me parece, aponte para outros caminhos.

A afirmativa de Timotijevic e Breakwell (2000) e Twigger-Ross e colegas (2003) acerca da TPI, de que a identidade consiste em processos psicológicos embora se manifeste por meio de pensamentos, emoções e afetos, também é de difícil compreensão para mim. Penso que a maneira como a identidade é “manifestada” também se refere ao que ela “consiste”. Em outras palavras, entendo que a identidade “é”, também, como ela “se manifesta”. E as cognições, do modo como estou compreendendo as formulações de Proshansky e colaboradores (1983), parecem definir a identidade nesses termos.

Ainda, a definição proposta pela TPI (Timotijevic & Breakwell, 2000; Twigger-Ross et al, 2003) não destaca a importância do indivíduo estabelecer vínculos emocionais e de pertencimento a determinado(s) grupo(s) e/ou lugar(es) para o desenvolvimento da

identidade, apesar dessa proposição parecer implícita no modelo estrutural da teoria<sup>1</sup>. Acredito que a relevância deles (vínculos emocionais e de pertencimento), já destacada na revisão de literatura, principalmente com referência às bases teóricas da Teoria de Identidade Social (Valera & Pol, 1994; Valera & Guàrdia, 2002), deva ser evidenciada na própria definição do conceito de identidade.

### 3.3. Operacionalização da proposta

O modelo estrutural que embasa os pressupostos metodológicos do presente estudo se refere àquele proposto pela TPI (Timotijevic & Breakwell, 2000; Twigger-Ross & Uzzell, 1996; Twigger-Ross et al, 2003). Ainda que neste estudo a denominação do conceito e sua definição derivem da TIL, o modelo estrutural da TPI não parece ser incompatível com aquela proposta.

Em um artigo recente acerca da identidade de lugar definida com base na TIL, Mourão e Cavalcante (2011) utilizaram-se do modelo da TPI para explicar como a identidade se “manifesta”, apontando portanto para a possibilidade de aplicação empírica desse modelo. No mesmo sentido, Duarte e Lima (2005) investigaram os “conteúdos identitários” com base nas propostas da TPI utilizando-se da definição do conceito da TIL. Ainda, alguns autores destacam as dificuldades de tradução dos argumentos da TIL para uma investigação empírica (Bernardo & Palma, 2005; Speller et al, 2002;) e outros ressaltam que ela não explica como mudanças no contexto podem influenciar a identidade do indivíduo e de grupo (Twigger-Ross et al, 2003). Uma vez que a utilização integral do modelo da TIL implicaria em muitas dificuldades para o cumprimento dos objetivos desta investigação, e que este não se mostra incompatível com aquele proposto pela TPI, o modelo estrutural da última foi adotado para o presente estudo.

Segundo Proshansky e colegas (1983), a identidade de lugar, assim como qualquer sistema cognitivo, influencia o modo como o indivíduo vê, sente e pensa em suas transações com o ambiente. Ainda, consiste em uma variedade infinita de cognições que definem e circunscrevem a existência cotidiana do indivíduo, relacionadas tanto ao passado

---

<sup>1</sup> “Identity is structured in two planes: the content dimension and the value dimension. The content dimension consists of the characteristics which define identity: the properties which, taken as a constellation, mark the individual as unique. It encompasses both those characteristics previously considered the domain of social identity (group memberships, roles, social category labels, etc.) and of personal identity (values, attitudes, cognitive style, etc.)” (Twigger-Ross et al, 2003, p.208).

e presente como também a antecipações (futuro) acerca do mundo que o cerca. Desse modo, este estudo foi delineado de modo a tentar captar as percepções e cognições de nativos moradores da sede municipal de Tibau do Sul-RN acerca desse contexto na atualidade - de si mesmo, do grupo de nativos, das “pessoas de fora” e da sede municipal -, assim como do presente em comparação ao passado e a expectativas de futuro em relação ao lugar.

A estrutura de identidade, segundo Twigger-Ross e demais autores (2003), é formada por características ou propriedades singulares do indivíduo, que o tornam distintivos de outros, bem como os valores associados a eles. Speller e colaboradores (2002) complementam que essas propriedades referem-se à história de vida do indivíduo, a aspectos comportamentais, físicos, psicológicos, ao senso de pertença a um grupo (e/ou lugar) e às suas identificações com categorias sociais.

Essa estrutura é constantemente reestruturada, regulada por processos psicológicos universais responsáveis por assimilar e acomodar novas informações à estrutura de identidade, ou não, a partir de processos de avaliação contínuos (Timotijevic & Breakwell, 2000; Twigger-Ross et al, 2003). Esses processos são motivados e guiados por propósitos de se atingir ou manter uma avaliação positiva daquelas propriedades que formam a estrutura da identidade ou de se definir estados desejáveis para sua estrutura (Speller et al, 2002). Para as culturas ocidentais da atualidade, os princípios que guiam a operação destes processos são o de distintividade, continuidade, autoestima e autoeficácia (Twigger-Ross et al, 2003).

Esses princípios são considerados neste estudo como os possíveis indicadores de reestruturação da identidade frente a mudanças no contexto. Em termos da estrutura de identidade, esta investigação busca compreender quais seriam os elementos (físicos, sociais, culturais, etc) do contexto da sede municipal que conferem aos participantes do estudo um senso de singularidade ou unicidade (distintividade), de familiaridade (continuidade), de valorização de si, de seu(s) grupo(s) e de seu lugar (autoestima) e de sentir-se competente em satisfazer ou ter suas necessidades satisfeitas (autoeficácia). Em termos dos processos que regulam a reestruturação da identidade, este estudo atenta para o caráter valorativo conferido pelos participantes àqueles elementos, referindo-se a si, a seu grupo e a outros, e ao lugar, em relação ao passado, presente e suas expectativas de futuro.

Esta investigação abarca uma diversidade de perfis dos nativos moradores da sede municipal de Tibau do Sul-RN. Proshansky e colaboradores (1983) ressaltam que as propriedades estruturais e substantivas da identidade de lugar, referentes às cognições em

que ela consiste e o modo como elas são relatadas, variam de acordo com a idade, gênero, classe social, personalidade e outros aspectos do indivíduo. Desse modo, a análise daqueles possíveis indicadores pretende dar maior destaque aos pontos comuns ou semelhantes dos diferentes perfis e às diferenças mais acentuadas (especialmente relacionadas às diferentes gerações). Analisar separadamente cada perfil tornaria a análise exaustiva e complexa, podendo dificultar sua compreensão. Justifica-se, portanto, a temática deste estudo ser “identidade de lugar” e não no plural “identidades de lugar”.

Um último objetivo desta investigação é contextualizar a análise daqueles possíveis indicadores, tanto espacial quanto temporalmente, visto que a unidade de análise pretendida é o “indivíduo-no-contexto”. A sede municipal de Tibau do Sul-RN é focalizada como contexto de investigação, mas a discussão é ampliada em múltiplas escalas, como a municipal, regional, nacional, etc, além daqueles mais específicos apontados pelos participantes. As considerações acerca da reestruturação da identidade de lugar têm como foco principal as cognições e percepções dos participantes para sua localidade no presente, sendo que elas só podem fazer sentido se inseridas nas histórias de vida dos participantes e da localidade, assim como de suas expectativas e desejos para o futuro.

A opção pela sede municipal de Tibau do Sul-RN como estudo de caso para este estudo exploratório se deve a diversos fatores. Primeiramente, o município abrange dez distritos com características bem diversificadas que, possivelmente, tornariam o contexto excessivamente complexo para os objetivos desta investigação. A sede municipal, de igual toponímia, foi escolhida por sua dimensão reduzida, pela familiaridade da pesquisadora com a localidade e por aspectos específicos de sua história, referentes a mudanças graduais no antigo vilarejo pesqueiro devido a diversas atividades econômicas responsáveis pelo desenvolvimento da localidade nas últimas décadas.

### *3.3.1 Objetivo geral*

Analisar indicadores do processo de reestruturação da identidade de lugar de nativos residentes na sede municipal de Tibau do Sul-RN frente às mudanças graduais desta localidade nas últimas décadas, dando ao antigo vilarejo os contornos de cidade.

### 3.3.2. *Objetivos específicos*

- (a) Identificar elementos de continuidade, distintividade, autoestima e autoeficácia;
- (b) Analisar os processos de avaliação destes elementos, em relação ao passado, presente e expectativas de futuro;
- (c) Contextualizar a discussão acerca da reestruturação da identidade de lugar dos nativos frente às mudanças no contexto mais amplo de Tibau do Sul-RN, espacial e temporalmente.

## Capítulo 4

### O processo de investigação: proposta metodológica

A presente investigação se caracteriza como um estudo exploratório de abordagem qualitativa (Bauer & Gaskell, 2002; Creswell, 2010), norteada por aspectos teóricos do campo de Psicologia Ambiental, a qual foi dividida em duas etapas a serem apresentadas a seguir. A primeira consistiu em um painel de especialistas, delineado como uma etapa preparatória para as entrevistas com os nativos residentes na sede municipal de Tibau do Sul-RN. A segunda etapa, referente a essas entrevistas, recai no interesse central dos objetivos deste estudo.

Concomitante àquelas etapas, foram realizados a revisão de literatura, um diário de campo da pesquisadora e um levantamento documental acerca do histórico do município de Tibau do Sul-RN. Esse levantamento documental ou iconográfico foi essencial à consecução dos objetivos desta investigação, inserida no campo de estudos das relações pessoa-ambiente, por possibilitar a contextualização da discussão acerca da identidade de lugar. No diário registrei anotações constantes referentes às conversas cotidianas com os nativos e minhas impressões gerais sobre a cidade e as conversas informais, iniciado em um período anterior ao início desta investigação.

Os procedimentos éticos concernentes a essa investigação referem-se à submissão e aprovação do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, parecer nº 344/2011, assim como à execução de todos os critérios exigidos por ele para a realização de pesquisas com seres humanos.

#### 4.1. Primeira etapa - Painel de especialistas

O painel de especialistas é uma técnica de pesquisa utilizada com sucesso em outras pesquisas do Grupo de Estudos Inter-Ações Pessoa-Ambiente (GEPA), ao qual o presente estudo está vinculado (Pinheiro, Farias, & Abe-Lima, no prelo). A técnica consiste no uso de pessoas consideradas “especialistas” em um determinado fenômeno que se pretende investigar como auxiliares no processo de construção de conhecimento acerca desse.

A técnica é muito empregada em várias áreas de conhecimento, como por exemplo, na avaliação de instrumentos de avaliação psicológica, de escalas, em pesquisas médicas, dentre outras. Nas áreas de psicologia, administração e ciências sociais em geral essa é

bastante utilizada e muitas vezes combinada com outros meios de investigação em uma estratégia denominada multimétodos (Günther, Elali & Pinheiro, 2008, 2011). Em relação à estratégia, que consiste no uso e integração de múltiplos métodos para se analisar um mesmo objeto de estudo, essa técnica vem complementar a investigação de um determinado fenômeno com diferentes olhares de pessoas consideradas especialistas ou conhecedores deste.

O estudo clássico de Taylor, Zube e Sell (1987) utilizou a técnica juntamente a outras para uma avaliação da qualidade de paisagens, por meio de julgamento e categorização de fotografias de paisagens por profissionais, especialistas habilitados e pessoas com um treino específico. Os autores, por considerarem a percepção de paisagens como uma reação emocional e subjetiva para a maioria das pessoas, utilizaram essa técnica com a participação de profissionais com um treinamento específico, com o objetivo de obter avaliações mais objetivas e fidedignas e assegurar a “validade” destas.

Em muitos estudos o painel de especialistas é utilizado como um modo de avaliação final realizada por pessoas consideradas *experts* acerca do fenômeno a ser investigado, como um meio de validar ou aumentar a confiabilidade de um determinado instrumento ou dos resultados obtidos por meio da investigação daquele. Em outros, a técnica também é utilizada como uma fase preliminar, com o intuito de contribuir para o estabelecimento de bases para uma investigação (Pinheiro, Farias, & Abe-Lima, no prelo).

No presente estudo, o painel de especialistas foi utilizado como uma etapa anterior à etapa central para os objetivos deste, referente às entrevistas com os nativos, como um meio de auxiliar no seu delineamento. Os objetivos de sua utilização foram adquirir mais informações sobre a história da cidade; aproximar-se de diversos olhares para aquele ambiente, das pessoas desse ambiente e de sua história; e obter indicações de participantes (moradores nativos) para a segunda etapa. O sentido do termo “especialista” no contexto desta discussão ganha melhores contornos quando entendido como “conhecedores” da realidade local do que no sentido mais específico do termo.

#### *4.1.1. Especialistas participantes*

O painel foi composto por dez entrevistados, quatro dos quais foram inicialmente indicados informalmente por muitos nativos como conhecedores da história da cidade, os quais, por sua vez, indicaram outros potenciais informantes locais. Esses primeiros foram: 1) uma pessoa responsável pela organização de algumas publicações e outros registros históricos e culturais do município, especialmente referente às artes; 2) um ex-prefeito

ainda atuante na política do município e apontado por muitos nativos, inclusive da oposição, por ter muito conhecimento acerca de acontecimentos e de datas importantes da história do local, o qual residiu 10 anos fora do município; 3) a primeira pessoa não-nativa a adquirir terras no distrito, empresária na cidade há muitos anos; e 4) o primeiro empresário do distrito, sendo seu hotel (em funcionamento até os dias atuais) considerado como a primeira “escola” de capacitação para o turismo por muitos nativos.

Os demais participantes foram: 5) uma senhora esposa do primeiro prefeito de Tibau do Sul, que foi vice-prefeita, vereadora por quatro mandatos, primeira diretora das escolas estaduais do município e outros cargos administrativos; 6) um dos primeiros surfistas a se mudar para a região anteriormente ao desenvolvimento turístico, atualmente empresário na sede municipal; 7) um senhor nativo que foi trabalhar no Rio de Janeiro por quase uma década e voltou devido à alta da exploração de lagosta, pertencente a uma família com posse de muitas terras na região; e três não-nativos que se mudaram para o distrito no início do desenvolvimento do turismo: 8) um dos empresários em hotelaria mais antigos do distrito, casado com uma nativa, que veio inicialmente trabalhar no ramo turístico; 9) um homem atualmente bugueiro, professor de capoeira que mantém um projeto social com crianças e jovens do município; e 10) uma mulher atualmente gerente de hotel, casada com um nativo, que veio inicialmente para investir em viveiros de camarão na região.

#### *4.1.2. Procedimentos*

Nos meses de julho e agosto de 2011 foram realizadas 10 entrevistas com conhecedores (especialistas) do contexto de Tibau do Sul-RN. Os entrevistados foram contatados previamente por telefone ou pessoalmente em suas residências e as entrevistas agendadas conforme sua disponibilidade, realizadas em locais sugeridos pelos próprios entrevistados, todas em seus locais de trabalho ou residências. Eles foram informados sobre os propósitos do estudo, a natureza voluntária de sua participação e a garantia do anonimato das informações prestadas, seguindo os princípios éticos para estudos envolvendo seres humanos. O consentimento de sua participação foi gravado em áudio, bem como sua permissão para a gravação da entrevista.

As entrevistas foram semi-estruturadas, com a utilização de um roteiro que consistiu em: (1) breve histórico da relação do entrevistado com a cidade; (2) descrição do ambiente (físico e social) do passado até atualmente; (3) possíveis implicações para os nativos das transformações do ambiente nas últimas décadas; e (4) indicação de

participantes nativos acima de 18 anos, residentes na sede municipal, que compusessem uma diversidade de olhares para aquele contexto (gênero, idade, profissão, classe social, escolaridade, opinião sobre a cidade, etc.).

A maioria dos entrevistados dessa etapa foi de pessoas de fora que decidiram viver naquele distrito anteriormente ao ou bem no início do desenvolvimento turístico da região, além de dois nativos que viveram muitos anos em outras cidades e retornaram ao local. Isso possivelmente facilitou o processo de comunicação da pesquisadora com eles, pela linguagem utilizada e explicação/compreensão dos objetivos de pesquisa, e enriqueceu o olhar “de fora” da pesquisadora para a realidade local com outros olhares “de fora”, mais adaptados àquela realidade e conhecedores do contexto “mais local”, anterior ao desenvolvimento turístico da região.

As gravações em áudio das entrevistas foram transcritas por completo em um banco de dados digital e leituras sucessivas delas foram realizadas para auxiliar de diversas formas o desenvolvimento da próxima etapa, especialmente para o delineamento do roteiro de entrevistas com os participantes desta.

## **4.2. Segunda etapa – Entrevistas com moradores nativos**

As entrevistas com os nativos residentes na sede municipal de Tibau do Sul-RN foram o foco principal para os objetivos deste estudo, delineadas com base em reflexões acerca das entrevistas realizadas com os especialistas ou conhecedores da realidade local.

### *4.2.1. Moradores entrevistados*

No total, 29 pessoas foram entrevistadas, 18 homens e 11 mulheres, com a idade variando entre 19 e 92 anos. A Tabela 1 apresenta o resumo dos perfis dos entrevistados, com o código de identificação das entrevistas seguido da idade e do gênero, masculino (M) e feminino (F), além da profissão ou papel social dos entrevistados.

Tabela 1

*Quadro-Resumo dos Perfis dos Entrevistados*

<b>Identificação (código, idade, gênero)</b>	<b>Profissão/Papel Social</b>
Ent01, 92F	Aposentadoria por idade (foi labirintea)
Ent02, 87M	Aposentadoria agricultura (foi agricultor e pescador)
Ent03, 75M	Aposentadoria oficial de justiça
Ent04, 75M	Aposentadoria agricultura (foi principalmente agricultor)
Ent05, 74F	Aposentadoria marisqueira (foi dona-de-casa)
Ent06, 69M	Aposentadoria pescador (ainda pesca diariamente)
Ent07, 67F	Aposentadoria por invalidez (foi auxiliar de serviços gerais em escola)
Ent08, 64F	Aposentadoria servidora público (foi assistente de saúde)
Ent09, 62M	Aposentadoria por idade (foi lagosteiro e é dono de restaurante)
Ent10, 58M	Pescador de lagoa (foi lagosteiro)
Ent11, 52F	Coordenação Secretaria de Educação
Ent12, 47M	Bugueiro e arrendatário de chalés (foi pioneiro em ambos)
Ent13, 46F	Professora Ensino Fundamental e Médio (geografia, história, artes e cultura)
Ent14, 45M	Dono de barraca na praia e caseiro de casa de um português (foi lagosteiro)
Ent15, 44M	Pedreiro, arrendatário de chalés e empresário – dono de uma construtora
Ent16, 40M	Vereador e bugueiro, estudante de Direito
Ent17, 39F	Dona-de-casa (ajuda na peixaria do marido)
Ent18, 39M	Faz-tudo – bicos de electricista, pintor, etc (foi pescador)
Ent19, 36F	Gerente e relações públicas em hotel
Ent20, 36M	Dono de lancha de passeios e pesca na lagoa (foi pescador)
Ent21, 34M	Empresário – dono de bar
Ent22, 33M	Pescador e bicos no turismo
Ent23, 33M	Garçom e gerente de governança em hotel
Ent24, 32M	Gerente de alimentos e bebidas em hotel
Ent25, 29F	Cozinheira em barraca de praia
Ent26, 28M	Concursado prefeitura – Educação e Saúde
Ent27, 22M	Estudante de engenharia civil e dono de balsa
Ent28, 20F	Representante de cosméticos e bicos no turismo
Ent29, 19F	Estudante de biologia e auxiliar em escola infantil

Em relação às idades dos participantes, um esquema gráfico é apresentado abaixo (Figura 5), resumindo-se as informações da Tabela 1.

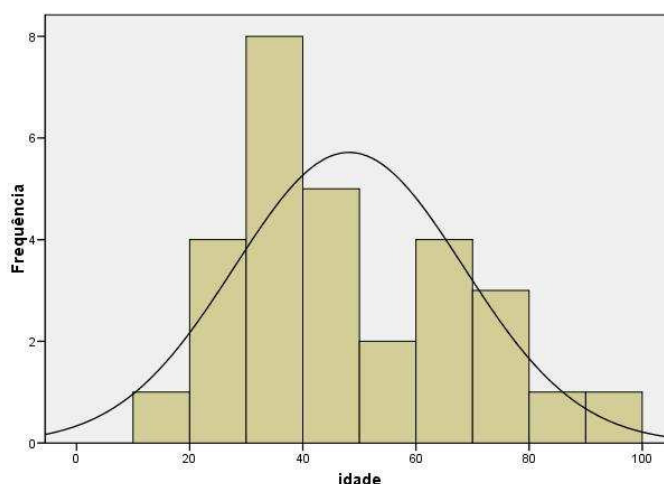


Figura 5. Distribuição da faixa etária dos participantes nativos

#### 4.2.2. Procedimentos

Um dos objetivos da primeira etapa foi a obtenção de indicações de possíveis participantes para esta etapa, segundo os critérios de serem nativos, atualmente residentes na sede municipal de Tibau do Sul-RN, acima de 18 anos e que pudessem contemplar uma diversidade de olhares para a cidade – diversas idades, profissões, classes sociais, famílias diferentes e opiniões diferentes para a cidade. A partir das indicações dos especialistas pude compor um panorama geral dos perfis de nativos representativo da diversidade dos moradores da cidade, aproximando-se do que Patton (1990, citado por Dixon & Durrheim, 2004, p. 462) denominou de *amostra por diversidade (sample for diversity)*.

A diversidade de perfis pretendida para a seleção dos participantes foi delineada a partir das justificativas dos especialistas para a indicação destes e os participantes selecionados inicialmente foram aqueles que obtiveram maior número de indicações. Os nativos entrevistados indicaram outros potenciais participantes e suas justificativas para as indicações também foram consideradas para a adaptação dos perfis que compunham a diversidade pretendida. Eles foram contatados em sua maioria em suas casas ou locais públicos e alguns por telefone, e as entrevistas agendadas de acordo com sua disponibilidade.

As entrevistas foram realizadas no período de setembro a dezembro de 2011, em um local escolhido pelos participantes, sugerido pela pesquisadora como um local em que se sentissem à vontade. A maioria foi feita nas residências dos participantes e outras, em bares e praças, com o devido cuidado do afastamento de outras pessoas que pudessem

intervir ou atrapalhar a entrevista e com o consentimento do entrevistado gravado em áudio. Essa opção refere-se ao estabelecimento de um rapport com o participante, no sentido de possibilitar uma entrevista menos formal do que geralmente são realizadas em pesquisas acadêmicas (Dixon & Durrheim, 2004). Os participantes que não se apresentaram em dois encontros agendados foram substituídos por outro de perfil semelhante, também indicado por pelo menos dois outros entrevistados.

Inicialmente a pretensão era entrevistar nativos residentes na sede municipal de Tibau do Sul-RN que nunca haviam morado fora, com o intuito de obter um olhar de certo modo “mais local” para o contexto. No entanto, muitos participantes haviam morado fora mas foram indicados, talvez por continuarem a visitar a cidade constantemente. Em três casos, iniciaram a entrevistas afirmando nunca ter morado fora e, ao longo da entrevista, se referiram a ter morado fora mas sentir que nunca haviam saído realmente da cidade. Assim, esse critério de seleção inicial foi desconsiderado, por não parecer fazer sentido para os próprios entrevistados. Todos os entrevistados são nativos e a grande maioria nunca morou fora, com exceção dos participantes Ent11 e Ent12 que moraram 10 anos fora mas voltavam constantemente, o Ent14 que morou 1 ano com toda a família em Natal e o Ent23 e Ent28 que moraram 6 meses em Pipa. Os Ent01 e Ent02 nasceram no “Tibau Velho”.

O número de 29 entrevistas no total foi definido com base no princípio de saturação da informação, referindo-se a uma sensação de que as informações obtidas eram suficientes para a análise pretendida, uma vez que elas passaram a ser muito repetitivas, em relação tanto à descrição da cidade e de sua história quanto à opinião geral dos aspectos analisados: as relações eu-outros, nós (nativos deste distrito) – outros (nativos de outros distritos/pessoas “de fora”), meu lugar – outros lugares. Somente a vigésima segunda entrevistada apresentou uma opinião muito diferente, ressaltando uma visão mais crítica em relação à cidade e a seu desenvolvimento. Ao final da entrevista a pesquisadora pediu indicações de outras pessoas com opiniões semelhantes à sua, uma vez que ainda não havia entrevistado pessoas com aquela opinião, ao que a entrevistada respondeu não saber indicar outras pois achava que todos os nativos discordavam dela. Um dos perfis delineados anteriormente, referentes a jovens “vagabundos” que não querem nem estudar nem trabalhar, citados por muitos entrevistados, não foi preenchido por falta de indicações. Ainda que a pesquisadora insistisse com os entrevistados para indicarem alguém nesse perfil quando o mencionaram, garantindo-lhe o sigilo de sua indicação, nenhum entrevistado quis indicar nomes para tal.

As entrevistas foram conduzidas com base em um roteiro semi-estruturado (Apêndice A), formulado com o intuito de obter a percepção dos nativos para seu lugar, considerado em sua dimensão física, social e simbólica, com os valores e significados atribuídos a este, tanto do presente como do passado e de suas expectativas para o futuro. Este roteiro foi esboçado com base na revisão de literatura, inspirado em roteiros de entrevistas de outros estudos (e.g., Duarte & Lima, 2005; Rogan, O'Connor, & Horwitz, 2005; Twigger-Ross & Uzzell, 1996), bem como de escalas e questionários de outros (e.g., Bernardo & Palma, 2005; Mourão & Cavalcante, 2006). Em contraste à realidade dos participantes da maioria dos estudos revisados, muitos entrevistados deste estudo têm um baixo nível de escolaridade, justificando a necessidade de adaptação dos recursos e da linguagem utilizada.

Em especial os termos utilizados nas entrevistas, bem como algumas perguntas, foram adaptados a partir de reflexões acerca das entrevistas com os especialistas. A linguagem utilizada também foi adaptada às diferentes gerações, por exemplo, com o termo *nativos* para os mais jovens substituídos por *peessoas nascidas aqui* ou *filho natural daqui* para os mais velhos, conformando-se aos termos que parecem utilizar. O roteiro foi apresentado ao Grupo de Estudos Inter-Ações Pessoa-Ambiente (GEPA) para contribuição de críticas e sugestões que levaram ao seu aprimoramento.

No total, cinco estudos-piloto foram feitos com pessoas não-nativas que vivem na cidade desde a infância, de diferentes gerações, para adaptação do roteiro. Os três primeiros incluíram uma caminhada pela cidade, quando o participante apresentou à pesquisadora a “Sua Tibau”, com base nos estudos clássicos de Kevin Lynch (1997) acerca da percepção dos elementos urbanos. A técnica se refere a uma adaptação dos recursos dos mapas cognitivos, tradicionalmente realizado com o desenho de mapas da cidade, considerando-se a especificidade dos participantes, muitos com baixo nível de escolaridade e pouco contato com representações de mapas. O objetivo da proposta era investigar elementos do ambiente de Tibau que conferissem, em especial, continuidade e distintividade às identidades de lugar dos entrevistados. No entanto, houve muitas interrupções durante a caminhada, a qualidade do áudio ficou muito ruim, o tempo da entrevista foi muito longo e, de modo geral, o recurso não pareceu fornecer tantas informações pertinentes aos objetivos da investigação que justificassem o esforço realizado. Nos outros dois estudos-piloto, a caminhada foi transformada em duas questões referentes a uma apresentação da cidade, ou “caminhada imaginária”, a uma pessoa que

não a conhecesse, no presente e no passado, e os resultados se mostraram satisfatórios para os objetivos do estudo.

O roteiro foi estruturado primeiro com perguntas concernentes à relação do entrevistado com seu lugar na atualidade, pretendendo-se explorar a dimensão das relações eu – outros (nativos ou não), nós (nativos) – outros (de outros distritos e “pessoas de fora”), meu lugar – outros lugares. As mesmas dimensões foram exploradas em relação ao passado, tanto das lembranças desde sua infância quanto de histórias ouvidas dos mais velhos, complementando o que eventualmente surgia nas perguntas anteriores. Essas foram perguntadas em uma etapa posterior para que a percepção da cidade atualmente não fosse enviesada por possíveis nostalgias despertadas por perguntas em relação ao passado. Por fim, foram acrescentadas algumas perguntas em relação a suas expectativas para daqui a 10 anos, pessoais e para o lugar (físico e social), além do desejo de permanecer, ou não, na cidade.

As entrevistas foram gravadas em áudio, com o devido consentimento livre e esclarecido do participante, também gravado em áudio devido ao baixo índice de escolaridade de muitos entrevistados, e tiveram duração entre 40 minutos a 1 hora e quarenta minutos. Elas foram transcritas em um banco digital e sucessivas leituras realizadas para sua categorização com o auxílio do software para análise qualitativa *QDAMiner (Qualitative Data Analysis Miner)*.

#### 4.2.3. Categorização das entrevistas

A análise e categorização das entrevistas foram realizadas com base na análise de conteúdo clássica (Bardin, 2004; Bauer, 2002; Sommer & Sommer, 1997), com categorias previamente estabelecidas concernentes ao modelo estrutural da teoria adotada. Mais especificamente, estas se referiram aos princípios guias para a reestruturação da identidade, segundo as proposições da abordagem teórica de Breakwell: distintividade, continuidade, autoestima e autoeficácia.

A categoria distintividade foi dividida nas seguintes subcategorias: eu/eles; nós/eles; meu lugar/outros; passado+/presente-; passado-/presente+. As três primeiras subcategorias se basearam nas dimensões previamente consideradas para a elaboração do roteiro, englobando o aspecto pessoal (relação eu-outros), o social (relação nós-outros) e o de lugar (relação meu lugar-outros). Todas as referências dos entrevistados mencionadas no sentido de comparar um aspecto singular seu distinguindo-se de outras pessoas foram atribuídas à primeira subcategoria. A subcategoria distintividade nós/eles se referiu à

comparação de aspectos distintivos do grupo a que o entrevistado se sente pertencente, englobando diversos níveis: diferenças entre nativos da sede municipal e nativos de outros distritos de Tibau do Sul-RN ou de outras localidades circunvizinhas, em sua maioria comunidades situadas às margens da Lagoa Guaraíras; entre moradores de cidades pequenas e de cidade grande; entre nativos da sede municipal ou de todo município e “pessoas de fora” (turistas, empresários ou moradores advindos de outras localidades); entre mulheres e homens; e entre gerações diferentes referindo-se à distinção de características desses grupos atualmente. Moradores advindos de outras localidades com traços culturais semelhantes ao antigo vilarejo de Tibau do Sul, por exemplo, de pequenas comunidades localizadas no interior do Estado, muitas vezes foram referidos como pertencentes ao grupo de “nativos” e não como “pessoas de fora”.

As subcategorias distintividade passado+/presente- e passado-/presente+ foram compreendidas como uma “distintividade temporal”, categoria não necessariamente advinda da revisão de literatura. Essa foi elaborada para facilitar a análise dos princípios guias para a reestruturação da identidade de lugar frente às mudanças *no* contexto, objetivo geral desta investigação, ressaltando-se sua dimensão temporal, em contraste às situações de mudanças *de* contexto, como realocações forçadas ou migrações, por exemplo, como é o caso de muitos estudos revisados (e.g., Bernardo & Palma, 2005; Speller et al, 2002; Timotijevic & Breakwell, 2000; Twigger-Ross & Uzzell, 1996).

As categorias autoestima e autoeficácia foram subdivididas em positiva e negativa para facilitar a discussão dos resultados posteriormente. Os trechos das entrevistas referentes a uma delas, denotando um sentido de comparação e distinção dos mesmos elementos no passado e no presente, foram categorizados como “distintividade temporal”, assim como referentes às características das pessoas ou do lugar comparadas a outras pessoas ou lugares como distintividade nós/eles e meu lugar/outros. Um exemplo recorrente disto foi o entrevistado mencionar que gosta da tranquilidade de sua cidade por se sentir seguro (autoeficácia positiva), apesar de se ter mais violência atualmente do que no passado (distintividade passado+/presente-).

A categoria continuidade não foi subdividida nesse primeiro momento por apresentar menos ocorrências e seu conteúdo não ser tão diversificado como as outras categorias.

Após a categorização de todas as entrevistas, com base nas categorias e subcategorias mencionadas, algumas entrevistas foram submetidas a uma avaliação por juízes.

#### 4.2.4. Avaliação por juízes

A categorização das entrevistas realizada em um primeiro momento foi submetida à avaliação por juízes externos, com o intuito de diminuir possíveis vieses da pesquisadora advindos de componentes subjetivos e afetivos desta (Bauer, 2002; Sommer & Sommer, 1997). Esse procedimento também foi denominado por Creswell (2010) como acordo entre codificadores ou verificação cruzada, e por Rogan e Horwitz (2005) como revisão por pares (*peer review*). Creswell (2010) recomenda o uso desse em uma pesquisa de cunho qualitativo para se evidenciar a consistência dos resultados do estudo proposto. Ele consiste em um acordo entre dois ou mais codificadores em relação aos códigos utilizados para as mesmas passagens de texto, recomendando-se um mínimo de 80% de concordância como indício de uma boa confiabilidade qualitativa (p. 225).

Quatro juízes externos participaram da avaliação de uma amostra das entrevistas, todos estudantes de graduação em psicologia e bolsistas de iniciação científica do Grupo de Estudos Inter-Ações Pessoa-Ambiente. Eles foram treinados no sistema de codificação utilizado pela pesquisadora, além de receberem um material (Apêndice B) por escrito com a definição de cada subcategoria e devidas instruções do sistema utilizado pela pesquisadora. Uma breve revisão para a utilização do software *QDA Miner* foi feita com eles, uma vez que já conheciam o programa, e foi entregue um arquivo digital com as quatro entrevistas selecionadas e inseridas no banco digital do software.

O critério para a seleção das quatro entrevistas foi o maior número de ocorrências para cada categoria (continuidade, distintividade, autoestima e autoeficácia), obtidas por meio da função *coding retrieval* do software referente ao arquivo de categorização de todas as entrevistas feito pela pesquisadora. O objetivo desse critério foi de garantir que os juízes tivessem acesso a, no mínimo, uma entrevista que apresentasse um conteúdo rico em cada categoria.

Antes que os juízes apresentassem suas codificações das entrevistas, as dúvidas foram discutidas e então essas foram conferidas. No total das quatro entrevistas, 368 trechos foram codificados e a conferência das codificações feitas pelos juízes registradas por categoria. O índice de fidedignidade, ou de confiabilidade qualitativa nos termos de Creswell (2010), obtido a partir da concordância entre juízes e pesquisador foi de 0,94, apontando para um sistema de codificação claro, uma vez que este índice é considerado muito alto (Bauer, 2002; Creswell, 2010). O maior índice de fidedignidade refere-se à

categoria continuidade (0,98), talvez por apresentar um menor número de ocorrências (50) e não ser dividido em subcategorias.

#### 4.2.5. Subcategorização

O índice de fidedignidade (0,94) apontou para um bom nível de entendimento, por parte dos juízes, da definição das categorias e subcategorias apresentadas pela pesquisadora e do sistema de codificação subjacente. No entanto, ainda que o sistema tenha se demonstrado coerente, cada uma das categorias e subcategorias apresentaram uma grande quantidade de informações, referindo-se a uma diversidade de conteúdos a serem discutidos como resultados da análise. Assim, após a avaliação por juízes, visto que eles analisaram somente 4 das 29 entrevistas, todas as entrevistas foram submetidas à outra revisão pela pesquisadora, com o intuito de aprimorar a análise com base em importantes contribuições dos juízes acerca do sistema de codificação.

A revisão resultou em um agrupamento das informações em subcategorias ainda mais específicas, baseadas em uma análise categorial ou, mais especificamente, na análise temática (Bardin, 2004), a qual “funciona por operações de divisão do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (p. 147). As unidades de registros foram temas (que denominam as subcategorias) emergentes dos conteúdos recorrentes de cada uma daquelas categorias e subcategorias anteriormente apresentadas. Vale ressaltar que os conteúdos analisados pelos juízes, baseados na subdivisão anteriormente apresentada, não foram alterados ou recategorizados. Apenas foi realizada uma nova subdivisão em blocos temáticos mais específicos, com fins exclusivamente didáticos, como forma de organizar a grande quantidade de informações e de facilitar a posterior discussão dos resultados da análise do *corpus* de pesquisa.

Essa subdivisão final resultou em: a subcategoria distintividade nós/eles subdividida em Nós+, Eles+ e neutro; a distintividade meu lugar/outros em Meu+, Outros+, e neutro; as duas de distintividade temporal em Pessoal, Vilarejo, Turismo, Pessoas e Condições de vida; a continuidade em Pessoal, Nascido e criado, Lugar, Place-referent e Place-congruent; as autoestimas positiva e negativa em Pessoal, Nós, Lugar, Pessoas de fora, Passado e Futuro; a autoeficácia positiva em Pessoal, Passado, Aspectos subjetivos, Sustento, Infraestrutura e De outros; e a autoeficácia negativa em Pessoal, Passado, Aspectos subjetivos, Sustento, Infraestrutura, Tibau, Nativos e Turismo.

A subcategoria distintividade eu/eles e todas as subdivisões denominadas Pessoal continham informações acerca de aspectos bem singulares do entrevistado. A análise do

*corpus* de pesquisa tendeu mais a um corte transversal, apontando para as principais congruências entre os diferentes perfis que pudessem caracterizar uma visão mais generalizada dos nativos da sede municipal para si enquanto coletividade e para seu lugar. Considerações também foram feitas acerca de aspectos de alguns perfis particulares ou de diferenças mais marcantes entre as diferentes gerações, no entanto menos enfaticamente. Assim, muitos aspectos referentes àquelas características mais pessoais dos entrevistados não foram analisadas com a mesma profundidade das demais subcategorias.

## Capítulo 5

### Cognições dos nativos acerca do mundo que os cercam: resultados

A primeira etapa do estudo, o Painel de Especialistas, não é aqui analisada sistematicamente, uma vez que seu principal objetivo foi auxiliar no delineamento da segunda etapa. Algumas considerações acerca das entrevistas com os especialistas serão feitas no âmbito da discussão dos resultados.

Os resultados da análise da segunda etapa, de Entrevistas com Nativos, são apresentados com base nos quatro princípios guias para a operação dos processos psicológicos que regulam a reestruturação da identidade (distintividade, continuidade, autoestima e autoeficácia), os quais denominam as categorias de análise utilizadas. A apresentação deles em separado tem, apenas, fins didáticos. No capítulo de discussão eles serão articulados no seu conjunto, à luz da teoria adotada e da contextualização proposta como um objetivo específico deste estudo.

#### 5.1. Distintividade

O princípio de distintividade se refere ao desejo de manter a singularidade ou distintividade pessoal (Twigger-Ross & Uzzell, 1996), geralmente evidenciado por meio da ênfase dada a aspectos distintivos de si, de seu grupo ou de seu lugar, derivado da comparação com os demais (outras pessoas, grupos ou lugares) (Speller et al, 2002).

Os entrevistados fizeram muitas comparações de si, de seu grupo e de seu lugar com os demais (outras pessoas, grupos e lugares) no sentido de se distinguirem destes, positiva ou negativamente ou ainda sem um juízo de valor explícito. As subcategorias referentes a essas considerações são distintividade eu/eles, nós/eles e meu lugar/outros. A distintividade nós/eles foi subdividida em Nós+, Eles+ e Neutro e a meu lugar/outros em Meu+, Outro+, Neutro.

Em relação à comparação nós/eles, a distinção positiva de nós (Nós+) de maior destaque se refere à comparação dos nativos da sede municipal de Tibau do Sul-RN com os nativos dos demais distritos do município ou de outras comunidades circunvizinhas, muitas vezes referidos como as pessoas da “beira de lagoa” (às margens da Lagoa de Guaraíras). A maioria dos entrevistados caracterizou os nativos da sede como mais

“evoluídos”, com uma visão “mais aberta”, menos “ignorantes” ou “selvagens” do que os demais.

Até por conviverem mais com pessoas mais, com pessoas diferentes, eu acho que eles acabam ficando com a visão mais ampla, e tendo uma visão de mundo diferente. Coisa que o pessoal dos municípios que a gente tem aqui até Goianinha, têm uma visão meio quadrada, meio fechada (Ent29, 20F)

Nunca vi um cabra dar um tiro aqui em Tibau. Agora de Cabeceira pra lá, qualquer discussõzinha besta é na faca, é na bala, é tudo. É por isso que eu digo que eu gosto do meu lugar (Ent10, 58M)

No entanto, aspectos negativos da mesma comparação também foram mencionados, embora com menor ênfase. Alguns relatos fazem referência aos nativos da sede municipal ser “menos humildes”, “menos unidos”, “menos animados” por gostarem menos de festa, e “mais acomodados” por terem mais oportunidades e melhores condições econômicas em relação aos nativos dos demais distritos ou comunidades circunvizinhas (Eles+).

Eu acho diferente. O povo do município é mais animado, da região daqui. É mais animado, faz mais festa assim, é mais solto (Ent26, 28M)

Mas às vezes eu até que vejo pessoas ali do município procurando melhorar, fazendo cursinho em Goianinha, e tentando fazer algo diferente. E os daqui, por ter tudo isso perto da gente e achar que isso aqui é vida, não fazem, sabe como que é? (Ent25, 29F)

Muitos aspectos distintivos positivos dos nativos da sede municipal (Nós+) foram atribuídos a características do lugar, tanto históricas, como o fato das primeiras escolas terem sido construídas nessa localidade, quanto geográficas, por ser região litorânea e possibilitar seu desenvolvimento turístico. Esse último foi bastante enfatizado nos relatos, referindo-se à melhoria da condição econômica proporcionada pela atividade turística e as múltiplas possibilidades derivadas dela, assim como ao contato com as “pessoas de fora” como responsável por esse diferencial positivo dos nativos da sede (Nós+).

Eu acho o pessoal aqui diferente. Por conta que vévi mais com, com turismo, né, tem mais outra cultura melhor (...) O pessoal de Bela Vista e Umari, o pessoal anda mais armado, ainda são daquele pessoal que ainda vévi andando de faca na cintura, e num tem um policiamento certo de ver ali que, como tem em Tibau, né? Então a cultura deles são, são o pessoal mais selvagem, como quero dizer (Ent15, 44M)

Que como a gente mora na zona, na beira da praia, é um pouco mais assim (...) É um pouco mais descolado porque tá mais em contato com o turismo, com as pessoas de fora, então você tem uma outra concepção. Acaba se, assim... não se contaminando. Mas acaba enxergando aquela dinâmica das outras pessoas e acaba querendo também (Ent21, 34M)

A melhoria das condições econômicas proporcionada pelo turismo também foi bastante ressaltada como um aspecto positivamente distintivo da sede municipal (Meu+) em comparação aos demais distritos de “beira de lagoa”.

Agora quem foi que fez isso com a gente hoje no lugar? Foi o turismo. Porque vende aqui, mas no lugar Arês, Patané, o quilo de peixe lá é 6, 6 reais, 7, pra você vender. Porque num tem turismo. Agora aqui não. Aqui depois que o turismo chegou... o lugar ficou rico! (Ent10, 58M)

Porque assim, o município pra gente é como se fosse interior. Eles consideram assim retardados em mais algumas coisas, entendeu? Porque a praia fica longe, aqui a gente tem mais contato com turistas e aquilo outro. Porque pra gente aqui é cidade. Aqui e Pipa. E eles têm outro cotidiano. Pra eles ainda é pior ainda. (Ent25, 29F)

Em contraste às considerações positivas acerca do turismo, a distintividade negativa dos nativos de modo geral em comparação às “pessoas de fora” (Eles+) foi relacionada às oportunidades e qualidades dos empregos gerados pela atividade econômica. Os relatos dos entrevistados fazem referência à maior dificuldade dos nativos para inserção no mercado de trabalho, aos salários menores e qualidade dos empregos muitas vezes informais em contraste às condições encontradas pelas “pessoas de fora”. As dificuldades foram muitas vezes justificadas pela falta de qualificação formal dos nativos. Esses aspectos podem ser considerados como relacionados à categoria autoeficácia, no entanto foram constantemente destacados como distintivos de si (grupo ou lugar) com os demais (grupos ou lugares).

Mas assim, não é, nós não somos vistos, remunerados da forma que deveria. Aí vem os de fora, por exemplo, *chef* de cozinha não-sei-da-onde, que passou por não-sei-o-que, 6 mil conto o salário, 5 mil reais. Pra fazer o mesmo prato praticamente que tu faz. Se tu olhar como um bom cozinheiro tu faz na hora, do mesmo jeito que ele fez. E é isso. Qualificação, profissionalização (Ent25, 29F)

Pronto, as pessoas aqui, a maioria não tem, não tem formação e pronto. É... se não brigar e não for, e não buscar, ficam mesmo, mesmo em segundo plano, né? E chegam quem tem formação, ganham mais e ultrapassam. O que é certo, o que é justo, né? É nativo, conhece mais, faz melhor, mas... Onde é que está a formação? Eu tiro isso por mim. (Ent19, 36F)

O desenvolvimento turístico da sede municipal em comparação ao distrito da praia de Pipa foi o fator mais enfatizado na subcategoria distintividade meu lugar/outros. O potencial turístico do distrito de Tibau do Sul foi muito ressaltado como um aspecto distintivo positivo (Meu+) em relação à Pipa, apesar de ser ainda pouco explorado.

Mas aqui o potencial é isso. Se tivesse assim Tibau do Sul tem um passeio que é banco de areia, manguezal, ver espécie de caranguejo, a garça azul, a garça branca. Tem parada pra comer ostra, uns bancos de areia pra criança, pra todo tipo de gente, ninguém enjoa. Ainda tem mais o golfinho de brinde. Pipa acabou-se. 90% do pessoal que vai pra Pipa se chateia. Esse pessoal flutuante, que vai e volta todo dia. Pra quem gosta de balada, Pipa é maravilha (Ent20, 36M)

uma cidade turística mas com toque nativo. Que é o que Tibau é. Hoje você vai pra Pipa e não é um lugar assim. Você vê Pipa, num é, Pipa você vê o berço da nação, o mundo inteiro tá lá, dentro de uma rua, de Pipa. Aqui não, as casas, a rua ainda dos nativos, os nativos ainda estão sentados na porta da calçada conversando de noite, ali sentados até certa hora, tal (Ent23, 33M)

Muitos relatos enfatizaram potencialidades de Tibau do Sul para o desenvolvimento de um turismo diferenciado positivamente de Pipa. Alguns entrevistados justificaram a afirmativa referindo-se ao “toque nativo” de Tibau do Sul, por sua população ainda ser em sua maioria nativa, diferentemente do rápido crescimento turístico e populacional de Pipa, com uma grande quantidade de estrangeiros residindo no local. Outras características de Tibau do Sul foram ressaltadas como possibilidades para um melhor planejamento urbano deste em contraste à ocupação e desenvolvimento urbano pouco planejado no distrito de Pipa. Muitas vezes as constatações acerca das consequências negativas do modo como o desenvolvimento turístico se deu em Pipa foram relatadas enfatizando-se um diferencial positivo da sede municipal.

Porque qual a cidade de ter um por-do-sol, qual cidade que existe? Tibau tem o nascer e tem o por-do-sol. A lua de um jeito, e temos uma área pra lazer, que Pipa vai daqui num vai ter nunca. Por que? O espaço melhor que tem é tudo ocupado, né? Até uma praia quando enche você não tem onde ir pra canto nenhum (Ent20, 36M)

Trabalhar pra que tenha uma, tenha uma qualidade de vida sustentável, não aquela coisa desenfreada. (...) Pipa hoje tá crescendo pra onde? Pra dentro do mato. Tão desmatando a mata todinha pra construir aqueles condomínios grandes (Ent23, 33M)

Ainda que o pequeno fluxo turístico da sede municipal tenha sido muitas vezes ressaltado como positivo por conter a expansão desenfreada de Pipa, paradoxalmente, também foi bastante avaliado como um diferencial negativo em relação àquele distrito (Outro+). A justificativa para tal, em sua maioria, destacou a falta de interesse dos governantes em divulgar e investir em infraestrutura básica em Tibau do Sul. Essas considerações serão melhores discutidas em relação à categoria autoeficácia.

Pipa é melhor do que Tibau? Tem que ser lá e ser aqui, porque lá faz cedo, e porque não faz aqui? Então a discriminação todinha é só aqui (Ent14, 45M)

Tibau é uma cidade parada por isso, entendeu? É diferente de Pipa. Pipa hoje é muito mais desenvolvido que Tibau, dá de 10 a 0 em Tibau (...) Hoje Pipa pode não ser bom pra morar, mas é bom pra se comercializar, né? Pra morar já é, já é aquela bagunça, né? Mas é, é diferente de Tibau, que Tibau é boa de morar, mas num tem renda (Ent15, 44M)

Esse paradoxo entre desejar o desenvolvimento de seu lugar e temer suas consequências negativas pôde ser constatado em quase todas as entrevistas, problemática que será abordada na discussão dos resultados. Em relação às subcategorias de distintividade, ambas as questões, ainda que paradoxais, foram evidenciadas como um diferencial positivo tanto do grupo de nativos da sede municipal quanto de seu lugar. O desenvolvimento, conforme mencionado acima, proporcionou um diferencial positivo de

ambos comparados aos nativos de outras comunidades menos desenvolvidas e seu lugar. As consequências negativas desse desenvolvimento foram ressaltadas como “ainda” pouco impactantes nos modos de vida da sede municipal, destacando-se como um fator positivo desta comparado a outros lugares e de seus nativos comparados aos habitantes de uma cidade mais desenvolvida. Em relação às características do lugar, a “tranquilidade” e a “segurança” foram as mais evidenciadas como um diferencial positivo da sede municipal (Meu+).

Lá (Natal) é facada, é bala, é roubo, é os diabo lá. Assalto todo dia. Aqui tudo tranquilo (Ent02, 87M)

Graças a Deus Tibau é um lugar liberado, não é muito assim... porque tem lugar que o povo é muito assim de roubar, de matar, essas coisas assim. A pessoa tem medo. Não é, né, como muitos aí que a pessoa tem... muitos lugares, às vezes a pessoa não pode nem andar na rua, que quando tá na rua às vezes matam assim com aquelas coisas. Tibau não é assim não (Ent05, 74F)

O estilo de vida da sede municipal foi algumas vezes comparado ao de “cidades grandes”, evidenciando-se o primeiro como positivamente distintivo do segundo por alguns fatores, como por exemplo, a simplicidade e o modo de lidar com o tempo.

Lá é assim, a competitividade do mundo já é muito inflamada. Aqui não, aqui é simples. Morar aqui é simples, ainda, eu acho. Eu vejo a simplicidade aqui. Sai de casa, você num precisa por dinheiro no bolso, porque... sabe, é tudo mais fácil. Em qualquer outro lugar se você sair sem dinheiro você num tem como dar os seus passos. Aqui ainda é singular (Ent21, 34M)

Tudo cronometrado, o relojinho o tempo todo, o celular, olhando pro relógio o tempo todo. (...) aqui em Tibau a maioria não anda de relógio. Veem a hora, isso porque a mania de celular pegou mundialmente, mas não fosse isso, num tava nas coisas. Sabe como que é? Num tem hora de almoço (Ent25, 29F)

Ainda que em muitos relatos a sede municipal tenha sido denominada com certo tom de orgulho como “cidade”, muitos aspectos positivos da localidade e de seus habitantes destacados pelos entrevistados parecem apontar para aspectos mais característicos de uma vida em “comunidade”. Algumas características da relação entre os nativos de Tibau do Sul foram bem enfatizadas como um diferencial positivo destes (Nós+) em comparação às relações interpessoais em uma “cidade grande” ou “capital”, como por exemplo a cumplicidade e a ajuda mútua.

Aí quando você vê tem aquela cumplicidade que num tem em qualquer lugar. As pessoas se conhecem de verdade (...) essa coisa que o mundo tá perdendo um pouco. Se você num liga, num fala, ah, daqui a 2 dias eu vou na tua casa, tal hora.. eles não te recebem. Aqui não, aqui qualquer hora as pessoas te recebem. Num tem aquela coisa de.. sistemática. Pelo contrário, é mais simples. Isso eu acho (Ent21, 34M)

Você vai pra uma capital, tudo que vai fazer você tem que pagar, tem que fazer isso. E outra coisa é você pegar peixe, dar pra um, dar pra outro. É uma comunidade mesmo que um ajuda o outro (Ent20, 36M)

Ainda, a qualidade de vida da sede municipal foi exaltada comparando-a a outros lugares, algumas vezes destacando-a como o “melhor lugar do mundo” para se viver. Esse aspecto ganhou ainda maior destaque sem ser comparado a outros lugares e, portanto, será discutido posteriormente na categoria autoestima.

meu lugar, melhor lugar do mundo que tem de viver. Dos que eu andei, é o melhor lugar do mundo que tem de viver (...) É, porque eu acho que não existe um lugar melhor de viver do que Tibau não. (Eu: É mesmo?) É, num existe não (Ent10, 58M)

Pra morar aqui eu acho que num tem lugar melhor no mundo do que esse. Onde você tiver morando aqui, tá morando, tá bem (Ent03, 75M)

Esses aspectos, tanto do lugar quanto das relações interpessoais, foram demasiadamente destacados como um fator de atração das “pessoas de fora” para seu lugar, tanto de turistas, quanto de pessoas que optam por morar, trabalhar ou investir na localidade. A receptividade, a simplicidade e a tranquilidade dos nativos e do lugar foram os principais aspectos ressaltados.

Porque nem na terra deles mesmo as vezes eles tem relações como tem com a gente quando chegam aqui. Porque já vi muito dizer que, assim, vizinho com vizinho não se dão nem bom dia, ou nem se vê. Então quer dizer, eles chegam aqui, já conhecem todo mundo, né? (...) é tudo porque vive com aquelas pressa, aqueles problema, aquelas coisa toda. Muitos deles até tem sido assaltado, tem sido ameaçado, né. Então quando ele bate num canto desse pra ele é o mesmo que estar no céu (Ent14, 45M)

Esse aspecto em Tibau torna-se familiar com todo mundo. Os hotéis num exigem muito aquela coisa de mão atrás, e num tem muitas formalidades. Eles se entrosam mais com o pessoal, com a cidade. Passa uma semana aqui, uns dias, 3 dias, já se integra já a comunidade. Eu acho que isso ai também é um diferencial. Num é muito profissionalismo, não tem que ser tudo arrumadinho (Ent12, 47M)

Outras considerações foram feitas no sentido de simplesmente comparar os nativos e o lugar (sede municipal e/ou município todo) com outras pessoas e lugares, no entanto distinguindo-os sem um juízo de valor explícito (Neutro). Essas se referiram mais a uma constatação de que as pessoas eram diferentes simplesmente porque moravam em lugares diferentes. Mais especificamente à comparação com o distrito de Pipa, alguns apontamentos foram feitos em relação a serem diferentes simplesmente, ambos com aspectos positivos e negativos.

Você num vai querer comparar quem é de casa com quem vem de fora, né, de outras nacionalidades. Que criou-se em outro ritmo, criou-se em outro estilo, né?(Ent04, 75M)

Não aqui mesmo em Tibau, você já vê na Pipa, né? Mas se bem que é tão próximo. Se bem que a gente que tá aqui que vem em Pipa acha que é um lugar bem distante, né? Porque a diferença é enorme (Ent17, 39F)

As considerações feitas aqui se referem aos aspectos mais evidenciados pelos entrevistados. É importante ressaltar que a maioria dos aspectos do grupo de nativos da sede municipal, assim como do lugar, evidenciados pelos entrevistados fez referência a uma distinção positiva de si em comparação a outros grupos e lugares (Nós+ e Meu+), principalmente em relação aos distritos circunvizinhos com menor desenvolvimento econômico. O desenvolvimento da sede municipal foi bastante destacado nessa comparação, especialmente relacionado a alguns aspectos positivos da atividade turística como o crescimento econômico, melhorias na infraestrutura e contatos com muitas pessoas e culturas diferentes, por exemplo. Os aspectos negativos dessa comparação, mencionados com menor ênfase, referiram-se à avaliação de que os nativos da sede municipal são “menos humildes” e “menos unidos” do que naqueles distritos. Em contraste a essas considerações, muitos entrevistados ressaltaram aspectos positivos das relações interpessoais dos nativos da sede, com destaque à cumplicidade e ajuda mútua entre eles. Esses aspectos foram distinguidos positivamente das relações interpessoais que comumente se tem em “cidades grandes”, caracterizando algumas vezes o estilo de vida da sede ainda muito parecido com o de uma “comunidade” (Nós+).

Aspectos positivos do lugar (Meu+) foram muitas vezes relacionados a esse estilo de vida de “comunidade”, com destaque à tranquilidade, segurança e qualidade de vida do lugar. Quando comparados ao passado da sede municipal (analisados na categoria distintividade temporal), os aspectos foram avaliados negativamente na atualidade. No entanto, frequentemente essa crítica foi amenizada pela comparação com a “insegurança” e “violência” em muitos outros lugares do mundo e especialmente com o distrito de Pipa, enfatizando-se como um diferencial muito positivo da sede municipal. Esses e outros aspectos distintivos positivos do lugar foram destacados como um importante fator de atração das “pessoas de fora” para visitarem, morarem ou investirem no município. Os principais aspectos distintivos avaliados negativamente pelos participantes se relacionam especialmente ao princípio de autoeficácia, a ser apresentado posteriormente. Os nativos foram distinguidos negativamente das “pessoas de fora” (Eles+) por eles terem muitas vezes uma dificuldade maior em se inserir no mercado de trabalho ou ter condições piores de trabalho em relação àquelas. Características negativas da sede municipal foram destacadas especialmente comparando-se ao desenvolvimento turístico da praia de Pipa (Outro+). No entanto, considerando-se a frequente comparação de Tibau do Sul com Pipa

feita pelos entrevistados, a análise apontou que as potencialidades do primeiro para o desenvolvimento do turismo foram bastante ressaltadas. Ou seja, as características do lugar (“potencial”) Tibau do Sul foram avaliadas como positivamente distintivas de Pipa, embora as condições em que se encontra a sede municipal, relacionadas à atividade turística na localidade atualmente, tenham sido comparadas negativamente em relação àquela e justificadas principalmente por falta de interesse dos governantes locais.

A subcategoria distintividade eu/eles evidenciou características muito específicas de cada entrevistado, normalmente percebidas por ele como distintivas dos demais nativos. De modo geral, uma análise minuciosa desses dados bastante específicos parece não contribuir muito para os objetivos deste estudo e, portanto, alguns aspectos que possam ser importantes serão tratados na discussão dos resultados.

## 5.2. Continuidade

O princípio de continuidade deve ser compreendido como fundamental para estrutura de identidade por possibilitar que a pessoa reconheça as novas propriedades do ambiente relacionando-as a seu passado ambiental, percebendo este ambiente como estável e conferindo-lhe um sentido de familiaridade com o lugar. É uma continuidade subjetiva, auto-percebida, que possibilita a conexão entre referências de passado, presente e futuro e não necessariamente a ausência de mudanças. Essa categoria de análise foi subdividida com base em elementos que se repetiram frequentemente, resultando nas subcategorias Nascido e criado, Lugar, Place-referent, Place-congruent e Pessoal.

A denominação da subcategoria Nascido e criado faz referência a uma expressão popular muito utilizada pelos nativos, geralmente mencionada como um modo de comunicar que nunca morou em um lugar diferente daquele onde nasceu, denotando uma continuidade no lugar. A expressão foi muito usada por grande parte dos entrevistados, inclusive os mais novos, que muitas vezes pareceram a utilizar como um meio de demonstrar orgulho por serem nativos. A maioria dos entrevistados que morou fora, com exceção de uma (Ent11, 52F), demonstrou satisfação por ter voltado, muitas vezes utilizando-se de expressões como “meu lugar”, “minha terra” ou “filho de Tibau”.

Minha filha, eu to achando bom porque eu nasci e me criei aqui. Eu, moro perto do cemitério, daqui pra lá. Eu num vou sair mais na idade que eu tô pra ir morar mais no outro canto (Ent06, 69M)

Nascida e criada aqui (Eu: Nunca morou fora?) Não. Filha de pescador, mesmo, nativa com muito orgulho por sinal, viu? Me sinto privilegiada (Ent19, 36F)

Além dessa permanência na cidade conferir um senso de continuidade, foram ressaltados muitos aspectos da cidade que permanecem semelhantes ao passado, inclusive fisicamente. Muitos entrevistados mencionaram nunca ter mudado de casa ou somente ter mudado de uma rua para outra. Ao ser pedido que o entrevistado fizesse uma “caminhada imaginária” para descrever a cidade, muitos elementos em comum foram descritos nas entrevistas, como a praia, a lagoa, a igreja, a praça e o porto dos pescadores. Entre esses locais, a estrutura atual da praça é mais recente, mas há muito tempo o local já se configura como um ponto de encontro de diferentes gerações, localizada em frente à igreja católica. Apesar dos modos de ocupação da praia terem se modificado (antes era utilizada basicamente para criação de animais), essa parece ser um importante elemento físico para o senso de continuidade do lugar, assim como a Lagoa de Guaraíras.

O porto era o ponto de encontro, hoje, até hoje é. Se você for no porto de tardezinha tem um monte lá jogando baralho, né? Aquele pessoal mais antigo, pescadores. O porto era, o ponto de referencia de Tibau do Sul era o porto, o pessoal não ia nem pra praia, nem ia pra praia, era o porto (Ent13, 46F)

Eu acho que no modo de convivência esses anos todos aqui, de nascido e criado aqui, sempre vivendo aqui, eu acho que sempre foi assim (Ent22, 33M)

Muitos costumes e hábitos do passado foram mencionados como presentes até hoje na vida cotidiana da cidade, especialmente pelos mais idosos. O costume de se reunirem todos os dias nas calçadas para conversarem foi bastante relatado. As atividades de pesca e da arte manual do labirinto, tradicionais na cultura do lugar, foram bastante citadas por muitas pessoas idosas ao relatar sua rotina atual (subcategoria Pessoal), assim como alguns relatos referentes ao costume de plantar ou lidar com a agricultura. Essa continuidade do cotidiano da cidade, apesar de ter sido mais enfatizada pelos idosos, poderia ser atribuída à percepção de continuidade do lugar por seus moradores.

Mas é aquela coisa de ficarem ali sentados na praça, conversando, sentados na porta também, tem muito isso, ainda tem (Ent19, 36F)

Vou lá pro outro lado, aí sempre que eu vou, com a tarrafinha, dá pra trazer 2, 3 quilos. Anteontem trouxe bem uns 10 quilo, de tainha. E essa noite foi pouco, peguei bem uns 2 quilo. Mas mesmo assim eu num deixo de ir não (Ent06, 69M)

Alguns aspectos negativos de continuidade do lugar também foram mencionados por alguns entrevistados, com destaque ao uso do adjetivo “parada” para caracterizar a cidade, criticando o lento desenvolvimento dessa especialmente em relação à atividade turística. Os entrevistados expressaram-se com tom crítico com relatos como “não muda nada” ou “sempre foi a mesma coisa”, dando indícios de uma continuidade negativa de seu lugar. Alguns atribuíram a “culpa” disto aos governantes locais e à política de modo geral e

outros o justificaram pelo “comodismo” dos nativos. Esse “comodismo” foi um dos adjetivos mais citados pelos entrevistados para caracterizar negativamente os nativos e será posteriormente discutido na categoria autoestima.

Porque passou-se tanto tempo e continua do mesmo jeito, né? 10 anos atrás as pessoas saíam pra conseguir alguma coisa e continua do mesmo jeito, não mudou nada. Apesar desse boom, dessa coisa toda, não mudou nada, né? (Ent13, 46F)

Ah... parado, é, num.. vive só nisso aqui. E o mundo num é só isso aqui. Tem que sair um pouquinho. O povo fica sempre naquela mesma rotina, sempre... em frente a calçada, aquelas coisas todinha. Num, num, num pensa em sair um pouquinho (Ent26, 28M)

A “tranquilidade”, fator mais destacado por quase todos os entrevistados como elemento distintivo positivo da localidade em comparação a outras, também foi ressaltada como um aspecto de continuidade do lugar. Apesar de atualmente o lugar ser percebido como menos seguro do que antigamente, “ainda” é percebida como tranquila pelos entrevistados, no sentido de calma e segurança. O desejo de continuidade da tranquilidade do lugar foi também um dos fatores mais ressaltados pelos entrevistados ao serem questionados como gostariam que a cidade estivesse daqui a 10 anos, mesmo por aqueles que criticaram a cidade por ser muito “parada”, na maioria das vezes se referindo mais ao desenvolvimento lento da cidade do que à “calmaria” desta.

Era do mesmo jeito que é hoje. Tudo tranquilo, tudo.. é do mesmo jeito de hoje, é do mesmo jeito de hoje. Num tinha, num tem diferença não. Era tudo pessoas boas, né? É do mesmo jeito (Ent10, 58M)

Mas eu acredito também que pela tranquilidade. Tibau ainda, graças a Deus, é ainda uma cidade tranquila, calma (Ent19, 36F)

Alguns questionamentos foram feitos em relação ao que mudariam na cidade se pudessem, e também nos nativos. Muitos entrevistados mencionaram vários aspectos negativos a serem mudados, os quais serão discutidos nas outras categorias. Mas alguns entrevistados manifestaram que não mudariam nada por gostar das coisas como são, tanto em relação aos nativos quanto à cidade, indicando um desejo de continuidade em relação ao lugar.

Se pudesse mudar? Mudaria o que? Dependendo do que.. nada, eu acho que, assim, os nativos, num vejo nada de errado não, que possa mudar, eu acho que deva continuar assim (Ent12, 47M)

Se eu pudesse eu num mudaria nada. Nada. Nada, nada (Ent02, 87M)

A denominação das subcategorias *Place-referent* e *Place-congruent* advêm da revisão de literatura e se referem a dois modos de expressar o desejo de manter a continuidade do self com base em aspectos do lugar. A continuidade de lugar referente

(*place-referent continuity*) seria relativa ao desejo de permanência na sede municipal de Tibau do Sul-RN e a continuidade de lugar congruente (*place-congruent continuity*) ao desejo de mudança para um lugar com algumas características semelhantes (ou congruentes) à localidade.

Esse desejo de permanência ou não pôde ser constatado ao longo de todas as entrevistas, com destaque a uma pergunta específica referente à opção do entrevistado caso pudesse ter escolhido nascer em qualquer lugar do mundo, a qual apontou para um forte desejo de permanência na sede municipal na grande maioria das respostas. Aproximadamente dois terços dos entrevistados expressaram diretamente o desejo de permanecer em Tibau do Sul (*Place-referent*), muitas vezes ressaltando aspectos positivos da cidade como justificativa. Alguns, ainda, comentaram que teriam que sair da cidade para estudar, trabalhar ou dar acesso aos filhos de mais oportunidades, muitas vezes expressando um certo tom de lamentação.

E daqui um tempo, assim, planejo ir pra Natal, por eles, pra ter uma boa escola, pra morar lá. Só mesmo pela educação. Com muita pena de deixar Tibau, todo fim de semana vou tá aqui, mas assim é mesmo pela educação. Por Tibau não ter desenvolvido. Só por isso (...) E é tanto assim que o meu plano de ir morar em Natal, de ir viver em Natal, não é de morar assim, é de continuar aqui. Que eu gosto muito disso aqui (Ent19, 36F)

E eu vou pra Natal, digamos, vou pra natal a matéria. Eu vou pra Natal mas o coração fica. A matéria vai pra natal pra tentar alguma coisa, né, de formação tudo, mas meu coração fica aqui. Eu posso ir pra mundo inteiro, andar o mundo inteiro, mas eu quero morar em Tibau (Ent23, 33M)

É importante ressaltar que muitos entrevistados, especialmente os idosos, mesmo tendo expressado o desejo de permanência em muitos momentos da entrevista, demonstraram dificuldade em responder a pergunta específica acerca de sua opção se pudesse nascer em qualquer lugar do mundo, por não conhecer outros lugares ou por expressar um tom de obviedade que só poderia ser o “meu lugar” ou “minha terra”. Alguns ainda responderam com certo tom de estranheza a esta e a todas as perguntas em relação ao futuro ou hipóteses, expresso muitas vezes em uma crença religiosa ou com um certo tom de “destino”.

Se eu nascer e morrer lá, eu nascia lá. Eu num tinha escolha, num tinha escolha não senhora. Quem nasce e se cria num tem escolha (...) Num tem essas coisa não. Se num tem, a sina dele ele trazendo com ela, só Deus, só Deus e mais ninguém (Ent02, 87M)

Uma coisa que a gente, eu num sei nem lhe explicar, que adivinhar ninguém adivinha. Se eu adivinhasse podia dizer alguma coisa, mas já que a gente não sabe é esperar, pela vontade de Deus e do povo, num é isso? (Ent06, 69M)

Alguns entrevistados salientaram também uma possibilidade de morar em outros locais, mas com ênfase em alguns aspectos que deveriam ser semelhantes à Tibau do Sul (*place-congruent*). Outras respostas, ainda, indicam o desejo de conhecer outros lugares ou de ter nascido em locais em que se poderia ter tido melhores oportunidades, especialmente na carreira profissional.

Se tivesse a mesma beleza que Tibau. A mesma tranquilidade (...) É, talvez pensasse. Mas se o outro tivesse as mesmas características da cidade que eu moro (Ent24, 32M)

É, se tivesse de optar por isso, talvez eu optasse por, por algum lugar da Europa. (...) eu tenho até curiosidade de conhecer alguns lugares da Europa, né? E conhecer o berço da civilização, que começou dali (...) Por isso talvez se eu tivesse que escolher, depois daqui, né, eu escolheria um lugar de lá, Europa (Ent16, 40M)

Somente uma entrevistada expressou enfaticamente a opinião de que não gostaria de permanecer em Tibau do Sul-RN. De modo geral essa entrevistada apresentou uma opinião bastante crítica para a cidade, bem contrastante com todos os demais participantes, discussão que será realizada posteriormente.

De que, de Tibau? Eu hoje o que eu mais gosto de Tibau acho que é pelo tempo que eu vivi. (...) Eu sou assim uma pessoa muito família (...) se pudesse ir todo mundo, então seria bom. Mas como não pode, uma parte fica aqui, aí fico dividida, em Tibau. Que mais, só isso mesmo, só a memória mesmo. (Eu: E se pudesse ir, iria pra onde?) Iria pra Natal. Ou pra Natal ou então morar num lugar bem bonito, assim, bem, numa fazenda assim, bem reservado (Ent11, 52M)

Uma análise geral do *corpus* de pesquisa permitiu fazer essas considerações que podem fornecer alguns possíveis indicadores do princípio de continuidade. Resumindo-se o que foi apresentado, o desejo de permanência em Tibau do Sul pode ser considerado bastante expressivo nos relatos da grande maioria dos entrevistados, assim como o desejo de transferência de características deste lugar para outros lugares para onde pudessem pensar em se mudar.

Muitos elementos do contexto da sede municipal (físicos, sociais, culturais, etc) parecem ser percebidos como “contínuos” e, mesmo indicando mudanças, essas parecem ser percebidas como graduais e até “lentas demais”, expressando um certo tom de crítica principalmente em relação ao desenvolvimento da atividade turística na sede municipal. A descrição da sede municipal feita pela maioria dos entrevistados, tanto no presente quanto no passado, salientou muitos aspectos comuns e contínuos. Esses poderiam ser considerados como elementos que conferem um sentido de familiaridade com o lugar. De modo geral, o desejo de continuidade de muitos desses aspectos do ambiente (físico e social) foi expresso por muitos entrevistados, especialmente em relação à tranquilidade do lugar.

### 5.3. Autoestima

O princípio de autoestima se refere a uma avaliação positiva de si, do grupo ou do lugar a que se sente pertencente, assim como ao julgamento de que os outros o avaliem positivamente, também seu grupo ou seu lugar. A categoria autoestima foi primeiramente dividida em Positiva e Negativa e ambas subcategorias foram posteriormente divididas em Pessoal, Nós, Tibau, Pessoas de fora, Passado e Futuro.

A partir da análise do *corpus* do estudo, o principal aspecto a ser ressaltado são os inúmeros adjetivos positivos utilizados para se referir à sede municipal de Tibau do Sul (Tibau+), em contraste às poucas referências negativas à localidade (Tibau-). Alguns adjetivos muito utilizados foram “paraíso”, “maravilhoso”, “excelente”, “encantadora”, “bonita”.

Tibau... Tibau pra mim é um lugar quase perfeito. Pra mim é muito bom viver aqui (Ent16, 40M)

(Eu: E o que você acha de morar aqui?) Aqui é o paraíso, July. Vixi (Ent20, 36M)

(Eu: E o que você acha de morar aqui?) Uma maravilha! Eu adoro. Adoro morar aqui. É muito singular, tá louco. Muito, muito, muito. Tá louco! (Ent21, 34M)

Olhe, eu sei que tudo é pelo consentimento de Jesus, mas esse é um lugar saudoso, sabia? (Eu: Saudoso?) Saudoso. Pessoa se sente feliz quando tá aqui (Ent02, 87M)

Ah, eu acho aqui muito bom, é uma cidade encantadora, né? A beleza daqui eu acho que não tem preço (Ent24, 32M)

Assim, adoro chegar ali e ver ali. É mesmo privilegiado aquilo ali. Essa lagoa de Guaraíras é, é um sonho. Assim, e eu conheci assim algumas praias do Nordeste, não sei se eu sou puxa-saco, mas não tem igual (Ent19, 36F)

Os relatos dos entrevistados citados acima ressaltam o quanto acham o lugar “bom de se viver”, como foi destacado por muitos outros participantes. A qualidade de vida do lugar expressada por eles foi justificada por diferentes aspectos da cidade, como por exemplo, a “beleza ambiental”, a “tranquilidade”, a soma de muitos fatores e a “fartura” muitas vezes referente às condições econômicas satisfatórias. Esta última será abordada na categoria autoeficácia.

A qualidade de vida aqui é excelente, a beleza ambiental, existe um conjunto de coisas que encanta, né? (Ent23, 33M)

pra mim eu já vivo de férias. Que eu tenho isso daqui como umas férias eternas. (...) pra mim quem vive estressado numa cidade dessa é doente. Pra mim num é normal não (...) Quando você ouvir uma pessoa dizer isso em Tibau, você num sabe nem o que ela tá dizendo. Se perguntar o que é estresse ela nem sabe te dizer, entendeu? Então eu acho que ela fala porque acha bonito, né, de tanto ouvir falar (Ent23, 33M)

Muitos entrevistados demonstraram dificuldade em responder aos questionamentos acerca do que ou de que lugar menos gostavam em Tibau do Sul, assim como em optar por um aspecto ou lugar de que mais gostavam. As citações apresentadas abaixo reforçam uma avaliação positiva do lugar feita pela grande maioria dos entrevistados, ainda que muitos também tenham criticado vários outros aspectos do lugar.

O lugar que eu menos gosto. Caramba, como assim.. Peraí! Que eu menos gosto, é... num sei.. o que eu menos gosto aqui em Tibau? Ah, eu num sei.. O que eu menos gosto. Num sei, eu gosto de tudo aqui. Menos gosto... Num sei, num tem. Tudo eu gosto aqui em Tibau (Ent21, 34M)

É impossível um lugar aqui que eu não gosto (Ent20, 36M)

Dos 29 entrevistados, 13 responderam que não havia nenhum lugar que não gostavam em Tibau do Sul (Ent 01, 02, 03, 05, 06, 07, 13, 14, 17, 20, 21, 24 e 29). Depois um destes (Ent14) pensou melhor e respondeu que seria o distrito de Pipa, assim como outros quatro (Ent 09, 16, 18, 28), destacando mais a questão do uso abusivo de drogas do que especificamente outros aspectos da localidade. Outros 6 entrevistados (Ent 08, 12, 15, 19, 23 e 27) indicaram outros distritos de Tibau do Sul denominados de “beira de lagoa” ou “beira de caminho”. Apenas 4 (Ent 10, 22, 25 e 26) se referiram a locais que não gostavam em Tibau do Sul referindo-se ao distrito (sede municipal) e não ao município como um todo, todos eles indicando a praça central da cidade ou a “rua” de modo genérico e justificando o fato com a “fofoca” que tem nesses lugares e por não gostarem de falar da vida de ninguém. Uma entrevistada (Ent11, 52F) afirmou não gostar de nenhum lugar e criticou vários aspectos da cidade. Outro participante (Ent04, 75M) disse que gostava muito da cidade, mas gostaria que fosse um lugar que valorizasse mais a agricultura.

Em relação à pergunta acerca de qual lugar mais gostavam em Tibau do Sul, 12 participantes responderam a “praia” (Ent 03, 08, 10, 12, 15, 17, 19, 24, 26, 27, 28 e 29), algumas vezes juntamente à lagoa, à cidade como um todo ou sua casa. Outros 4 responderam paisagens naturais nas proximidades do encontro entre a lagoa e o mar, como a praia de Malembá, que se localiza do outro lado da lagoa (Ent 21 e 25), as dunas e/ou a vista da lagoa (Ent 20 e 23). Dois participantes (Ent09 e 18) mencionaram nomes de outros distritos da “beira de lagoa” com a justificativa de que gostavam mais de “beber uma cerveja” nessas localidades por ter amigos e considerarem seus habitantes como mais “animados” do que as pessoas da sede municipal. Cinco entrevistados responderam a “casa” (Ent 02, 04, 05, 06, 10), outros usaram termos mais genéricos como “meu lugar”

(Ent01), “onde moro” (Ent07) ou “toda Tibau” (Ent16). Uma depoente mencionou a rua que morou a maior parte de sua vida e continua frequentando todo final de semana (Ent13).

Vale ressaltar que três entrevistados (Ent 11, 20 e 22) responderam rapidamente “o mirante”, o qual foi também lembrado por vários outros participantes ao longo das entrevistas, assim como em algumas entrevistas-piloto e em várias conversas cotidianas que tive com os moradores. O mirante se refere a um dos pontos mais altos da localidade na “ponta das falésias”, com vista ampla para a Praia do Giz, a Lagoa de Guaraíras e o encontro das águas do mar e da lagoa. Esse era o local onde todos os nativos costumavam se reunir, para esperar os barcos que iam trabalhar “na maré”, conversar, namorar, enfim, era um dos mais importantes espaços de socialização da sede municipal no passado que atualmente é propriedade privada, cercado. Uma entrevistada (Ent11) respondeu que não tinha preferência por nenhum lugar e que “antes dos turistas” era a praia e o “Pirambu” (nas proximidades do “mirante”) mas esses “também tomaram o espaço” (esta discussão será feita posteriormente em relação ao princípio de autoeficácia).

Em relação ao “lugar” Tibau do Sul, muitas críticas foram feitas em relação a aspectos que deveriam/poderiam ser melhorados, em sua grande maioria relacionada à principal atividade econômica atualmente do município, o turismo, e serão apresentadas na categoria autoeficácia. De modo geral, somente um adjetivo negativo para caracterizar a cidade (Tibau-) foi recorrente nos relatos: o termo “parada” (ou “morta”), na maioria das vezes com referência ao desenvolvimento “lento” da localidade e poucas vezes à falta de opções, especialmente de lazer para as crianças e jovens.

Assim... é um pouco parado né. A gente sabe em relação a muita coisa... até ao desenvolvimento da cidade é complicado. Apesar de ser uma cidade turística já era pra ser bem mais desenvolvida né (Ent29, 19F)

Então quer dizer, pra gente, hoje, a gente praticamente a cidade é morta, através disso tudo (Ent14, 45M)

A “culpa” pelo fato da cidade ser “parada”, na maioria das vezes, foi atribuída aos governantes locais e, em outras, a alguns aspectos negativos que os entrevistados utilizaram para caracterizar os nativos. O “comodismo” e o “olho gordo” (ou “inveja”) foram as características mais enfatizadas pelos participantes para se referir aos nativos (Nós-). Muitos aspectos negativos dos nativos e da relação entre eles foram destacadas pelos participantes, ao mesmo tempo em que foram ressaltadas as características positivas desses, muitas vezes como meio de amenizar as críticas feitas.

Tibau? Acho um lugar parado. Mas assim, eu acho que os principais culpados, o pessoal fala que é os governantes, essas coisas.. eles tem a culpa, mas acho que é

principalmente a população. Porque, por ser cidade pequena, cada um quer ter mais do que o outro, na minha opinião.(Ent27, 22M)

Mas, assim, eu vejo muito comodismo das pessoas, infelizmente é isso. Acham, arranjam um trabalho acham que já estão, ganham um salário mínimo e já se acham garantido pro resto da vida. Já tem um futuro com isso. Casam, tem os filhos e pronto. Comodismo (Ent19, 36F)

Eu acho aqui o pessoal aqui é muito é.. não é nem ambicioso. Porque se você tem ambição você quer crescer de qualquer jeito. E quando é invejoso assim você quer dar um jeito de você crescer, mas que o outro não cresça. E acho que aqui tem muito disso (Ent27, 22M)

Outras expressões recorrentes foram “mentalidade fraca”, “ignorantes”, “egoístas”, “orgulhosos”, dentre outras. Essas mesmas características foram também usadas para justificar algumas críticas acerca da relação entre os nativos, destacando-se entre elas a “desunião” entre eles.

Porque o povo de Tibau tem uns que são muito orgulhosos também... Também não são de nada e são muito orgulhoso. Aí querem as vezes até machucar os outros que são mais fraco, né? Quando se acham com alguma coisinha a mais que o outro, aí já querem subir mais do que os outros, né? (Ent05, 74F)

entre os próprios nativos mesmo, o que eu vejo aqui, é que são mal-unido. Assim, todo mundo tem de que, graças a Deus, tem de que viver um pouco. Mas eles são desunidos assim.. porque uns ou outros crescem muito os olhos em cima de um, dos próprios mesmos (Ent14, 45M)

As características positivas dos nativos e da relação entre eles também foram destacadas pelos participantes. As “desavenças” ou “desunião” foram muitas vezes justificadas como “normal” em cidades pequenas, ou devido à população “cuidar da vida dos outros” por “não ter o que fazer”, ou ainda referindo-se a brigas e desentendimentos por questões políticas, as quais são resolvidas assim que terminam as eleições. Os aspectos positivos da relação entre os nativos foram mais enfatizados do que os negativos.

Os filhos de Tibau, eles são desunido. São desunidos, mas é como eu lhe disse, tão de mal, tá de mal com um... mas quando é amanhã vai pedir desculpa. Num são povo arruaceiro não (Ent02, 87M)

Que é natural, né, política sempre tem.. cada um quer defender o seu lado, né? Então.. fica tudo normal. Depois tá todo mundo normal. E se respeitam, o pessoal respeita muito, num tem muita confusão não. Pessoal unido. Tanto é que quando precisa todo mundo chega perto, e vai tentar fazer a sua parte (Ent12, 47M)

Dentre os adjetivos positivos utilizados para caracterizar os nativos, destacam-se os termos “solidários”, “pessoas boas”, “bom coração” e “honestos”, e ainda “respeitadores” e “simples” para descrever principalmente os “mais velhos”. A figura do “filho de Tibau” típico foi muitas vezes representada pelo “pescador” e ressaltadas as relações de solidariedade e respeito entre eles que, como analisadas por muitos entrevistados, estão se enfraquecendo nos jovens atualmente, afirmação justificada em sua maioria pelas influências das “pessoas de fora” ou, de modo mais genérico, ao “mundo de hoje”.

Olha eu acho ele um, pessoas muito humildes, simples, acolhedora. Muito solidárias (Ent24, 32M)

Típico nativo é aquele menino que ele num estudou muito, né, pouco estudo, é claro. Que eles batem em outra vertente, não ficam, né? Pouco estudo, né, mas pessoas boas, respeitadoras. Porque olha, a maioria dos pescadores aqui tem essa índole, né, respeito, respeitador, pouco estudo, mas que são pessoas respeitadoras (Ent13, 46F)

E eu acho que até a influência de pessoas de fora que vêm com esse egocentrismo e acabam passando prá, esse individualismo acaba passando para os nativos (Ent29, 19F)

Referindo-se à relação entre os nativos e as “pessoas de fora”, muitos entrevistados avaliaram positivamente, destacando principalmente uma qualidade dos nativos de serem “receptivos” e “acolhedores” e, na maioria das vezes, em sua relação com os turistas. Essas mesmas características foram enfatizadas ao responderem como pensam que as “pessoas de fora” olham para o nativo, destacando-se também outras qualidades como, por exemplo, “simples”, “confiáveis”, “simpáticos”. No entanto, referindo-se às “pessoas de fora” como empresários e trabalhadores, uma avaliação negativa de sua relação com os nativos foi mais evidenciada do que aquelas opiniões mais positivas ou ponderadas. A avaliação foi relacionada a um olhar também negativo das “pessoas de fora” para eles e justificada por muitos entrevistados pelo baixo nível de escolaridade dos nativos. Alguns opinaram que as “pessoas de fora” subestimavam os nativos por serem “menos esclarecidos” e outros avaliaram que os próprios nativos não se impunham por subestimar sua capacidade.

Como é que eles olham? Olham assim, eu acho assim, admiram, né? O nosso estilo de viver, de se manter. De receber muito bem quem vem de fora, ninguém discrimina ninguém, recebe todo mundo muito bem, tem maior respeito (Ent18, 39M)

É um pouco, um pouco, sabe? (mostra o nariz empinado) Tanto que a maioria não tem amizade com o nativo, né? Chegam, não se aproximam, às vezes pegam uma amizade, mas é mais pra explorar, aquela parte de exploração (Ent13, 46F)

Não é boa. Num acho, num acho, num acho. Exatamente por isso, por essa separação, né? Até mesmo preconceito eu acho. Tem alguns que tem, os preconceitos (Eu: De que lado?) De ambas as partes. Eu acho que as vezes diz, ah, é o pessoal de fora que tem. É não, eu acho que não. Bem, as vezes se você se aproximasse mais. Sei lá, tem essa barreira, entre os nativos e os que vieram de fora. Existe essa barreira (Ent13, 46F)

Quando questionados acerca dos motivos que faziam as “pessoas de fora” irem à Tibau do Sul, a grande maioria dos entrevistados ressaltou somente aspectos do lugar, principalmente a “tranquilidade” (calmaria e segurança), a beleza natural das paisagens e a soma de muitos fatores. Alguns poucos entrevistados atribuíram o fato a três outros fatores: a soma dessas características do lugar com as dos nativos, destacando serem “receptivos” e “de confiança”; a soma do lugar com interesses pessoais dessas pessoas, em especial o investimento em empreendimentos e/ou empregos; e somente a esses interesses particulares.

Porque tem vários fatores que agrega esse valor. De, perto de uma capital, perto de um aeroporto, é um lugar tranquilo, é lindo, as pessoas são muito simpáticas, acolhedora, e... e é muito especial, é um lugar muito especial (Ent21, 34M)

Digamos que 70% das pessoas que moram aqui tem alguma coisa por fins lucrativos, e os outros 30% porque realmente.. Pronto, é isso que eu queria pra minha vida e aqui eu vou ficar. Daqui eu num saio mais, só quando morrer. E eu acho que fizeram uma boa opção (Ent23, 33M)

A análise desta categoria apontou para indicadores de uma avaliação bastante positiva dos entrevistados em relação especialmente das características do lugar, visto que os poucos aspectos negativos ressaltados em relação ao lugar foram principalmente relacionados a questões econômicas da sede municipal atualmente (discussão referente à categoria autoeficácia). Em relação aos nativos e à relação entre eles, ainda que características negativas tenham sido ressaltadas, as críticas foram muitas vezes amenizadas a partir do destaque de outras características positivas destes ou da justificativa destas pela influência de outras pessoas ou de “como o mundo é hoje”. A relação dos nativos com as “pessoas de fora”, assim como o olhar destas para os nativos, foram avaliados tanto positiva quanto negativamente. A avaliação positiva pareceu se referir mais aos turistas e/ou ao destaque às qualidades positivas do lugar e dos nativos que possibilitavam essa boa relação. A avaliação negativa pareceu ser mais relacionada à relação com “pessoas de fora” que vieram investir e/ou trabalhar na região, justificada muitas vezes pelo baixo nível de escolaridade dos nativos e consequente desvalorização deles. E por fim, os relatos categorizados como autoestima em relação ao passado ou ao futuro, na maioria das vezes foram citados em comparação ao presente, referindo-se à categoria distintividade temporal.

#### **5.4. Autoeficácia**

O princípio de autoeficácia se refere à confiança do indivíduo em suas capacidades em lidar com as demandas situacionais e funcionar de forma competente para conseguir atingir seus objetivos. Na relação com o lugar, para que o senso de autoeficácia seja mantido é importante que o ambiente facilite ou ao menos não dificulte o estilo de vida cotidiano do indivíduo, auxiliando-o a atingir os projetos relevantes à sua identidade. A subcategoria autoeficácia positiva foi dividida, para facilitar sua análise, em Pessoal, Passado, Aspectos subjetivos, Sustento, Infraestrutura e De outros; e a subcategoria autoeficácia negativa em Pessoal, Passado, Aspectos subjetivos, Sustento, Infraestrutura, Nativos, Tibau e Turismo.

A subcategoria denominada de Aspectos subjetivos, relacionada à autoeficácia positiva, incluiu algumas características ambientais que os entrevistados atribuíram como responsáveis por lhes proporcionarem uma boa qualidade de vida. A tranquilidade e segurança foram bastante enfatizadas, também ressaltadas como elementos de distintividade e continuidade. Outro elemento destacado foi o fato de todos os nativos se conhecerem, relacionado muitas vezes àquele sentimento de segurança e também de segurança emocional, no sentido de saberem que têm pessoas para lhes ajudar quando necessário. A qualidade de vida foi atribuída também à soma desses vários fatores, além do ritmo de vida, à beleza e qualidade ambientais e de terem a satisfação de suas necessidades básicas garantidas.

Sem luxo mas com vida, né? Qualidade de vida. Tem qualidade de vida, né? De respirar o melhor ar, que a gente tem aqui, né? O povo são bom, né, são no geral, todo mundo é bom. Todo mundo se ajuda, quando precisa, todo mundo vai lá e... é uma cidade maravilhosa, Tibau é muito bom, Tibau é tranquilo. Muito bom (Ent12, 47M)

Quer dizer, é uma cidade que hoje você pode caminhar toda hora, 1 hora da manhã, 2 horas. Ninguém mexe com ninguém, num sei daqui por diante. Então só de você ter essa tranquilidade, a segurança de você ir e vir qualquer hora. Pra mim isso é tudo. Você tem um diálogo com as pessoas... (Ent20, 36M)

Eu pra mim eu acho superlegal, né? Porque tem nossa liberdade, tem nossa segurança, tem muitas amizades, tem uma parte também que é muito boa, em termos de sobrevivência, tem geração de emprego. Pra quem quer trabalhar, dá pra sobreviver muito bem. Pra mim é uma ótima cidade (Ent18, 39M)

Os relatos de grande parte dos entrevistados enfatizaram o fato de que os nativos da sede municipal tinham muitas possibilidades de terem suas necessidades básicas satisfeitas. Isto foi atribuído a vários fatores, destacando-se entre eles a “fartura” do lugar, as aposentadorias garantidas de praticamente todos os idosos e a geração de empregos proporcionada pela atividade turística. A “fartura” do lugar foi referida principalmente pela biodiversidade da Lagoa de Guaraíras por garantir a “mistura” ou alimentação básica. A aposentadoria foi muito enfatizada como uma das principais fontes de renda garantidas das famílias, bem como outros benefícios relacionados à atividade pesqueira como, por exemplo, o seguro da lagosta e da piracema.

quando ele bota uma linha no caranguejo na beira da lagoa ele já traz uma mistura pro feijão. É por isso que eu acho bom porque Tibau é um lugar rico. Aqui só, só passa fome e num tem uma mistura dentro de casa se tiver preguiça mesmo ou safado. Porque aqui é um lugar rico (Ent10, 58M)

Hoje graças a Deus tá todo mundo rico, todo mundo já tem o seu canto, sua aposentadoria, e dá pra ir levando (...) Ainda bem que todo ano aumentam o salário da gente um pouco, e de todos, né, que tem os que ganha... aí sempre tem um aumentozinho por cima, todo ano (Ent06, 69M)

O desenvolvimento turístico foi o principal fator evidenciado (por quase, se não todos, os entrevistados) como responsável pela melhoria das condições econômicas da localidade, especialmente devido à geração de uma diversidade de opções de emprego. Ainda, vários outros aspectos positivos da atividade, ressaltados pelos participantes, podem ser relacionados a uma maior confiança deles em conseguir lidar com as demandas situacionais, como por exemplo, terem acesso a pessoas diferentes do mundo todo ou aprenderem outros idiomas. Esses e outros fatores foram muitas vezes enfatizados como auxiliares para uma boa desenvoltura dos nativos caso optem por trabalhar, estudar ou viajar para outras localidades.

Hoje em dia Tibau tem uma boa geração de empregos. Não trabalha quem não quer, né? Tem vários comércios que geram, geram empregos. Tem restaurantes, tem pousadas, essas coisas, hotéis. Então tudo isso aí gera emprego, né? (Ent18, 39M)

Eu acho que lidar com o público é muito bom. Você estar sempre conhecendo uma pessoa nova, um idioma diferente, né, e fazendo sempre uma nova amizade na verdade. Acho que o turismo é muito bom, acho que pra qualquer pessoa ser... libertar mais, se comunicar mais com as pessoas, eu acho que não tem igual não (Ent24, 32M)

No entanto, as considerações acerca da melhoria das condições financeiras foram constantemente feitas por muitos entrevistados juntamente a muitas críticas em relação à “carestia” do lugar ou aumento do custo de vida. As constatações foram muitas vezes relacionadas ao turismo de várias formas, como por exemplo, à dificuldade de sobreviver com o “salário dos nativos” para comprar as mercadorias com “preços de turistas”. Ainda, algumas poucas vezes foram utilizadas como um elemento de distintividade negativa em relação a outros (Outros+), como ao se comparar a sede municipal às comunidades circunvizinhas com o custo de vida mais baixo por não serem localidades turísticas, ou ao comparar os nativos às “pessoas de fora” as quais podem viver com melhor qualidade de vida devido a muitas vezes conseguirem ganhar melhores salários.

Pra quem ganha um salário, a inflação aqui tá... sobrevive porque é nativo. Tem outra fonte de renda, tem outro meio pra sobreviver, né? Vamos dizer, sempre tem a lagoa, vai e pega um peixe a noite, essas coisas.. sobrevivi com um salário, mas se você ficar.. se você sobreviver aqui... como tá a carestia aqui em Tibau, é difícil (Ent15, 44M)

Do jeito que o turista come, um pobre que nem eu, ele num vive. Mas é muito caro aqui. Já do lado, do outro lado lá do rio num é, essas carestia num é tanto que nem aqui não. Porque lá num existe turista, né? Mas aqui, aqui o custo de vida é caro, muito caro. É... aqui é demais (Ent10, 58M)

A geração de empregos, destacada anteriormente como fator positivo relacionado a uma boa qualidade de vida, também foi diversas vezes mencionada juntamente a muitas críticas em relação à qualidade dos empregos e à falta de reconhecimento profissional. Um

dos principais aspectos destacados foi a baixa remuneração muitas vezes não correspondente às grandes exigências de qualidade nos serviços prestados. Essa crítica foi acentuada especialmente quando comparados às “pessoas de fora”, ressaltando-se que elas recebiam salários bem mais altos para exercerem as mesmas funções. Algumas vezes o fato foi justificado devido à falta de capacitação formal dos nativos e, em outras, relatados como preconceitos em relação a esses.

As pessoas aqui, os empresários mesmo em toda região, eles valorizam muito mais as pessoas que vem de fora, entendeu? (...) então eles tem uma noção de que a gente é nativo, a gente precisa ganhar um salário mínimo, a gente precisa viver com um pouquinho e pronto, acabou-se. E fazer o melhor possível, entendeu? Exigir eles exigem, mas mesmo renomeadamente, financeiramente, profissionalmente, a gente não é bem visto (Ent25, 29F)

Chegou uma pessoa pra trabalhar de SP lá no hotel, é formada, tudo, e assim, eu às vezes faço o trabalho dela mas ela tem formação. E, assim, eu vou questionar o que? Ah, porque faço. Ah, é verdade, eu faço e tudo, mas porque eu não me formei? É verdade, é uma culpa que eu tenho e é o que eu te falei. Eu trabalho pra que meus filhos não passem por isso (Ent19, 36F)

Conforme visto anteriormente, a falta de empregos não foi mencionada por nenhum entrevistado, ressaltando-se inclusive que o município de Tibau do Sul é atualmente pólo importador de mão-de-obra de várias regiões. No entanto, essa mão-de-obra ou se refere a pessoas com qualificações formais ou a pessoas com menores condições econômicas advindas principalmente do interior do Estado e dos distritos da “beira de lagoa”. Em relação à sede municipal, alguns entrevistados justificaram que muitos empresários não davam empregos para os nativos por esses não terem seriedade e compromisso, ou ainda os próprios nativos não quererem trabalhar por não “passarem precisão” ou terem necessidade disso. A crítica foi mais acentuada com referência aos jovens, explicando-se que muitas vezes os filhos e netos permaneciam morando com pais e avós e dependentes da aposentadoria dos mais velhos. Muitos entrevistados ressaltaram que muitos jovens da sede municipal parecem querer viver a vida de turistas e surfistas e não se preocupam com o futuro.

Em relação a emprego não é um, não é bom não. Eles querem trabalhar muito, querem que trabalhe muito e pagam pouco. Aí você vê que não vale a pena você estar... só se você precisar muito, você, na verdade necessitar muito, né? (Ent28, 20M)

Que muitos se confia numa aposentadoriazinha que a gente paga pra ter. Fica bebendo cachaça. Ganha um dinheirinho hoje, amanhã num ganha. Vai tomar droga, essas coisas (Ent06, 69M)

Relacionado a esse fato, vários entrevistados, especialmente os mais idosos, mencionaram a dificuldade dos pais e avós em educar os jovens e crianças nos dias atuais.

Muitas críticas feitas à juventude de modo geral se referem a um dos aspectos mais enfatizados como autoeficácia negativa na subcategoria Nativos no âmbito desta análise.

Porque ninguém pode mais exemplar um filho não. Se você bater, disse que bater num dá jeito. Aí ele dá parte na delegacia. Aí o filho prende o pai, é processado, o diabo-a-quatro. E agora na bandidagem, os meninos vão ficar na bandidagem? Eu acho que os governantes que é culpado por esses tipos de coisa. Que trocaram a lei certa pela.. por essas leis que um pai num pode exemplar um filho (Ent09, 62M)

O cabra pega o dinheiro, já gasta em beber e fumaça, e esperar pelo ganho de um pai ou de uma mãe? 500 e poucos reais? (...) Aí eles num tão nem aí. Tem gente ai que num tem mais pessoa a quem chegar a reclamar. Faltando limite dentro de casa (Ent06, 69M)

Alguns aspectos referentes à infraestrutura da sede municipal foram relacionados a muitas dessas críticas em relação à juventude, como a falta de opções de lazer e cultura e a qualidade ruim do ensino nas escolas públicas. Esses foram os aspectos mais enfatizados pelos entrevistados como necessitando de investimentos por parte da administração municipal. Muitos participantes enfatizaram que aquela falta de opções contribuía para uma vulnerabilidade das crianças em iniciar a vida sexual e conhecer as drogas ainda muito jovens. Críticas em relação à escola também foram evidenciadas, muitas vezes relacionando-as à preocupação com o futuro das crianças e à possibilidade de conseguirem se inserir no mercado de trabalho.

Isso é que falta, um espaço, bom, pro jovem sair, praticar esporte. A escola num pratica esporte, a educação física nas escolas não existe, infelizmente, né? Tibau do Sul tá sem a educação física (Ent13, 46F)

Não tem... atividades pra elas. Aí o pessoal, de criança começa cedo. Aí já começa a namorar cedo, a fazer tudo cedo. E é bom quando faz coisa boa, né, mas quando pende pro lado errado aí, num tem jeito (Ent28, 20F)

A falta de investimentos em infraestrutura básica na sede municipal voltada para o setor de turismo também foi bastante evidenciada. Todos os entrevistados relataram que o fluxo turístico diminuiu consideravelmente nos últimos anos e quase todos eles atribuíram uma parcela da responsabilidade à administração pública. A sede municipal não tem nenhum banheiro público e, segundo alguns entrevistados, não há nenhum banheiro nas barracas da praia por proibição dos órgãos ambientais. A referência à falta de banheiros foi bastante expressiva entre os participantes, assim como algumas reclamações acerca da falta de divulgação da localidade pelos setores públicos ligados ao ramo de turismo e outros aspectos menos enfatizados.

Mas aqui num tem quem ajeite não, porque cada prefeito que entra aqui num vê fazerem nada. Nada que agrade. Primeiro, tem aquelas barracas de praia e num tem um banheiro na praia (Ent07, 67F)

cio lá mas a gente tem que ser realista, né? (Ent14, 45M)

Que praticamente hoje Tibau tá uma cidade esquecida. Você vê Tibau tinha mais de 50 lojas. Hoje você conta 1, 2 que tem aqui na avenida. E assim mesmo, se o pessoal achar uma oportunidade vai direto pra Pipa. Porque os nossos governantes, que teve na gestão passada, eles só visaram Pipa. E nunca fizeram alguma coisa pra Tibau (Ent20, 36M)

A “crise” (financeira internacional) também foi bastante relacionada à diminuição do fluxo turístico nos últimos anos, conforme percebida e relatada pelos entrevistados. A “carestia”, anteriormente mencionada, foi constantemente associada à “crise” como possíveis responsáveis pela redução do fluxo de turistas, em especial referindo-se aos preços abusivos de vários âmbitos do setor turístico. Alguns entrevistados criticaram os preços altos, de pousadas e restaurantes por exemplo, principalmente por não corresponderem à qualidade dos serviços prestados.

Desenvolvimento tá afracando. Desenvolver tem muita, muita coisa, muito prédio. Mas a concorrência tá afracando em Tibau, turismo num to vendo, muito crescimento... Primeiro porque o capital faltou, a frequência de gente, né? O dólar baixou, o movimento tá muito fraco, não to vendo movimento nenhum. Nem progresso nem de frequência de gente, né? To achando que a marcha diminuiu, né? (Ent04, 75M)

A pessoa chega em Natal, dorme por 80, por 90. Os hotéis de Natal tão tudo cheio de gente, o ano todo. E aqui fica uma situação dessa. Por que? Porque um chalé desse aí mais ruim que tem é 200 reais pra pessoa chegar e se hospedar (Ent03, 75M)

O fator mais enfatizado, entretanto, como responsável pela redução do fluxo turístico na sede municipal foi, sem dúvida, a construção de uma nova estrada que liga o distrito de Cabeceiras diretamente à praia de Pipa. Os principais acessos a esse grande pólo atrativo do turismo atravessavam necessariamente a localidade da sede municipal, desviando-se a rota com essa nova estrada. As obras de construção de mais uma estrada que liga a cidade de Goianinha diretamente à Pipa, atualmente em fase de conclusão, também foram ressaltadas como uma preocupação quanto ao futuro da sede municipal.

Essa pista aí que fizeram, acabou com Tibau (...) Teria que melhorar mais né. Mas como se vão fazê outra pista perto de Goianinha, aí é que o turismo não entra mais mesmo (Ent08, 64F)

aí fez aquela estrada, muito boa por sinal, muito sinalizada, mas acaba com Tibau. Porque quem sobe pra Pipa vai direto, num vai deixar de ir numa estrada boa. Aí o comércio daqui teve um grande prejuízo, né (Ent11, 52M)

A responsabilidade pela diminuição do fluxo turístico na sede municipal e muitos outros aspectos criticados acerca da localidade foram atribuídos principalmente à administração pública municipal. Muitos relatos enfatizaram que a possibilidade de se desenvolver a cidade estaria sob o poder dos políticos e se queixaram que, tanto esses não tinham interesse em mudar nada, quanto os nativos por serem acomodados não

reivindicavam seus direitos. Assim, o “comodismo” dos nativos, um dos aspectos mais enfatizados na subcategoria de autoestima negativa, pode ser também relacionado a uma autoeficácia negativa. Ela se deve ao tom dos relatos de uma certa incapacidade em lidar com as dificuldades que se apresentam na atualidade em relação à localidade, mas também ao grupo de nativos.

Eles tem lá as máfias deles e eles decidem o que querem, não é isso? Nativo mesmo aqui num decide nada. Eles fazem uma reunião, os nativos falam, eles não mudam nada. Então é, em todo canto é assim (Ent15, 44M)

É um povo assim que se acomoda, num tem coragem de lutar. Aí a pessoa também num vai sozinha lutar com aquela briga. Na vez da briga sou eu, na vez de beneficiar é tudo? Então é melhor ficar acomodado (Ent11, 52F)

Outro aspecto analisado como uma autoeficácia negativa em relação ao grupo de nativos foi denominado de apropriação dos espaços. Essa subcategoria foi a mais expressiva dentre aquelas relacionadas a uma autoeficácia negativa, referindo-se à percepção dos entrevistados de que os nativos estavam perdendo o domínio ou controle sobre os espaços físicos da sede municipal. Muitos relatos enfatizaram que, com o crescimento das famílias, muitos construíram outras casas no quintal dos pais para morarem, ou ainda tiveram que se mudar para outros distritos de “beira de lagoa” devido aos preços altos de terrenos e imóveis na sede municipal. Outros relataram que quando as “pessoas de fora” começaram a chegar, alguns nativos venderam suas terras e se mudaram para esses distritos. No entanto, alguns deles citaram isto como fator de distinção positiva da sede municipal em relação à praia de Pipa, uma vez que nesta o processo de migração dos nativos para os interiores foi muito mais acentuado e acelerado. Ainda, foi ressaltada por alguns entrevistados a perda de espaços públicos do passado significativos para os nativos, como o “mirante” ou as duas cacimbas na beira do mar, anteriormente citados.

Problema do turismo que chegou aqui e comprou um terreno por 100 mil, 200 mil, 400 mil, 300 mil. Aí então os nativos não tinha mais condições de comprar. Hoje você encontra vários nativos morando no município porque encontraram lá os terrenos em conta, que dá pra comprar e construíram por lá. Não moram na cidade porque num tiveram condições (Ent03, 75M)

Eu acho bonito uma cidade onde você preserva a população nativa. Que aqui o pessoal saiu vendendo tudo. E cegou pelo dinheiro. Vendeu e acabou num fazendo nada. Tinha uma casa aqui, vendeu, comprou no município vizinho, gasta com num sei o que, e continuou na mesma coisa. Num sei, num fez nada na verdade. Só fez se mudar e passar um ano melhorzinho de vida, e voltou ao normal (Ent27, 22M)

Os entrevistados também avaliaram positivamente muitos aspectos acerca do desenvolvimento de Tibau do Sul, especialmente devido à atividade turística, que devem ser considerados como autoeficácia positiva. Esses se referem especialmente à melhoria

das condições financeiras dos nativos, de características socioeconômicas em geral e da infraestrutura da localidade. Em relação ao turismo, foram enfatizadas principalmente a diversidade de empregos gerados e o melhoramento das condições de trabalho comparadas àquelas da atividade pesqueira. Esses aspectos foram constantemente salientados em comparação a circunstâncias do passado da localidade e portanto foram analisados na categoria distintividade temporal.

Por isso que hoje tamo num mundo de riqueza, porque tudo tem. Se passa um cara na porta ai hoje, primeira entrada dá com 70 dias, num sei com quantos dias. Naquele tempo era tudo no dinheiro. Se tivesse, bem, se num tivesse, dançava (Ent06, 69M)

Boa porque todo mundo trabalha em terra e todo mundo ganha dinheiro. Todo mundo tem seu salário fixo, não é isso? Não é que nem naquele tempo que todo mundo, ninguém num tinha (Ent10, 58M)

Resumidamente, dentre os elementos avaliados como autoeficácia positiva pode-se destacar a boa qualidade de vida da sede municipal, a qual já havia sido analisada tanto como fator de distintividade e autoestima positiva em relação ao lugar, quanto como um aspecto de continuidade. Além da tranquilidade e segurança, as condições de vida dos nativos foram os fatores mais ressaltados pelos entrevistados. A “fartura” do lugar, as aposentadorias dos idosos e a oferta de empregos do setor turístico podem ser destacadas como garantias de satisfação das necessidades básicas dos nativos. Muitos fatores positivos foram evidenciados acerca do desenvolvimento turístico na localidade, em sua maioria relatada em comparação às piores condições de vida do passado.

Em relação aos elementos analisados como autoeficácia negativa, tem-se a ênfase dada pelos participantes à diminuição do fluxo turístico na sede municipal nos últimos anos. A falta de investimentos em infraestrutura básica para o turismo, a crise econômica, os preços abusivos do setor turístico e principalmente a construção de uma nova estrada de acesso à praia de Pipa foram os principais fatores indicados como responsáveis por aquela diminuição. Embora a grande oferta de empregos no setor turístico tenha sido destacada, a baixa remuneração e as condições de trabalho foram avaliadas negativamente pelos entrevistados, ressaltando-se especialmente o alto custo de vida na localidade. A carência de opções para lazer, cultura e educação de qualidade foi evidenciada principalmente em relação à preocupação com o futuro dos jovens e crianças. Dificuldades na educação da nova geração foram fatores bastante ressaltados, sobretudo referindo-se à falta de responsabilidade dos mais jovens e muitas vezes sua dependência financeira da aposentadoria dos mais idosos. As ênfases dadas ao “comodismo”, dos nativos de modo geral, e à falta de interesse da administração pública municipal em estimular o

desenvolvimento turístico, podem ser analisadas como possíveis indicativos de uma autoeficácia negativa dos nativos em relação ao futuro da/na sede municipal. Outro elemento de destaque analisado nesta subcategoria foi a privação dos nativos no acesso a espaços da sede municipal, em especial espaços públicos significativos do passado daquela comunidade.

### **5.5. Distintividade Temporal**

A distintividade temporal é uma categoria criada para este estudo, diferentemente das outras que derivaram do modelo estrutural adotado. Ela abrange a codificação dos trechos das entrevistas referentes à comparação e distinção do passado e do presente das pessoas e do contexto de Tibau do Sul. O objetivo desta foi de sistematizar as informações sobre a história do lugar e as opiniões dos entrevistados para facilitar a discussão da percepção desses acerca das mudanças no contexto da sede municipal de Tibau do Sul. Esta categoria foi dividida nas subcategorias distintividade passado+/presente- e passado-/presente+, as quais foram ambas subdivididas em Pessoal, Vilarejo, Turismo, Pessoas e Condições de vida, codificações estas emergentes do próprio conteúdo do *corpus* de pesquisa. A análise desta categoria será utilizada para a apresentação de uma contextualização e discussão final dos resultados da análise de todas as categorias previamente expostas.

## Capítulo 6

### Identidade-no-contexto: o processo de identidade de vilarejo a cidade

Todos os problemas particulares só podem ser posicionados e pensados corretamente em seus contextos; e o próprio contexto desses problemas deve ser posicionado, cada vez mais, no contexto planetário

Edgar Morin (2009)

O presente estudo buscou compreender alguns aspectos das relações de moradores nativos da sede municipal de Tibau do Sul-RN com seu ambiente, a partir dos quais algumas considerações acerca da identidade de lugar desses pudessem ser feitas.

Os resultados apresentados anteriormente apontam para os aspectos que se destacaram na análise das entrevistas com nativos. Eles se referem aos principais elementos (físicos, sociais, culturais, etc) do atual contexto da sede municipal de Tibau do Sul, indicados pelos participantes como meio de se distinguirem dos demais (outras pessoas e lugares), de avaliarem o grupo de nativos e a sede municipal, de se expressarem ou não como competentes para satisfazerem suas necessidades e de destacarem as continuidades e discontinuidades (ou desejo destas) do contexto. Ainda, com base em uma análise de como os participantes se expressaram ao se referirem a cada um dos elementos, um caráter valorativo (positivo ou negativo) foi constantemente atribuído a eles. Neste capítulo, primeiramente será apresentada uma discussão desses aspectos à luz da teoria acerca da identidade de lugar.

Entendendo a identidade como processo, em constante reestruturação, o objetivo dessa investigação se centra mais especificamente em analisar alguns possíveis indicadores acerca do processo desta reestruturação frente a mudanças no contexto da sede municipal. Essas mudanças devem ser compreendidas como relacionadas ao desenvolvimento do antigo vilarejo da localidade nas últimas décadas. “E agora, tá uma cidade aqui, se a senhora visse, andasse, é muita coisa bonita, quase uma cidade aqui” (Ent01, 92F). Para tanto, em um segundo tópico aqueles elementos serão apresentados contextualizando-os, temporalmente na história da sede municipal, e espacialmente a partir de sua inserção em contextos mais amplos (municipal, estadual, nacional, etc). A categoria de distintividade temporal criada para este estudo auxiliará no processo dessa análise, destacando-se os elementos do presente contexto de Tibau do Sul (físicos, sociais, culturais, etc), expressados como distintivos positiva e negativamente em relação ao seu passado.

Em um terceiro tópico, será apresentada uma análise crítica daquelas mudanças relacionadas ao desenvolvimento do município de Tibau do Sul, com destaque à atual condição da sede municipal, uma cidade turística ainda com traços do antigo vilarejo pesqueiro. Essa análise crítica tem como objetivo a discussão do quarto tópico, em que me proponho a lançar um outro olhar para a discussão do processo de reestruturação da identidade de lugar dos nativos, realizada no primeiro tópico. A discussão se baseia principalmente nas referências em relação ao futuro, feitas pelos entrevistados e analisadas na categoria de distintividade temporal, abrangendo também o contexto espacial e temporalmente mais amplo em que os nativos estão inseridos. Vale enfatizar, ainda, que o primeiro tópico corresponde diretamente à discussão (técnica) dos resultados apresentados no capítulo anterior. Os demais tópicos se referem a um esforço de contextualização desta discussão, um dos objetivos específicos da presente investigação, assim como a uma análise crítica da mesma discussão.

### **6.1. Analisando os resultados**

A “calma” foi uma das características da sede municipal de Tibau do Sul mais ressaltada por todos os participantes e avaliada dos mais diversos modos. A maioria dos entrevistados se referiu a ela por meio dos termos “tranquilidade” e “segurança”, geralmente avaliados como fatores muito positivos da localidade. Outros, embora com menor ênfase, fizeram referência ao termo “parada”, utilizado muitas vezes como forma de se avaliar criticamente o desenvolvimento da cidade, especialmente nos últimos anos, assim como a falta de opções principalmente de lazer para os jovens. As avaliações da “calma” como fator muito positivo e, paradoxalmente, negativo, podem ser consideradas como um dos exemplos pelos quais os entrevistados expressaram a recente transição da “comunidade” de Tibau do Sul, começando a ganhar contornos de uma “cidade”.

A referência à tranquilidade e segurança dessa localidade foi analisada como um importante fator de continuidade do lugar, bastante enfatizada pelos entrevistados. A localização geográfica das residências dos nativos, em sua maioria permanecendo na mesma localidade do antigo vilarejo (no centro da cidade), também deve ser considerada como um fator significativo de continuidade. Essa continuidade foi, ainda, salientada em relação a muitos outros elementos do contexto de Tibau do Sul (físicos, sociais, culturais, etc).

Todos esses elementos podem ser analisados como fatores importantes para um sentido de familiaridade com o lugar, proporcionando aos entrevistados uma percepção do ambiente como estável. Segundo Proshansky e colaboradores (1983) e Valera e Pol (1994), o reconhecimento de novas propriedades do ambiente, advindas das mudanças constantes no contexto, é possibilitado por sua relação com o passado ambiental, referente tanto aos aspectos ambientais quanto àqueles relacionados a histórias de vida dos participantes. Essa percepção de continuidade de aspectos do contexto pode ser apontada como um importante sistema de referência para guiar os processos responsáveis pela assimilação de novas informações à estrutura de identidade (Timotijevic & Breakwell, 2000).

O sentido de familiaridade também foi expresso pelos participantes de outros modos, como conhecerem poucos lugares além do município, alguns nunca terem morado em outras localidades ou “estar acostumado” ao seu lugar. Ainda, ele pode ser vinculado a um senso de pertença, ao se demonstrarem identificados com o lugar, por conhecerem todas as pessoas e serem conhecidos por elas, ou por expressões como “meu lugar” e “minha terra”. Os sentimentos de familiaridade e pertencimento, juntamente com a exaltação de diversas características positivas do lugar, foram muitas vezes mencionados pela maioria dos participantes como meio de expressar um desejo de continuidade de lugar. Ele se refere a um desejo de continuar vinculado de alguma forma à localidade, tanto pelo desejo de permanecer residindo na sede municipal, quanto pela possibilidade de mudança para outros lugares que apresentem características semelhantes a essa localidade. Essas considerações podem ser relacionadas, respectivamente, à continuidade de lugar referente (*place-referent continuity*) e congruente (*place-congruent continuity*), apontando para dois modos diferentes de se expressar um desejo de continuidade do self com base em aspectos do lugar (Bernardo & Palma, 2005; Speller et al, 2002; Twigger-Ross & Uzzell, 1996).

O desejo de continuidade de muitos aspectos do lugar também foi enfatizado pelos participantes, com destaque aos elementos de tranquilidade e segurança da sede municipal, anteriormente apresentados. Eles foram constantemente evidenciados como fatores que conferem uma boa qualidade de vida aos habitantes da sede municipal, levando-se a uma avaliação muito positiva da localidade. Essa foi bastante salientada principalmente na constante comparação da sede municipal com outros lugares, destacando-se também como um importante fator de distintividade positiva do lugar. Evidências do princípio de distintividade envolvem geralmente uma ênfase nos aspectos do grupo (ou lugar) a que o indivíduo se sente pertencente, comparando-se e distinguindo-se dos demais (grupos ou

lugares) (Speller et al, 2002), e funcionando no sentido de se estabelecer e manter um senso de diferenciação de outros (Vignoles et al, 2000).

Segundo Vignoles e colaboradores (2000), os aspectos distintivos tendem a ser percebidos, em um nível cognitivo, como mais central para a definição de identidade do indivíduo. Em um nível comportamental, eles tendem a ser mais evidenciados para outras pessoas (Vignoles et al, 2000), uma vez que, para proverem um senso de distintividade, devem ser socialmente reconhecidos e não somente desenvolvidos e valorizados pelo indivíduo (Speller et al, 2002; Vignoles et al, 2000). Nesse sentido, a distinção da “calma” da sede municipal foi constantemente contrastada à “violência do mundo lá fora”. Ela foi mencionada pelos entrevistados tanto com referência às informações obtidas por meio dos meios de comunicação, quanto (e principalmente) por meio do discurso dos turistas, que constantemente contrasta e valoriza qualidades de Tibau do Sul por meio da comparação com outros locais.

Embora a segurança tenha sido bastante destacada como um fator de distintividade negativa do presente em relação ao passado da localidade, todas as afirmações nesse sentido foram complementadas com a ideia de que a sede municipal “ainda” é muito segura e tranquila. De modo geral, poucos aspectos distintivos negativos da sede municipal em relação a outros lugares foram mencionados, sobressaindo-se uma distinção positiva daqueles. À luz da teoria concernente, essa tendência de se enfatizar a comparação de si com outros de que se possa distinguir positivamente tem como intuito a manutenção de uma autoestima positiva em relação ao grupo (ou lugar) a que se sente pertencente (Vignoles et al, 2000). Ainda, a maioria dos fatores negativos mencionados pelos entrevistados em relação ao lugar - também analisados como uma distintividade temporal positiva do atual desenvolvimento turístico da localidade em comparação ao passado - foi justificada como efeitos inerentes ao (inseparáveis do) “progresso” ou “desenvolvimento” da localidade, amenizando-se sua crítica.

O desenvolvimento da sede municipal, principalmente em relação ao turismo, foi bastante salientado como um elemento de distintividade positiva dos nativos da sede em relação aos nativos dos demais distritos de “beira de lagoa”. Muitos entrevistados salientaram o acesso (econômico, à diversidade de pessoas, a informações, etc) proporcionado pelo fluxo turístico na sede municipal, como um diferencial positivo de seu grupo, tornando-os “menos ignorante” e com “mente mais aberta” do que aqueles das comunidades circunvizinhas. Ao mesmo tempo, o diferencial negativo da sede municipal mais enfatizado se refere ao seu desenvolvimento “lento” se comparado ao distrito de Pipa.

Essa crítica foi muitas vezes atenuada pelos participantes referindo-se ao “potencial” da sede para um turismo de melhor qualidade do que aquele de Pipa, atribuindo-se a responsabilidade pelo desenvolvimento “lento”, principalmente, à falta de interesse dos políticos em investir na infraestrutura e divulgar o destino turístico da sede municipal.

Sob o prisma da teoria, é importante considerar que o indivíduo tende a enviar uma comparação positiva de seu grupo (ou de seu lugar) e, quando isto não é possível, utiliza-se de mecanismos tais como: reinterpretar positivamente as características negativas (Bonaiuto & Bonnes, 2000); procurar ou criar dimensões alternativas de comparação; ou até mesmo evitá-la totalmente (Vignoles et al, 2000). Os mecanismos funcionam no sentido de se manter uma autoestima positiva em relação ao grupo (ou lugar) a que se sente pertencente (Bonaiuto & Bonnes, 2000). Assim, o princípio de distintividade pode ser relacionado à manutenção da autoestima e, em muitas circunstâncias, pode ser considerado como uma fonte importante dela, embora não se resuma a essa função (Vignoles et al, 2000).

No âmbito desta investigação, a distintividade positiva da sede municipal pode ser relacionada à valoração muito positiva da maioria dos participantes para seu lugar, analisada como um indicador importante da autoestima relacionada ao lugar. Essa análise considerou, principalmente, os muitos adjetivos positivos utilizados pelos participantes para se referir a aspectos da localidade, muitas vezes relacionados à expressão de desejo de continuidade no lugar ou de aspectos deste. Segundo Twigger-Ross e Uzzell (1996), somente uma avaliação positiva do lugar não é suficiente para remetê-la à autoestima do indivíduo, embora se relacione a ela. A expressão de um sentimento de orgulho associado àquela avaliação pode ser um indicador que se relaciona a sentimentos de valoração e valor sociais. Em relação ao lugar, a autoestima pode se expressar pelo indivíduo valorizar ou julgar que outros avaliem aquele ambiente positivamente (Bernardo & Palma, 2005; Twigger-Ross & Uzzell, 1996). Em Tibau do Sul, os aspectos do lugar avaliados positivamente foram constantemente ressaltados como fatores de atração das “pessoas de fora” para a localidade.

Referindo-se aos nativos da sede municipal e à relação entre eles, tanto aspectos negativos quanto positivos foram ressaltados pelos entrevistados. O “olho gordo” e “comodismo” foram os aspectos mais destacados, sobressaindo-se uma avaliação negativa dos nativos. No entanto, essas características negativas também foram constantemente atenuadas com referências positivas, principalmente ao avaliarem os nativos como pessoas de “bom coração”, que não são “arruaceiros” ou “de briga”. A avaliação positiva dos

nativos mais destacada se referiu principalmente a serem “receptivos” e “acolhedores”, aspectos salientados algumas vezes como fatores de atração das “pessoas de fora” e como forma de expressar o julgamento positivo dessas em relação aos nativos. As avaliações negativas de como pensavam que as “pessoas de fora” viam os nativos se relacionaram, principalmente, a elementos analisados em relação ao princípio de autoeficácia, referindo-se geralmente aos empresários do setor turístico ou a pessoas que compraram terras no município.

De modo geral, ainda que muitos aspectos negativos tenham sido mencionados, sentimentos de valoração e valor sociais relacionados aos nativos e à relação entre eles parecem ter sido salientados pela maioria dos entrevistados. Assim, a autoestima, compreendida como relacionada ao desejo de manter uma concepção positiva de si (bem como de seu grupo e de seu lugar), deve ser destacada como um importante motivador para a ação (Twigger-Ross & Uzzell, 1996) no processo de reestruturação da identidade. A relação com as “pessoas de fora” pareceu contribuir para a ênfase em uma avaliação positiva do grupo de nativos e da sede municipal.

A avaliação positiva de muitos aspectos do lugar, referindo-se tanto à autoestima quanto à distintividade positivas em relação a outros lugares, foi diversas vezes relacionada à boa qualidade de vida dos habitantes da sede municipal. Além de aspectos ambientais (belezas naturais, ar puro, ritmo de vida, biodiversidade, etc), essa foi atribuída à garantia de satisfação das necessidades básicas dos nativos. Ela foi relacionada principalmente ao estilo de vida simples dos nativos, ao fato da maioria da população da sede municipal ter as aposentadorias dos mais velhos como auxílio na renda familiar, e à “fartura” da Lagoa de Guaraíras (abundância e diversidade de espécies e alimentos). Alguns autores relacionaram o princípio de autoeficácia com o senso de bem-estar psicológico (Speller et al, 2002; Twigger-Ross & Uzzel, 1996). Nesse sentido, a “qualidade de vida” mencionada por alguns participantes, ou referida por meio de outros termos como forma de expressar satisfação em morar na sede municipal, foi analisada como um aspecto de autoeficácia positiva.

O princípio de autoeficácia se refere à confiança do indivíduo em suas capacidades para lidar com as demandas situacionais e conseguir atingir seus objetivos, permitindo-o funcionar de modo competente em uma situação social ou contextos físicos específicos (Bernardo & Palma, 2005; Twigger-Ross & Uzzell, 1996; Twigger-Ross et al, 2003). Na relação com o lugar, de acordo com Twigger-Ross e Uzzell (1996), para que o senso de autoeficácia seja mantido é importante que o ambiente facilite ou ao menos não dificulte o

estilo de vida cotidiano do indivíduo. Assim, o desenvolvimento da localidade, especialmente por meio das atividades lagosteira e turística, foi também analisado como um aspecto relacionado à autoeficácia. Os principais aspectos salientados nos relatos dos entrevistados a esse respeito foram o acesso (a muitas facilidades, às informações, à diversidade, etc), a melhoria das condições econômicas da localidade e dos nativos, e a consequente melhoria das condições de vida e de muitos aspectos do lugar.

Os aspectos analisados em relação à subcategoria de autoeficácia negativa se referiram principalmente à característica dos nativos, destacada pelos participantes, de “comodismo” (em especial das novas gerações). Esse pareceu se relacionar constantemente com uma dificuldade de se sentirem competentes para mudar a atual situação da sede municipal. Muitas críticas foram feitas nesse sentido, referindo-se principalmente à recente queda do fluxo turístico, ao alto custo de vida da localidade (“carestia”) aliado à baixa remuneração de muitos nativos, à precariedade da infraestrutura (em especial relacionada ao setor turístico) e à falta de educação de qualidade e opções de lazer e cultura. De modo geral, a possibilidade de mudanças (ou eficácia) dessa situação foi atribuída à administração pública municipal, cabendo aos nativos somente o voto, ou ainda uma possível mobilização, dificultada pelo “comodismo” deles.

No entanto, ainda que essas questões do lugar possam ser avaliadas como fatores dificultantes para que as pessoas satisfaçam suas necessidades e/ou atinjam seus objetivos, no âmbito pessoal a maioria dos entrevistados pareceu expressar uma capacidade ou competência em lidar com as demandas situacionais. Alguns entrevistados se referiram à necessidade de se mudar para outras localidades para ter acesso (para si ou para os filhos) a um ensino de qualidade, formação profissional e/ou ensino superior, e empregos em outras áreas diferentes de hotelaria. Ainda que alguns tenham expressado que desejariam continuar a morar na localidade, eles fizeram referência à sua possibilidade de se mudar efetivamente para atingir seus objetivos e continuar em contato com o lugar. Talvez a exceção a essa possibilidade seja somente o caso do agricultor (Ent04, 75M), que expressou o desejo de continuar a viver da agricultura, na localidade em que ele possui o conhecimento necessário para trabalhar, e sua impossibilidade, devido especialmente à especulação imobiliária no lugar.

De modo geral, o desejo de continuidade (*place-referent* ou *place-congruent continuity*) no lugar e de aspectos deste, assim como uma avaliação bastante positiva em relação ao lugar, foram muito expressados pelos participantes (com exceção basicamente de Ent11, 52F). As mudanças no contexto da sede municipal ao longo de sua história

pareceram apontar, na maioria dos relatos dos entrevistados, para uma revalorização do lugar (físico e social) e para uma avaliação positiva do desenvolvimento da localidade. Em especial o desenvolvimento turístico se destacou como um fator importante para o diferencial positivo da sede municipal e de seus nativos em relação às comunidades circunvizinhas, além da ênfase no seu potencial turístico comparando-se ao distrito de Pipa. Ainda, muitos aspectos positivos do lugar e alguns dos nativos também foram enfatizados como fatores de atração das “pessoas de fora” e conseqüentemente responsáveis por esse desenvolvimento. O acesso proporcionado pelo desenvolvimento (a informações, diversidade, condições econômicas, etc) deve ser evidenciado em relação ao passado da localidade.

Para Kneafsey (1998), não há dúvida de que o turismo exerce um impacto sobre a identidade de lugar, sendo ele somente mais um processo por meio do qual as identidades são continuamente reconstruídas, ao mesmo tempo em que são mediadas por elementos de continuidade inerentes a elas. Segundo a autora, a emergência de novos modos de relações sociais a partir do desenvolvimento da atividade em seu contexto de pesquisa se destacou como o principal fator de impacto, mais do que a simples presença de turistas na localidade. Knox (2009) destacou que a presença de outros (“pessoas de fora”) pode ser percebida especialmente pela modificação da paisagem e da ocupação espacial da localidade.

A invenção da praia como local de lazer, veraneio e turismo, segundo Kneafsey (1998), deve ser destacada como um importante elemento de diferenciação do modo de ocupação dos espaços em relação às comunidades pesqueiras. No âmbito desta investigação, a praia foi o lugar mais valorizado pela maioria dos entrevistados, em contraste às referências do passado da comunidade em que essa era de difícil acesso e utilizada basicamente para criação de gado e uso de cacimbas de água. O deslocamento do principal ponto de encontro dos nativos da sede municipal, do porto dos pescadores para a praia, pode ser considerado um importante indicativo da transição das referências de uma comunidade pesqueira para o início do desenvolvimento de uma cidade turística.

Especificamente em Tibau do Sul, alguns fatores de continuidade do lugar devem ser evidenciados na transição da atividade pesqueira para a turística. Muitos estudos acerca da temática apontam para uma perda progressiva do acesso ao mar (espaço vital para uma comunidade pesqueira) como um importante fator de impacto a ser considerado nessa transição (e.g., Cunha, 2009; Knox, 2009; Rial, 2006). Na sede municipal, o local de

encontro dos pescadores continuou a ser nas margens da Lagoa de Guaráíras, diferenciando-se dos espaços ocupados pelos turistas, no encontro da lagoa com o mar.

Ainda, a maioria dos nativos permaneceu em seus antigos locais de residência, no centro da cidade, sendo os espaços ocupados pelos “de fora” aqueles periféricos. O desenvolvimento “lento” da cidade, apontado por muitos entrevistados, evidenciou um processo de transição gradual, diferindo-se do impacto provocado, por exemplo, na praia de Pipa ou em outras localidades desenvolvidas principalmente por meio da atividade turística-imobiliária (Loloum, 2011). O desenvolvimento econômico proporcionado pela atividade lagosteira também deve ser considerado um importante fator de continuidade nessa transição. Por meio de uma atividade semelhante à tradição da localidade (pesca), o acesso a muitas facilidades da “cidade grande” foi possibilitado, anteriormente ao fato dos nativos perceberem que “a cidade (o país, o mundo) é quem estava chegando” (Rial, 2006, p. 26).

A discussão apresentada se refere aos possíveis indicadores do processo de reestruturação da identidade de lugar dos nativos frente às mudanças no contexto da sede municipal. Muitas questões podem ser (e foram) problematizadas nesse processo de mudanças no contexto. No entanto, diversos elementos - referentes à avaliação do grupo de nativos e do lugar, a seus aspectos distintivos de outros (grupos e lugares), à habilidade dos nativos para atingir seus objetivos e a elementos de continuidade do lugar (físico, social, cultural, etc) - foram avaliados majoritariamente de forma positiva. Ainda que alguns tenham sido avaliados de forma negativa, especialmente referindo-se à autoestima e autoeficácia em relação aos nativos, a crítica foi, na maioria das vezes, amenizada por meio de comparações com outras pessoas e lugares (“piores”), ou ainda em relação ao passado (“pelo menos está menos pior do que antes”). Esses fatores em seu conjunto parecem apontar para uma avaliação positiva das mudanças no contexto de Tibau do Sul nas últimas décadas, assim como para uma assimilação e acomodação de novas informações à estrutura de identidade, de modo a funcionar no sentido de se definir estados desejáveis para essa estrutura.

Em concordância às proposições de Bauman (2005), dois valores “indispensáveis para uma existência humana decente e madura” (p. 84) se referem à segurança oferecida pelo pertencimento e à liberdade de escolha. Em relação à sede municipal, diversos daqueles elementos avaliados positivamente podem ser analisados como relacionados a esses dois valores. Os traços de uma “comunidade”, ressaltados pelos entrevistados,

parecem se referir ao primeiro, enquanto que os “acessos” proporcionados pelo desenvolvimento da localidade ao segundo.

Em uma sociedade em que o fator de mobilidade é o mais cobiçado (Bauman, 1999), “Uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha” (Bauman, 2005, p. 60). Ao mesmo tempo, o autor afirmou que as “forças da globalização” podem destruir as identidades sociais que proporcionam um senso de segurança duradoura e confiável, uma vez que podem transformar paisagens e perfis humanos familiares a ponto de torná-los irreconhecíveis. No caso da sede municipal, esse não parece ser o caso.

## **6.2. Do vilarejo pesqueiro à cidade turística**

A identificação dos elementos de continuidade, distintividade, autoestima e autoeficácia, bem como o caráter valorativo conferido a eles pelos entrevistados, apresentados no tópico anterior, relacionam-se a alguns objetivos específicos desta investigação. Referindo-se a outros objetivos desta, faz-se necessário ainda contextualizar a discussão temporalmente, quanto à avaliação de aspectos do presente (do lugar e do grupo de nativos) em relação ao passado e às expectativas de futuro expressos pelos participantes, assim como espacialmente, inserindo o contexto mais local (sede municipal) em um contexto mais amplo referente aos âmbitos municipal, estadual, nacional e global.

O principal objetivo dessa contextualização se refere à possibilidade de se revisar algumas considerações feitas no tópico anterior acerca do processo de reestruturação da identidade de lugar de moradores nativos da sede municipal frente às mudanças neste contexto nas últimas décadas. Essas mudanças podem ser compreendidas como relacionadas especialmente à transição da “comunidade” de Tibau do Sul, começando a ganhar contornos de “cidade”.

Segundo Lefebvre (2001), a cidade foi considerada durante muito tempo um simples resultado que refletia um processo histórico pura e simplesmente. Para o autor, ela deve ser compreendida por sua vida social (ou *práxis*) em sua capacidade global, modificando-se ao ser modificada a sociedade em seu conjunto e ao serem criadas novas formas de relações sociais.

Desta forma, a cidade é obra, a ser associada mais com a obra de arte do que com o simples produto material. Se há uma produção da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história; ela é a obra de uma história,

isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas (Lefebvre, 2001, p. 46 e 47)

O processo de produção da cidade de Tibau do Sul e das relações sociais inerentes a esta é, portanto, objeto central dessa contextualização, a qual será apresentada em ordem cronológica dos principais aspectos da história da sede municipal ressaltados nas entrevistas, tanto com os nativos quanto do Painel de Especialistas. Segundo Bosi (2006), “Uma forte impressão que esse conjunto de lembranças (grupais) nos deixa é a divisão do tempo que nelas se opera” (p. 415). Pode-se considerar que os relatos expressam de certo modo as cognições dos participantes acerca de sua realidade, uma vez que se referem a suas memórias, preferências, sentimentos, valores, significados, atitudes, ideias e concepções de experiências e comportamentos, dentre outros. Estas (cognições) consistem, portanto, em sua identidade de lugar, conforme considerada neste trabalho com base na definição proposta por Proshansky e colaboradores (1983).

O episódio da enchente de abril de 1924, o qual arrastou todo o vilarejo “do Tibau Velho” em uma só noite levando à sua reconstrução “acima das falésias” (Galvão, 1989), pode ser considerado um marco de início da sede municipal de Tibau do Sul. Essa afirmação se deve não somente à construção do vilarejo na atual localidade, mas também à maioria dos relatos dos entrevistados, ao serem questionados acerca do passado, fazer referência até essa data. Assim, o episódio se constitui como um importante marco da memória coletiva dessa localidade. Para Bosi (2006), a memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência e se constitui em um “lastro comunitário de que nos servimos para constituir o que é mais individual” (p. 407). Segundo a autora, às ideias compartilhadas e passadas de geração a geração são atribuídos valores, elaborados pelo próprio sujeito, mas que naturalmente foram derivados de uma práxis coletiva.

“Mas quando foi a enchente, que levaram tudo, foi o tempo mais pior, foi esse (...) foi uma vida aperreada” (Ent01, 92F). O relato dessa senhora nascida “no Tibau Velho” indica o aspecto mais salientado pela maioria dos entrevistados para caracterizar o período: a “pobreza”, referindo-se às dificuldades e árduas condições de vida do antigo vilarejo. Os principais aspectos relatados pelos entrevistados para caracterizar o vilarejo podem ser resumidos por aqueles mesmos utilizados por Knox (2009) para se descrever a praia de Pitangui, no litoral norte do Estado: pesca de pequena escala (ou pesca artesanal), pouca variedade de alimentos, pobreza, alta taxa de natalidade e mortalidade, festas de padroeira e de santos, renda de bilro e labirinto, preparo da farinha, muitas dificuldades para uma educação formal e mudanças de alguns nativos para grandes centros urbanos.

O “espírito igualitário” ou “igualitarismo”, característico de uma comunidade pesqueira, conforme referido por Knox (2009), também foi um diferencial ressaltado pelos entrevistados positivamente acerca das relações interpessoais do passado em relação ao presente. Segundo Knox (2009), o risco que a atividade pesqueira envolve, além da necessidade constante de cooperação entre todos em uma comunidade, seriam a base desse igualitarismo. A autora cita, ainda, outro estudo de uma comunidade pesqueira que considera o isolamento geográfico como um importante aspecto para essa estrutura igualitária.

Muitos participantes ressaltaram a “fartura” que tinham no passado, referindo-se principalmente à biodiversidade da Lagoa de Guaraíras. “E muito peixe de água doce, que nem o olho gordo dava vencimento, minha mãe contava (Ent06, 69M). No entanto, ainda que houvesse abundância, o pescado tinha um baixo valor comercial. As dificuldades de escoamento deste, devido à existência de somente uma “estrada de tropeiro”, e de terem que “salgá-lo” para seu armazenamento, foram alguns dos fatores atribuídos para tal. No período em que a “barra começou a abrir” (após 1924) e as águas da lagoa a se misturarem às do mar, a abundância do pescado na região atraiu muitos barcos do litoral norte do Estado, assim como moradores dos vilarejos vizinhos para trabalhar na atividade pesqueira.

E essa pescaria (de camarão na lagoa), eu convivia com ela, naquela pobreza, outros trabalhavam no roçadinho (...) depois apareceu uma pesca de barco, lá no mar, por sinal aqui já tinha 3 barcos, aí veio muito barco do norte, e formou um movimento melhor para a cidade. Que a cidade chegou a ter uma oportunidade, umas coisas melhor. Quando tava naquele movimento de queria fracassar, os tempos já determinados, fracozinho, aí apareceu uma pesca de lagosta, em 60 (Ent03, 75M)

Galvão (2006) atribuiu à pesca predatória a responsabilidade por quase exterminar a pesca de camarão, atividade rentável que havia sustentado o vilarejo por muitos anos. Em 1967, o autor escreveu “Hoje só se encontra camarão nos viveiros, onde eles vão se refugiar e onde, sob o olhar dos vigias, não pode ser capturado por pescadores da lagoa” (Galvão, 2006, p. 77). Alguns entrevistados relataram que a pesca de camarão continuou ainda por muitos anos, apesar da diminuição dos estoques, até que começou a se desenvolver a pesca da lagosta na década de 1960. Galvão (2006) complementou que a pesca de camarão continuou como subsidiária de outros tipos de pesca, por este ser utilizado como isca, mas desapareceu como atividade produtiva.

No início da década de 1950, a inauguração da primeira estrada de rodagem atraiu investimentos de empresas lagosteiras na região. Com o impulso econômico da atividade, o

Distrito de Tibau do Sul, oficializado em 1953, foi emancipado como Município em somente uma década, em 1963 (Galvão, 1989).

A incorporação de novos traços culturais no tecido das relações sociais em Tibau do Sul foi muito enfatizada por Galvão (1968) em suas cartas, argumentando que os contrastes culturais poderiam ser considerados naturais devido ao rompimento do isolamento do vilarejo e conseqüente contato com outras localidades. Galvão (1989, 2006) destacou algumas mudanças significativas nos modos de vida do vilarejo que já se faziam notar no final da década de 1960. A jangada praticamente desapareceu como veículo de pesca, dando lugar ao bote-de-vela e posteriormente ao bote motorizado movido a óleo diesel. “Não deixa de ser curioso anotar que a pesca em Tibau já está saindo do estágio artesanal, barcos motorizados, refrigeração, transporte rodoviário do produto” (Galvão, 1989, p. 23).

O aceleração do ritmo dessas mudanças foi atribuído por Galvão (2006) à inserção da atividade lagosteira na região, destacada pelos entrevistados como uma grande responsável pelo crescimento econômico do antigo vilarejo e um diferencial deste em relação aos vilarejos vizinhos. “O pescador passou a lidar com outros instrumentos, mudou o vocabulário profissional e foi obrigado a utilizar outras técnicas” (p. 24). Naquele período, a comunidade de Tibau do Sul testemunhou o aparecimento de muitos serviços públicos na localidade, como abastecimento de água, energia elétrica, escola, agência postal, ginásio de esportes, dentre outros (1968, 1989, 1967/2006). Alguns entrevistados, ainda, relataram que outros serviços como os de uma agência bancária e de transportes coletivos chegaram à localidade no período devido ao crescimento econômico proporcionado pela atividade, alguns dos quais não existem mais por não se sustentarem com a atual situação econômica desta.

“Era povoado. Depois passou a cidade através de política. (...) Quando entrou a política pegou repartir as casas, as ruas. (...) Sobe aqui, outra desce pra lá e assim vai. Mas era uma casa aqui e outra acolá. Que nem uma favela” (Ent02, 87M). Mumford (1991), ao fazer referências ao início da formação das cidades na história da humanidade, atribuiu à figura do rei a possibilidade de centralização do poder nas antigas cidadelas. Ele era creditado com poderes sobre-humanos devido à sua função protetora, tanto fisicamente pela proteção intra-muros das cidades, quanto pela garantia do alimento ao controlar o excedente de produção. Na tentativa de fazer um paralelo da realidade de Tibau do Sul àquela realidade, assegurando suas irrefutáveis diferenças, pode-se considerar que a figura do prefeito que surgiu na década de 1960 representava uma autoridade, centralizadora de

um poder antes, provavelmente, disperso entre os chefes de famílias responsáveis por garantir o sustento da comunidade.

Não que o simples surgimento de um prefeito pudesse ser suficiente para obter respeito de toda a comunidade, mas a criação desse cargo de poder vinha como mérito à cidade por sua elevada arrecadação distrital. O seu desenvolvimento, por sua vez, veio acompanhado de um crescimento econômico e estrutural da localidade e de melhores condições de vida à população local. No âmbito deste estudo, nas entrevistas e conversas informais com os nativos mais idosos, a maioria das datas ou referência temporal nos relatos acerca da história da localidade se reportou ao nome do prefeito do mandato correspondente. Alguns ressaltaram que, em um período que poucos tinham alguma fotografia em casa, a maioria das casas tinha as paredes enfeitadas com as fotos do prefeito que apoiavam. “O prefeito mandou soltar a água que está presa no fundo do poço” (Galvão, 1989, p. 52).

Segundo Mumford (1991), os muitos problemas causados pelo desenvolvimento das cidades poderiam facilmente ter levado ao retorno às aldeias. O autor considerou como um fator para seu êxito o recrutamento constante de nova vida, das populações rurais que “revigoraram as cidades com seu sangue e ainda mais com suas esperanças” (p. 57). Com a crença e/ou esperança em um futuro mais próspero, essas populações deliberadamente permitiam um monopólio econômico e político, requisito fundamental para que as cidades rapidamente crescessem (Mumford, 1991).

A afirmação de Galvão (1989) ao descrever as mudanças em Tibau do Sul parece ir nesse sentido: “Tudo isto, este progresso, esses melhoramentos, me alegra, por ver que à pequena e abandonada comunidade (...) não tem faltado a atenção dos poderes públicos” (p. 52). E pode ser complementado pelo comentário de Comadre Lica “Aquilo é uma benção”, referindo-se à chegada da “Água limpa e pura sem maiores sacrifícios” (Galvão, 1989, p. 52), por lhe eximir da tarefa de ir “buscar água lá na praia, um bom quilômetro, subindo uma ladeira que fazia botar a língua de fora” (Galvão, 2006, p. 71).

Em uma carta escrita em 1969, Galvão (1989) comentou sobre a notícia do assassinato do Presidente Kennedy, nos Estados Unidos, a qual soube apenas três horas após o ocorrido. O relato do autor, impressionado com a era da informação e de comunicação de massas, foi concluído com uma constatação de que o município de Tibau do Sul naquele momento era uma “área de resistência da cultura tradicional” (p. 98). E continuou:

Esta revolução é tanto mais acentuada nas áreas cobertas pela TV, nas pequenas cidades em que os televisores captam as transmissões do Recife. Esperemos a tão prometida TV Educativa. Também o homem rural, o pescador, o agricultor, o vaqueiro, é extremamente sensível aos métodos audiovisuais (Galvão, 1989, p. 99)

No ano de 1978, Galvão (2006) registrou outras mudanças significativas na cultura local, destacando-se a chegada do rádio de pilha à localidade e a preferência da maioria da população pelas novelas e noticiários políticos. “O que isto significa, como aceleração do ritmo de mudança, vamos saber depois” (Galvão, 2006, p. 24). Outras formas de entretenimento nesse período, relatadas por alguns entrevistados e em conversas informais, eram as festas no porto dos pescadores para a recepção dos barcos, outras festas com sanfonas e alguns tipos de danças (Pastoril, Marujo, Drama, etc) e as reuniões de final de tarde de muitas pessoas interessadas em ouvir as histórias, cordéis e poesias narrados pelos poucos que sabiam ler ou cria-las. E ainda em 1978, Galvão (1989) constatou “Não tem mais a assembleia do povo na calçada, onde eu pescava os pescadores nas suas narrativas e nos seus serões noite a dentro” (Galvão, 1989, p. 14).

Para os pescadores artesanais da lagoa, segundo Galvão (1989) escreveu em uma das cartas em 1969, esse ano foi bastante difícil devido à diminuição dos estoques pesqueiros.

Mas eu falava de começo que não estava boa a safra. Não está. A alvacora sumiu. Botes vão e voltam sem nada. Quando trazem, é um ou dois ou três, quando muito. Desde Baía Formosa às praias do Norte. Em Tibau do Sul e Pipa não há sinal de safra (Galvão, 1989, p. 134).

Galvão (1989) ressaltou que aquele ano “não foi bom para os que pescam por conta própria” (p. 133), embora tenha sido um dos melhores para os pescadores de lagosta, tanto referente à produção quanto aos valores comercializados pelo produto.

A pesca da lagosta (ou “pesca de alto-mar”) foi destacada pelos participantes especialmente devido à melhoria das condições financeiras do vilarejo e possibilidades de acesso a muitos produtos e serviços em Natal-RN, antes praticamente desconhecidos deles. Muitas atividades relacionadas à pesca lagosteira, como a produção dos instrumentos de pesca, por exemplo, geraram uma diversidade de empregos informais. “O pessoal tudo trabalhava, tinha um bocado de moça que trabalhava na praia limpando lagosta, gelando. Era dinheiro, todo mundo...” (Ent07, 67F). Os “pescadores de terra”, como denominado por alguns nativos, abrangiam homens que não tinham muita facilidade ou familiaridade com a atividade da pesca, assim como mulheres e crianças.

Tudo mudado. Tudo mudado. Primeiro a abertura da estrada, que ampliou o horizonte e quebrou o isolamento. O impulso econômico deu-o a lagosta, assegurando compensadora rentabilidade ao empreendimento da construção de barcos e salário certo e alto aos pescadores. E a gente sente que estes benefícios se comunicam ao povo todo (Galvão, 1989, p. 53)

A maioria dos entrevistados descreveu o período da lagosta ressaltando principalmente seus pontos positivos, principalmente a “fartura” e as festas, em especial na chegada dos pescadores do alto-mar. “o único lazer que a gente tinha era aguardar os barcos que vinham pro porto, ficava 10, 15 dias no alto-mar, e vinha cheio de lagosta. E a gente tinha que descabeçar a lagosta, que eles ficavam só com o filé, e as cabeças ficavam pra gente” (Ent21, 34M). A afirmação veio a reiterar o registro de Galvão (2006) feito em 1967: “Quando as empresas lagosteiras estão em atividade vem gente de toda parte apanhar cabeça de lagosta, porque às empresas só a cauda interessa” (p. 57).

Semelhante a muitos relatos informais dos nativos de Tibau do Sul, Knox (2009) relata que na praia de Pitangui a pesca de lagosta era menos predatória até a década de 1970, período em que se iniciou o uso de compressores para tornar a atividade mais lucrativa. Em uma de suas cartas escritas em 1978, período em que muitos nativos também relataram o uso de compressores em Tibau do Sul, Galvão (1989, p. 49) registrou que a redução dos estoques lagosteiros também já podia ser percebida em Tibau do Sul. E continuou:

Na recente crise da lagosta, a produção caindo de modo a tornar-se deficitária, quando os proprietários de barcos em Tibau quiseram fazer a opção pelo peixe ocorreu este fato: a nova geração de pescadores de lagosta não sabia pescar peixe. Ignorava as técnicas, os pesqueiros, a localização e o habitat das espécies, a manipulação das linhas, o rumo a seguir (Galvão, 1989, p. 49).

Alguns dos entrevistados relataram que, no final da década de 1970, as plataformas das empresas de lagosta pernambucanas (Nortepesca, Itapesca e Dispesca) foram retiradas da localidade e os pescadores passaram a levar sua produção até as mesmas empresas instaladas em Natal-RN. Referindo-se ao litoral sul do Estado, um documento oficial do Governo do Estado (PDITS, 2002) apontou que “(...) a lagosta teve lugar de destaque durante a década de 1980, hoje praticamente substituída pela produção do camarão em cativeiro” (p. 32). “Quando a lagosta quis fracassar um pouco, aí passou a cidade. Quando passou a cidade, aí transformou-se o movimento político (...) a cidade, meia fraca, se mantendo com o prefeito” (Ent03, 75M).

Com a redução dos estoques lagosteiros, a rentabilidade da produção passou a não mais compensar os custos e trabalho. “Até quando num deu mais esses meio de vida, da

pesca aqui, os barcos foram saindo, pra Natal, outros voltaram pra Recife, pra banda lá de onde eles vieram” (Ent07, 67F). Assim, muitos desses trabalhadores passaram a viajar para as praias do litoral norte, como Touros e Muriú-RN, dando continuidade à pesca da lagosta, bem como ensinando os pescadores dessas localidades uma gama de atividades envolvidas na atividade. Nesse período alguns entrevistados relataram que uma importante fonte de renda foi a aposentadoria de muitos idosos na sede municipal, alguns que se aposentaram “por idade” e outros por meio da Colônia de Pescadores.

Muitos relatos ressaltaram que, ainda que as condições de vida do vilarejo tivessem melhorado, poucos pescadores lagosteiros conseguiram investir em bens para o futuro pois ostentaram muito, situação igualmente descrita por Knox (2009) acerca da praia de Pitangui-RN. Uma das entrevistadas resumiu o fato: “(...) aqui era lagosta demais, até ficaram rico. Aí gastou o dinheiro todinho nas farras aí em Natal. Aí acabaram, aí agora ficaram pobre” (Ent11, 52F). Atualmente ainda existe a pesca da lagosta no município, no entanto muitos nativos relataram nas entrevistas e em conversas informais que o preço do produto diminuiu e os custos de manutenção da atividade aumentaram. Assim, atualmente só restam 3 barcos (dos 40 que existiam) com permissão para estar em funcionamento e, muitas vezes, a rentabilidade do produto não compensa os custos de manutenção da atividade. “o preço é insignificante. Num aguenta, quando era 110 reais o quilo, um litro de óleo custava 40 centavos, 45. E hoje um litro de óleo é quase 2 reais. E a lagosta caiu de preço. É, de 110, caiu pra 35, você já pensou?” (Ent09, 62M).

À semelhança das considerações de Rial (2006), pode-se dizer que naquele período as narrativas dos pescadores que iam trabalhar fora eram o turismo que a comunidade conhecia. A atividade turística propriamente dita se desenvolveu primeiramente com a atração de surfistas à região na década de 1970, período que foi caracterizado pelos participantes do estudo de Loloum (2011) por um maior contato dos nativos com os turistas (surfistas), diferentemente daqueles veranistas que já frequentavam a localidade. Segundo o autor, a atividade consistia em um turismo informal atraindo uma juventude de origem urbana e classe média que acampava ou se hospedava principalmente nas casas de residentes nativos ou de outros surfistas recém-chegados. Posteriormente, começaram a chegar “pessoas de fora” para investir na localidade e aos poucos foi se desenvolvendo a atividade. “(...) vi isso aqui nada, vi isso aqui uma aldeia de pescadores (...) e agora Deus está nos abençoando também com o turismo, né?” (Ent23, 33M).

No âmbito nacional, a atividade turística na região Nordeste brasileira começou a se desenvolver na década de 1970, período em que foram criadas algumas políticas públicas

(como o II Plano Nacional de Desenvolvimento e a Política Nacional de Turismo) que indicavam o turismo como uma possibilidade para o desenvolvimento dessa região (Fonseca, 2004; Marcelino, 1999). Essa atividade passou a ganhar visibilidade na região Nordeste entre as décadas de 80 e 90, constituindo-se em uma das prioridades das políticas públicas para se atingir uma diversificação da economia regional. No Estado do Rio Grande do Norte, a atividade pode ser considerada como uma grande responsável por estruturar o desenvolvimento estadual (Fonseca, 2004).

A atividade turística começou a ganhar força no Estado na década de 1980, a partir da criação do megaprojeto “Parque das Dunas/Via Costeira” na capital, Natal, que levou à rápida expansão do turismo no Estado (Costa, 2007; Marcelino, 1999). Segundo Marcelino (1999), as praias de Jenipabu e Pipa já se destacavam como os principais pólos de atração, sendo definidos juntamente com outras localidades como prioritários para o investimento público, uma vez que somavam a beleza natural de suas paisagens e as condições deficientes de infraestrutura para desenvolvimento da atividade.

Marcelino (1999) ressaltou que, em 1989, atendendo a solicitações da administração municipal, o Governo Estadual elaborou o Zoneamento Ambiental de Tibau do Sul como uma das atividades do Programa de Gerenciamento Costeiro. O estudo, feito para auxiliar no planejamento de uso e ocupação do solo do município, orientava que a estrada rodoviária Goianinha – Tibau do Sul não fosse pavimentada para a prevenção de erosões e desmoronamentos, acarretando a necessidade de se construir outra via de acesso. No entanto, a estrada foi asfaltada ou revestida com paralelepípedos (ainda que alguns moradores da Pipa tenham se posicionado contra), levando a um aumento significativo no fluxo de transportes pequenos na região e a melhorias nos transportes coletivos no município (Marcelino, 1999).

Na sede municipal, as primeiras “pessoas de fora” a residirem na localidade (uma vez que já tinham algumas casas de veraneio) compraram suas propriedades no final da década de 1980, conforme relatado por essas mesmas pessoas entrevistadas no Painel de Especialistas. Esses entrevistados, além de se auto-indicarem como os primeiros a chegarem aqui, também foram indicados por vários nativos em conversas informais. Eles relataram que o acesso à praia de Pipa se dava pela estrada rodoviária Goianinha-Tibau do Sul e depois seguia por uma estrada de areia até a praia de Pipa. No mesmo período também começava a crescer a venda de propriedades no distrito de Pipa. Alguns entrevistados, nativos e especialistas, relataram que o asfaltamento foi realizado no final da década de 1980 e a estrada Tibau do Sul – Pipa foi construída no início dos anos 90. “E,

ninguém esperava que viesse, assim, venda de terreno, e nem que isso crescesse e chegasse ao ponto que chegou. Ninguém tinha muita previsão pra isso, né? (...) Falavam disso, mas às vezes, vai, eu mesmo nem acreditava” (Ent04, 75M).

Segundo relatos de muitos nativos, em entrevistas e conversas informais, em Tibau do Sul vastas extensões de terra pertenciam a somente três proprietários e a maioria dos nativos teve que financiar seus terrenos. Assim, quando se intensificou a venda de terrenos na região, já no final da década de 1990, em Tibau do Sul a demarcação de algumas ruas da localidade já havia sido planejada e poucos nativos venderam seus terrenos e se mudaram para outros distritos de “beira de lagoa”. Na praia de Pipa ainda havia muita extensão de terras sem proprietários e sem demarcação das vias públicas. Assim, algumas pessoas passaram a plantar coqueiros para demarcar a propriedade dos territórios e venderam os terrenos para os investidores que começavam a chegar.

De acordo com Loloum (2011), passou a se desenvolver na região, no final da década de 1990, não somente o turismo hoteleiro característico desde a década de 1970, como também a atividade turístico-imobiliária. Nesse período ainda havia muitas terras devolutas no distrito de Pipa, enquanto que em Tibau do Sul as propriedades privadas eram geometricamente delimitadas. Assim, o autor apontou o regime de propriedade e a concentração fundiária como possíveis fatores explicativos para o diferencial de ocupação do espaço nos dois distritos. Enquanto que no distrito de Pipa havia espaço livres que levou a uma disseminação urbana mais caótica e dispersa, em Tibau do Sul o uso produtivo comercial das terras se deu de modo mais organizado e a expansão da mancha urbana pôde ser contida (Loloum, 2011).

Muitos entrevistados relataram ter vivido a vida toda na mesma residência, ou somente mudado para uma rua próxima daquela em que nasceu. Vale mencionar que, em abril de 2010, no início da delimitação dos objetivos desta investigação, foi realizado um mapeamento dos idosos nativos de Tibau do Sul. Posteriormente o foco do estudo mudou e, portanto, esse material não foi sistematizado nem as informações reificadas. No entanto, é interessante notar a distribuição espacial das residências dos 106 nativos acima de 60 anos listados, formando uma configuração bem delimitada à área em que se concentrava o vilarejo antes do crescimento da cidade. Diferentemente do desenvolvimento turístico do distrito da praia de Pipa, por exemplo, em que grande parte dos nativos vendeu suas terras e foi morar mais distante do centro, no distrito de Tibau do Sul-RN a maioria dos nativos permaneceu morando no centro da cidade e as terras vendidas às “pessoas de fora” foram, em sua maioria, as periféricas e uma parcela do terreno às margens da lagoa e do mar.

Em Tibau do Sul foram construídos os primeiros hotéis no início da década de 1990, conforme relatado por um dos especialistas entrevistados, dono de um desses hotéis que atualmente continua a ser um dos pontos turísticos da localidade. O fluxo turístico, principalmente para a praia de Pipa, começava a crescer no período, sendo que a estrada para esse distrito cruzava o centro de Tibau do Sul. Segundo os relatos, o fluxo em Tibau do Sul aumentou quando o dono desse hotel comprou lanchas para atravessar a lagoa de Guaraíras com os turistas. Assim, eles vinham de Natal pela via litorânea, deixavam os carros do outro lado da lagoa e o hotel fornecia os serviços de lancha e transporte para a Pipa. Vários entrevistados, nativos e especialistas, relataram que muitos dos profissionais que atualmente trabalham com lanchas, taxis, vans, buggys e todo o ramo hoteleiro tiveram seu primeiro emprego no setor vinculado a esse hotel, o qual foi chamado de “escola do turismo”. Atualmente essa travessia é feita por balsas e muitos carros somente atravessam Tibau do Sul e seguem em direção à Pipa.

Alguns especialistas relataram sobre algumas reações dos nativos acerca daquela nova realidade que chegava com as “pessoas de fora”, como por exemplo, a dificuldade em comprometer-se com um trabalho, ter patrões, aceitar as cercas colocadas nas propriedades, ou de ficarem admirados com as roupas coloridas e ficarem observando atentamente aquelas pessoas “diferentes”. Uma especialista, umas das primeiras “de fora” a vir morar na localidade, descreveu uma situação no final da década de 1980: “E era mal visto quem trabalhava para pessoas. A maioria da cidade não aceitava, eles falavam que era piniqueira, eles chamam, que ia lá limpar coisas dos outros. Demorou pra ter esta aceitação de emprego, de ganhar dinheiro, era uma... Eles eram tão livres, sabe? De cerca, a gente cercava as coisas, eles ficavam horrorizados”. Outro especialista enfatizou “Aqui era uma repressão sexual tão grande (...) Eles ficaram mais liberais, com o contato (...) também esse negócio de novela, globalização, as meninas ficaram mais independentes”.

Esses e muitos outros relatos apontaram para alguns aspectos que diferenciam a vida em comunidade daquela da cidade. Knox (2009) relatou acerca do povoado da praia de Pitangui, quando ainda havia poucos habitantes, que “existia um *ethos*, um tipo de comportamento habitual e esperado entre eles que poderia ser identificável por laços de sociabilidade comunitária” (p. 53). Jodelet (2002) ressaltou como aspectos positivos do desenvolvimento da cidade ela se tornar um lugar de liberação, criatividade e individuação.

Liberação em relação ao quadro do passado e ao peso coletivo das rotinas e dos costumes; criatividade ligada a um quadro que autoriza as inovações e as experimentações; e individuação no que se refere à constituição de um indivíduo móvel, inventivo, flexível. Indivíduo esse que se torna capaz – mais do que aquele que

permanece amarrado a um modo de conduta imposto – de se adaptar à rapidez das mudanças e de expor a riscos (Jodelet, 2002, p. 38)

Milgram (1970) salientou que a cidade traz muita variedade, imprevisibilidades e possibilidades de escolha, diferentemente das pequenas localidades. Assim, a heterogeneidade populacional da cidade possibilita uma maior tolerância de comportamentos, vestimentas e códigos de ética. Alguns dos entrevistados são homossexuais e relataram acerca dessa tolerância atualmente, até mesmo pelos mais idosos. “Hoje num tem muito.. ter tem, mas quebrou muito os preconceitos. (...) Por exemplo, um homossexual na rua, eles ficavam xingando, tudo. Hoje num existe mais, porque tá muito mais liberal, sei lá, tá muito mais.. mais avançado” (Ent26, 28M). Na sede municipal é possível notar muitos homossexuais e até mesmo travestis trabalhando em restaurantes e salões de beleza atualmente.

O incremento das possibilidades de comunicação e de contato com uma diversidade de pessoas e informações, segundo Milgram (1970), pode ser considerado uma base importante para a necessidade funcional das cidades e também um fator atrativo destas. De acordo com Jodelet (2002), essa diversidade leva à necessidade de elaboração das diferenças, a partir das relações e conexão com outros grupos, desenvolvendo-se tanto a independência individual quanto o enfraquecimento de laços comunitários. A esse respeito, uma das primeiras professoras do antigo vilarejo entrevistadas como especialista expressou: “Acho muito diferente, hoje em dia o povo tem muito mais esclarecimento, conversa muito, sobre muitas coisas. A gente se admira, porque veio o rádio, veio a televisão. A televisão faz muito poucos anos”.

Além das “pessoas de fora”, a chegada da televisão foi também ressaltada por muitos entrevistados, especialmente os mais idosos, como bastante significativa para as mudanças das pessoas e da localidade. As primeiras televisões, segundo os relatos, foram instaladas pela prefeitura no centro da praça e na primeira rua do vilarejo no início da década de 1980. Esse acontecimento foi relatado por muitos nativos em conversas informais, descrevendo a cena em que os nativos chegavam, com suas cadeiras, “bem antes da novela começar” para conseguir sentar perto da televisão. As influências das mídias para a população foram ressaltadas tanto como positivas - por exemplo, em relação ao acesso à informação, à maior liberdade especialmente das mulheres, etc - quanto negativas, salientadas principalmente em relação às preocupações com os jovens (acesso às drogas, gravidez precoce, etc) por possibilitar o acesso destes a muita informação “que não presta”.

Segundo Bauman (1999), a comunicação e os meios pelos quais a informação chega à população devem ser considerados como uma das importantes diferenciações entre as comunidades locais e as cidades globais. Nas comunidades, a comunicação se estabelece principalmente dentro dos limites permitidos pelo corpo humano, como a visão e audição e a capacidade de memorização dos homens. Ainda, a comunicação entre localidades, além das despesas necessárias, é restringida pela enormidade de tempo para a transmissão da informação. Comparando-se à cidade, o autor afirma que uma grande quantidade de informações pode ser transmitida em um menor período de tempo pelos meios de comunicação e outras formas de acesso. No entanto, Bauman (1999) criticou o estabelecimento de novas formas de comunicação “baratas” que, em vez de alimentar e estabilizar a memória, a qual é seletiva, lhe inunda e sufoca, ocorrendo o transbordamento da informação obtida.

Jodelet (2002) afirmou que o desenvolvimento das cidades modernas coincide “com um desaparecimento dos efeitos de memória” (p. 38), relacionando-se principalmente à aceleração do ritmo de vida e à intensificação das estimulações nervosas e sensoriais características das cidades. De acordo com Mumford (1991), a concentração de energia física e cultural, característica daquelas, levou ao aceleração do ritmo do intercuro humano. Para Milgram (1970), a alta densidade e a heterogeneidade das cidades são experienciadas pelo indivíduo de forma a estimular respostas adaptativas dele como forma de se conservar a energia psíquica. Essa adaptação, para o autor, ocorre de forma gradual com a evolução de diferentes normas de comportamento. Algumas dessas respostas são a seletividade da informação e o estabelecimento de prioridades para se dedicar tempo e energia, podendo resultar em uma menor receptividade ou em uma maior superficialidade e transitoriedade das relações sociais.

A diferença no ritmo de vida do antigo vilarejo com a atualidade foi constantemente enfatizado por um dos entrevistados. “Mas hoje mudaram. Hoje eles tem que acompanhar o ritmo de quem eles ganham dinheiro, de quem veio de fora. Tá certo? Tem que acompanhar o ritmo deles. Isso aí foi mudado. Foi mudado e num volta mais, né?” (Ent04, 75M). Esse agricultor aposentado foi um dos poucos a apresentarem uma visão mais crítica para o desenvolvimento e progresso da cidade. A grande maioria dos entrevistados criticou alguns aspectos do desenvolvimento mas, de modo geral, sobressaíram os aspectos positivos dele. Muitos entrevistados demonstraram grande preocupação com a juventude, principalmente os mais idosos, no entanto enfatizaram as melhorias de condições de trabalho e de vida para as novas gerações.

Possíveis fatores explicativos desse diferencial do agricultor entrevistado poderiam ser atribuídos ao fato de não ter filhos e também por ser o filho de um dos poucos nativos que possuíam terras na sede municipal e que as venderam para as “pessoas de fora”. Esse senhor enfatizou muitos aspectos positivos do desenvolvimento também, mas mencionou diversas vezes que não podia mais plantar por não ter mais terras, mas continuava a “fazer o produto” (óleo de mamona, castanhas, etc). “(...) turismo num dá produção à nação. Turismo dá é movimento. É o investimento financeiro que desenvolve mais o povo (...) Camarada que tem o capital (...) compra um terreno barato que a pessoa tem, dá um adiantamento, dá uma ajuda nessa parte. Mas noutro num tá fazendo nada (...) o que ele tá produzindo de alimentação pra nação?” (Ent04, 75M).

Somente uma entrevistada teve uma visão bastante crítica, diferindo-se de todos os outros participantes, a qual também não soube indicar outra pessoa que teria uma visão semelhante à dela. Ao criticar diversos aspectos das relações com as “pessoas de fora”, das relações entre os nativos e de características da localidade, a entrevistada constantemente fez comparações com a capital, Natal, onde morou durante 10 anos. Um diferencial positivo da capital destacado pela participante foi a privacidade, visto que na sede municipal “fica todo mundo se envolvendo na vida dos outros” (Ent11, 52F).

A esse respeito, Milgram (1970) ressaltou que as normas sociais urbanas diferem de valores sociais de lugares mais tradicionais e que o respeito pela privacidade social e emocional do outro seria uma regra da vida urbana. A maior impessoalidade das relações sociais nas cidades e a aceitação de um não-envolvimento com questões particulares do outro, segundo o autor, levam a vários graus de anonimato na cidade, como a privacidade, a individualidade ou a excentricidade. Esses aspectos podem ser relacionados com aqueles referidos por Jodelet (2002), acerca da vida na cidade proporcionar maior possibilidade de liberação, criatividade e individuação de seus habitantes.

Por outro lado, Milgram (1970) evidenciou que as normas urbanas de não-envolvimento podem aumentar o senso de vulnerabilidade física e emocional. Ao mesmo tempo, o reconhecimento dos perigos da cidade e esse senso de vulnerabilidade encorajam o indivíduo a se apegar a seus medos, reiterando aquelas normas de não-envolvimento. De acordo com Lefebvre (2001), a cidade divulga uma nova racionalidade, por exemplo, ao desencadear preocupações com segurança (diferindo-se da vida em comunidade) ou exigir uma previsão referente ao futuro.

Alguns dos aspectos diferenciais da cidade em relação à comunidade discutidos, principalmente relacionados à privacidade e à falta de segurança, não parecem se referir à

realidade de Tibau do Sul. Muitos entrevistados utilizaram o termo “comunidade” para se referir especialmente a características das relações entre os nativos, como a união e cumplicidade entre os nativos, geralmente mencionadas de modo a distinguir positivamente a sede municipal das “cidades grandes”. No mesmo sentido, muitos aspectos da “cidade” foram utilizados muitas vezes para se distinguir positivamente a localidade, ou os nativos da sede municipal, dos demais distritos de “beira de lagoa”, ou ainda para se ressaltar as consequências positivas do desenvolvimento turístico, destacando-se aspectos positivos da atualidade em relação ao passado. “(...) é um pouco mais descolado a gente que é daqui. É um pouco mais descolado porque tá mais em contato com o turismo, com as pessoas de fora, então você tem uma outra concepção” (Ent21, 34M).

As oportunidades e diversidade de empregos, geradas pelo setor turístico, foram muitas vezes distinguidas positivamente das árduas condições de trabalho relacionadas à pesca. O acesso (à diversidade, às informações, às tecnologias, ao consumo, etc) proporcionado pela atividade turística pode ser analisado como um fator implicitamente salientado pela maioria dos entrevistados. Um nativo entrevistado como especialista relatou: “aí eu perguntava assim “Tia, onde é o estrangeiro?”, 'Ah, meu filho, isso aí é muito longe, você pra ir pro estrangeiro é muito longe'. É um longe que ela não dizia como, né, que ia. (...) hoje, quantas pessoas nativo daqui (...) conhece países que eu não conheço”.

De modo geral, a maioria dos nativos entrevistados avaliou positivamente as mudanças na sede municipal nos últimos anos em relação ao passado. Uma análise da categoria distintividade temporal apontou que seus relatos salientaram uma visão de desenvolvimento e progresso da localidade, destacando-se a melhoria das condições de vida e principalmente da condição econômica da população e da cidade. As críticas mais enfatizadas em todas as entrevistas, no entanto, se referiram ao período atual, relacionando-se principalmente à diminuição do fluxo de pessoas e do capital na sede municipal nos últimos dois ou três anos, ou, ainda, em relação a expectativas de futuro.

### **6.3. A cidade e o desenvolvimento: um olhar crítico**

Em relação à atividade turística, pode-se considerar que o principal estímulo para o seu crescimento na região Nordeste brasileira foi a criação do Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR/NE) (Fonseca, 2004), consolidado entre os anos de 1994 e 2004 (Costa, 2007). Ele tinha como objetivo promover

o desenvolvimento do setor de turismo na região, por meio da disponibilização de infraestrutura que priorizasse ações de manutenção e expansão do turismo e estimulação da participação de iniciativa privada, tendo, como resultado indireto, a geração de empregos e renda à população. Como desmembramento dele, tem-se o PRODETUR/RN o qual restringiu a consecução daqueles objetivos a seis municípios potiguares (Natal, Parnamirim, Ceará-Mirim, Nísia Floresta, Extremoz e Tibau do Sul) (Costa, 2007), área denominada de Pólo Costa das Dunas.

O relatório final do Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDITS) do Pólo Costa das Dunas apresentou algumas considerações acerca dos investimentos realizados na primeira fase do PRODETUR/RN e propostas para a sua segunda fase (PDITS, 2002). Com base no documento, os recursos investidos na primeira fase foram na ordem de US\$ 41.870.822,00 mais os custos financeiros, no período entre 1995 e 2000, sendo que mais da metade desse valor foi investido na ampliação do Aeroporto Internacional Augusto Severo. Os investimentos no município de Tibau do Sul somam cerca de 1 milhão e 40 mil reais (Costa, 2007; Fonseca, 2004), os quais, segundo Fonseca (2004), foram aplicados em “apenas uma obra: o asfaltamento da estrada que liga este município a Goianinha (BR-101)” (p. 124). Marcelino (1999) complementou que foram investidos também na elaboração de estudos para o projeto de abastecimento de água e de coleta e tratamento de esgotos sanitários de Pipa e Tibau do Sul. O documento (PDITS, 2002) também apontou que, no mesmo período, os investimentos de capital privado no Pólo foram de aproximadamente US\$185 milhões.

De acordo com Fonseca (2004), esses investimentos atraíram rapidamente pessoas basicamente extra-locais, nacionais e internacionais, especialmente os portugueses. Para Loloum (2011), o atrativo de propriedades com baixo custo em locais ambientalmente excepcionais foi um grande propulsor de investimentos estrangeiros, coincidindo o crescimento da atividade turística no Estado com o decréscimo de investimentos em alguns destinos turísticos internacionais clássicos. Em Tibau do Sul, muitos entrevistados também destacaram que os portugueses foram os que mais investiram na região no final da década de 1990, principalmente em residências de veraneio. Vários relatos ressaltaram os muitos empreendimentos que foram construídos no período, como hotéis e restaurantes. O ano de 2001 foi apontado por diversos entrevistados como o início de um grande fluxo turístico, permanecendo até aproximadamente o ano de 2008, tendo uma demanda que os empreendimentos existentes não conseguiam atender, especialmente no período de alta-estação.

O documento do Governo Federal (PDITS, 2002) destacou os muitos aspectos positivos dos investimentos, refletindo em um crescimento expressivo do setor turístico, no surgimento de novos empreendimentos e na conseqüente geração de oportunidades de empregos. Ainda, reconheceu algumas deficiências a serem consideradas para a segunda fase do Programa (PRODETUR/NE II): as faltas de conscientização da população fixa e de capacitação profissional de empregadores e empregados, devido especialmente à ausência de uma estrutura mais dinâmica de marketing para a região e à falta de capacidade de gestão dos municípios beneficiados.

Ficou também demonstrado que, mesmo tendo sido beneficiado com os Planos Diretores Municipais, acessos seguros e confortáveis aos principais pontos turísticos, o poder público local ainda necessita de grande apoio para poder conseguir atender satisfatoriamente ao crescimento pretendido e planejado, necessitando passar por um processo de reestruturação administrativa que possa assegurar o controle do uso do solo, a preservação do meio ambiente e a gestão dos recursos públicos de forma a transferir para a população local os benefícios gerados com o crescimento da arrecadação fiscal decorrente dos novos investimentos privados (PDITS, 2002, p. 11)

Fonseca (2004) apontou a omissão de sucessivos administradores do município de Tibau do Sul na condução e organização da atividade turística. A autora salientou uma preocupação com o futuro da atividade na região devido a essa conivência do poder público local, levando a uma expansão desordenada e espontânea do turismo. Para Marcelino (1999), ainda que o aumento de produtividade do setor turístico tenha apontado para um crescimento econômico do município, ele significou somente um retorno na taxa de lucro do capital investido, não necessariamente indicando uma distribuição de renda ou retorno para a sociedade mais ampla. Loloum (2011) ressaltou que os custos para o desenvolvimento turístico foram socializados, mas os benefícios dessa atividade foram, e continuam a ser, desigualmente distribuídos.

Vale salientar que o investimento privado sempre se baseou nos auxílios que as políticas públicas voltadas para o turismo produziram, o que significa dizer que o Estado estimula, facilita e, muitas vezes, financia investimentos realizados por empresas privadas, mas os lucros não são *publicizados* (Knox, 2009, p. 155)

Lefebvre (2001), ao fazer referência ao processo de crescimento das cidades, salientou que esse pode parecer um simples processo natural. No entanto, complementou:

Ora, existe de fato alguma coisa assim, mas uma tal visão estaria truncada. Num tal processo intervêm ativamente, voluntariamente, classes ou frações de classes dirigentes que possuem o capital (os meios de produção) e que geram não apenas o emprego econômico do capital e os investimentos produtivos, como também a sociedade inteira, com o emprego de uma parte das riquezas produzidas na “cultura”, na arte, no conhecimento, na ideologia (p. 14)

Para Mumford (1991), as antigas cidadelas podiam ser diferenciadas das comunidades de aldeia devido à existência de castas que governavam a sociedade, “organizadas para a satisfação de uma minoria dominante: não é uma comunidade de famílias humildes que vivem por meio de auxílio mútuo” (p. 46). Essa exploração e lógica da desigualdade social devem ser consideradas na história da humanidade, segundo Bauman (1999), por exemplo desde os tempos dos senhores feudais. Entretanto, os limites do espaço e do tempo impunham a alteridade de alguma forma, a necessidade de reconhecimento do outro, exigindo o desafio da comunicação para reduzir as diferenças. Em um período não muito longo as consequências vinham, delimitadas em um espaço onde deveriam ser solucionadas (Bauman, 1999). Algumas considerações de Lefebvre (2001) seguem no mesmo sentido:

Bastava a pressão que o povo exercia sobre os senhores e também a presença de uma civilização e de um estilo para que as riquezas provenientes do labor desse povo fosse investido em obras (p. 21)

Bauman (1999) afirmou que a mobilidade do capital, característica do século XX, possibilita que os “capitalistas e corretores imobiliários da era moderna recente” (p. 18) tenham como limites somente os impostos administrativos referentes ao livre movimento do capital e do dinheiro. Eles não precisam enfrentar limites mais firmes ou resistentes que lhe imponham o respeito, com o outro e com a localidade, uma vez que “o capital pode sempre se mudar para locais mais pacíficos se o compromisso com a ‘alteridade’ exigir uma aplicação dispendiosa da força ou negociações cansativas” (Bauman, 1999, p. 18). Desse modo, o autor salientou a mobilidade como um fator de estratificação mais poderoso e mais cobiçado na atualidade, visto que ela confere aos investidores a “liberdade face ao dever de contribuir para a vida cotidiana e a perpetuação da comunidade” (p. 16).

Muitos entrevistados destacaram o período entre 2001 a 2008 como muito positivo para a localidade, embora tenham relatado que os investimentos e o fluxo turístico têm diminuído consideravelmente, em especial nos últimos anos. “Eu acho que cresceu, né, desenvolveu, mas... mas o turismo tá caindo, né? Capital acabou aqui dentro. Eu vejo muito embalo, né? Tô vendo o fracasso” (Ent04, 75M). Segundo Loloum (2011), esse *boom* turístico internacional coincidiu com uma conjuntura econômica mundial específica, marcada por movimentos de mercado especulativo, a que denominou de período pré-crise (2001-2008). A sofisticação dos circuitos financeiros mundiais pode ser apontada como um dos fatores responsáveis pela mobilidade do capital especulativo (Loloum, 2011).

Como conclusão de seu estudo, Loloum (2011) ressaltou que muitos investidores estrangeiros construíram diversos condomínios, formando-se uma grande ilusão sobre as possibilidades de desenvolvimento do nordeste brasileiro. Entretanto, segundo o autor, na realidade do município de Tibau do Sul o que se pode notar é que muitas construções e condomínios ficaram abandonados ou permanecem vazios durante boa parte do ano. “Ficou um lugar assim, é, altamente caro (...) eles não conseguem vender as casas deles que construíram, casas grandes, cara. E o lugar ficou um pouco estagnado. Porque eles estão em crise, o preço que eles praticaram não estão ao nosso alcance” (Ent21, 34M).

A “crise” (financeira internacional) foi um dos principais fatores atribuídos à diminuição do fluxo turístico no município nos últimos anos. Ela foi algumas vezes relacionada com a “carestia” ou preços abusivos do setor turístico do município, salientados como modo de justificar uma possível causa da dispersão do turismo. Especificamente na sede municipal, um fator bastante destacado como responsável por essa diminuição foi a inauguração da “estrada nova” há poucos anos. Essa se refere a um acesso rodoviário duplicado e com ótimas condições de tráfego que liga diretamente o distrito de Cabeceiras à Pipa, desviando o fluxo da sede municipal (ver Figura 3). Outra conclusão do estudo feito por Loloum (2011) é de que grande parte dos investimentos públicos (federais, estaduais e municipais) no município foi feito em infraestrutura, muitas vezes aplicados em novas instalações em vez de melhorar aquelas já existentes.

Em Tibau do Sul, a partir das considerações realizadas, é possível afirmar que aquela lógica do capital móvel pode ser relacionada, minimamente, aos investimentos feitos com relação às atividades lagosteira e turística. Essas, e outras que não foram ressaltadas pelos entrevistados no âmbito deste trabalho (como a carcinicultura por exemplo), geraram ao município elevados impostos administrativos que parecem ter sido pouco aplicados para o benefício da sociedade como um todo. “Hoje até o siri ficou difícil. Então quer dizer, são coisas que existe que não tomaram providência de nada, né? O pessoal só queria receber imposto, mas não olhava o mal que tava fazendo pra comunidade” (Ent14, 45M).

De acordo com Bauman (1999):

Tecnologias que efetivamente se livram do tempo e do espaço precisam de pouco tempo para despír e empobrecer o espaço. Elas tornam o capital verdadeiramente global; fazem com que todos aqueles que não podem acompanhar nem deter os novos hábitos nômades do capital observem impotentes a degradação e desaparecimento do seu meio de subsistência e se indaguem de onde surgiu a praga (p. 82)

Bauman (1999) utilizou os termos “elites móveis” ou “extraterritoriais” para se referir aos detentores do capital, uma vez que podem, simplesmente, mudar de localidade e não se responsabilizar por ela, cabendo às populações locais somente observar impotentes e tentar consertar os danos feitos à única localidade que muitas vezes lhes resta para habitar. Castells (1999) também salientou a perda de controle da grande maioria das pessoas “sobre suas próprias vidas, seu meio, seus empregos, suas economias, seus governos, seus países e, em última instância, sobre o destino do planeta” (p. 93), à exceção de uma minoria a que denominou de “globopolitanos”. É importante ressaltar, no entanto, outras questões para se compreender essa crítica.

Outras conclusões do estudo de Loloum (2011) em relação ao poder do turismo imobiliário no município de Tibau do Sul refere-se a esse não ter sido imposto ou possuído somente pelos investidores estrangeiros, mas compartilhado com inúmeros atores locais. Algumas lógicas sócio-institucionais específicas do Nordeste brasileiro, de acordo com o autor, também facilitam e condicionam esse poder, como a burocracia, o fenômeno do clientelismo, a corrupção, o sistema de financiamento de partidos políticos e o nepotismo municipal (p. 157). De acordo com Castells (1999), as elites locais dominantes se beneficiam ao negociarem o poder que exercem sobre o território, favorecendo os interesses das elites nacionais ou globais mais poderosas e, portanto, submetendo a localidade às estruturas de dominação mais amplas.

Segundo Bauman (2005),

Os alicerces do imperialismo da sólida era moderna eram a conquista do território com o propósito de ampliar o volume da mão-de-obra sujeita à exploração capitalista. As terras conquistadas eram submetidas à administração dos conquistadores de modo que os nativos pudessem ser transformados numa força de trabalho vendável (p. 46)

O objetivo central do PRODETUR/NE, de investir em infraestrutura para atrair os investidores privados e consequentemente gerar emprego e renda à população, deve ser inserido nessa lógica do capital. Ele pode ser resumido a um planejamento de uma iniciativa pública que previu a construção e melhorias de estradas que facilitassem a entrada das “elites extraterritoriais”, transformando a população local em mão-de-obra, barata, por nem mesmo terem sido qualificados para a atividade. Rial (2006) descreveu essa mesma situação em um destino turístico do Estado de Santa Catarina “Eram – e são – na sua maioria empregados numa terra que há pouco tempo era sua” (p. 28), ainda que alguns poucos tenham conseguido prosperar e se tornar empresários.

É interessante notar um fato destacado por dois entrevistados especialistas de que, no início da atividade turística em Tibau do Sul, os empresários tiveram que investir na capacitação, treinamento e qualificação dos recursos humanos para se desenvolver o ramo. Assim, da presente geração entre 30 a 40 anos, as pessoas que souberam aproveitar as oportunidades (os que “têm cabeça”), atualmente têm um *know-how* acerca de seu ramo (cozinheiro, garçom, recepcionista, etc) e/ou aprenderam línguas estrangeiras com o contato mais próximo com os turistas, o que lhes garantem melhores oportunidades de emprego, ou até mesmo puderam se tornar empresários (pequenos empreendimentos, linhas de taxis e vans, etc). No entanto, para a geração mais nova há menos oportunidades, uma vez que o empresário tem facilidade de contratar mão-de-obra qualificada advinda de todo o país e não precisa mais investir na qualificação dos nativos.

Essa desigualdade de acesso das populações locais, tanto por questões econômicas quanto por falta de capacitação profissional, foi apontada como deficiências do PRODETUR/NE no documento que o avaliou (PDITS, 2002). Essas serviram para embasar não somente a proposta do PRODETUR/NE II, como também um Plano Nacional de Turismo 2007/2010 – Uma viagem de inclusão (PNT, 2007). O documento se refere ao instrumento de planejamento, gestão e ação estratégica do Governo Federal, destacando o turismo como um indutor do desenvolvimento do País e como um instrumento de inclusão social. Essa inclusão, segundo o documento, seria alcançada por via da produção, por meio da geração de emprego e renda, e por via do consumo, a partir do estímulo do turismo no mercado interno nacional.

Os objetivos principais do Plano seriam o desenvolvimento do produto turístico brasileiro contemplando a diversidade regional, cultural e ambiental; o fomento da competitividade desse produto no mercado nacional e internacional; e a promoção do turismo como fator de inclusão social. Assim, a prioridade desse plano passou a ser o investimento em infraestrutura básica, como o saneamento ambiental, e na descentralização da gestão, ao facilitar a acessibilidade de crédito para micro e pequenos empreendedores e impulsionar a modernização tecnológica com a disponibilização de tecnologias da informação a todos os integrantes da rede institucional do turismo. O PRODETUR/NE II foi um dos programas inseridos no Plano e previa o curso de capacitação profissional dos trabalhadores do setor turístico.

Entretanto, ainda que propostas tenham sido pensadas pelo Governo Federal (PNT, 2007), elas foram planejadas para o período de 2007 a 2010, momento em que o fluxo turístico já começava a declinar. De acordo com Loloum (2011), somente uma pequena

parcela dos investimentos públicos (federais, estaduais e municipais) feitos no município de Tibau do Sul foi destinada ao fortalecimento institucional, como a capacitação profissional, planejamento territorial, dentre outros.

Nesse sentido, vale ressaltar as considerações de Bauman (2005) de que, em tempos de globalização, os direitos econômicos não estão mais nas mãos do Estado, visto que a política é limitada à soberania do livre mercado neoliberal totalmente desregulado. Assim, “os direitos sociais são substituídos um a um pelo dever individual do cuidado consigo mesmo e de garantir a si mesmo vantagem sobre os demais” (p. 35). Essa lógica parece diferir da cooperação que existiu entre os nativos no passado, conforme referido por muitos entrevistados.

Galvão (1968, 2006) também relatou que, “em virtude da atividade pesqueira e das condições da economia agrária, a cooperação vicinal existe como instituição e não como episódio” (p. 122). A partir da análise das entrevistas, um dos poucos aspectos distintivos positivamente do passado em relação aos dias atuais - além da “fatura” referindo-se principalmente à biodiversidade da Lagoa de Guaraíras - foi a maior união e cumplicidade que os nativos tinham. Ainda que alguns relatos tenham distinguido positivamente a sede municipal de “cidades grandes”, por ainda se ter relações de “comunidade” e “união” entre as pessoas, muitos relatos apontaram para um enfraquecimento dos laços comunitários. “(...) até a influência de pessoas de fora que vêm com esse egocentrismo e acabam passando prá, esse individualismo acaba passando para os nativos” (Ent29, 19F).

O enfraquecimento dos laços comunitários pode ser relacionado a uma das características mais destacadas pelos entrevistados para se descrever os nativos: o “olho gordo”, muitas vezes traduzido como inveja ou competitividade entre eles. “Eu acho aqui o pessoal aqui é muito é.. não é nem ambicioso. Porque se você tem ambição você quer crescer de qualquer jeito. E quando você é invejoso você quer dar um jeito de você crescer, mas que o outro não cresça. E acho que aqui tem muito disso” (Ent27, 22M). Essa crítica aos nativos foi atribuída como um dos fatores que dificultam o desenvolvimento dos nativos e da sede municipal. Alguns entrevistados relataram a dificuldade de um nativo investir em um empreendimento na cidade visto que os outros não o ajudam a prosperar. Outro especialista relatou a dificuldade de alguns empresários em promover um nativo como gerente, uma vez que os demais muitas vezes não aceitam e não o respeitam, diferentemente de quando se refere a trabalhadores e empresários extra-locais.

Outra característica negativa dos nativos bastante salientada foi o “comodismo”, também atribuído como um fator que dificulta aquele desenvolvimento por diversas razões.

Muitos entrevistados, nativos e especialistas, demonstraram preocupação com o futuro dos jovens da sede municipal, justificando que muitos deles preferiam depender dos salários e aposentadorias dos mais velhos e não demonstravam interesse em estudar ou trabalhar. Vários relatos enfatizaram que o setor turístico oferece muita oportunidade de emprego, mas muitos nativos não querem trabalhar ou não têm responsabilidade e compromisso para se aperfeiçoarem em um trabalho. Os baixos salários dos empregos do setor turístico, aliados ao fato da maioria dos nativos da sede municipal ter suas necessidades básicas garantidas, também foram atribuídos a essa falta de interesse dos mais jovens. Vale ressaltar a esse respeito que outro aspecto do passado da localidade positivamente distinguida do presente (e da geração dos mais idosos para as novas gerações) foi relacionado aos nativos terem sido mais “trabalhadores” e “respeitosos” do que atualmente. “Antes elas faziam mais e não reclamavam. Hoje elas reclamam mais e fazem bem menos” (Ent21, 34M).

O “comodismo” foi também muitas vezes ressaltado pelos participantes em relação à população “reclamar demais” e não haver uma mobilização efetiva, permitindo que os políticos tomassem as decisões que quisessem para a cidade. Essa situação não parece se diferenciar muito daquela descrita por Galvão (1989): “Meio desordenado o crescimento, o povo ainda insubmisso na disciplina da vida urbana, exigente nos falsos direitos individuais” (p. 53). Esse registro do autor foi feito em 1978, pouco mais de uma década após Tibau do Sul ter sido emancipado politicamente como município. No período efervesciam as novidades, as facilidades, a melhoria das condições de vida, os direitos, todos garantidos pelo Estado, materializados na figura do prefeito.

Conforme citado anteriormente, Mumford (1991) ressaltou a possibilidade de centralização do poder na figura do rei como um fator importante para o desenvolvimento das cidades, centralização aceita pelos habitantes da cidadela em troca de proteção, tanto como segurança quanto como garantia de alimento e da satisfação de necessidades básicas. Assim, esse “comodismo” parece estar atrelado ao próprio início do processo de urbanização. Com o surgimento do prefeito, a sobrevivência da população, antes lançada à sua própria sorte e atrelada às condições naturais (maré, chuvas, etc), passa a ser confiada (e “exigida”) à administração pública municipal. Na realidade de Tibau do Sul, os “prefeitos” foram apontados por muitos entrevistados como os principais responsáveis pela diminuição do fluxo turístico nos últimos anos. A falta de investimentos em infraestrutura, voltada principalmente a esse setor, e na divulgação desse destino turístico, foram os

principais aspectos criticados para o desenvolvimento “lento” da sede municipal, apesar do potencial da localidade ter sido constantemente ressaltado.

As inúmeras mudanças no contexto da sede municipal apresentadas foram, no âmbito desta investigação, majoritariamente avaliadas como positivas para os nativos e para a localidade, assim como constantemente relacionadas a características definidoras da identidade dos nativos. Esta contextualização e reflexão crítica acerca da discussão dos resultados desta investigação, apresentada no primeiro tópico deste capítulo, no entanto, apontam para uma necessidade de sua revisão.

#### **6.4. Aqui, agora... e depois?**

“Quem somos nós?” é inseparável de “Onde estamos, de onde viemos, para onde vamos?”

Edgar Morin (2009)

A identidade de lugar consiste, de acordo com Proshansky e colaboradores (1983), em uma variedade infinita de cognições que definem e circunscrevem a existência cotidiana do indivíduo, as quais se relacionam tanto ao passado e presente quanto a antecipações acerca do mundo que o cerca. Ainda, ela influencia o modo como o indivíduo vê, sente e pensa em suas transações com o ambiente.

No âmbito desta investigação, os indicadores do processo de reestruturação da identidade de lugar dos participantes apontaram, conforme proposições de Twigger-Ross e colaboradores (2003), para uma definição de estados desejáveis para a estrutura de identidade. Esses se referem principalmente a uma avaliação positiva das mudanças graduais no contexto da sede municipal do presente em relação ao passado e a um senso de familiaridade e pertencimento em relação à localidade. Muitos elementos da análise dos resultados parecem corresponder à assimilação de novas informações do contexto da sede municipal como definidoras da identidade de lugar dos participantes (como por exemplo, o fato dos nativos serem receptivos e mais “mente aberta” do que os de outros distritos ter sido atribuído por eles ao desenvolvimento turístico da sede municipal). O reconhecimento das novas propriedades, ou um senso de familiaridade com o lugar, também se relacionaram a muitos aspectos de continuidade do ambiente. O desejo de continuidade (no lugar e de aspectos deste lugar), expresso por muitos entrevistados, foi muitas vezes relacionado à possibilidade de satisfação de suas necessidades proporcionada por este

ambiente e por seu desenvolvimento (como por exemplo, a qualidade de vida em função da tranquilidade, segurança, “fartura” do lugar, geração de empregos, etc).

No entanto, muitos aspectos negativos do desenvolvimento da localidade foram evidenciados em relação às condições atuais da sede municipal, com destaque à diminuição do fluxo turístico, à falta de investimentos em infraestrutura voltada a este setor e a diversas dificuldades na educação das novas gerações. Ainda, eles foram constantemente mencionados juntamente a expressões de preocupação e incertezas em relação ao futuro da localidade.

Vale ressaltar que os especialistas, ao serem questionados acerca das possíveis implicações para os nativos das mudanças na localidade nas últimas décadas, também destacaram muitos aspectos positivos do desenvolvimento dos nativos e da localidade, ao mesmo tempo em que a maioria dos relatos evidenciou uma preocupação em relação ao futuro deles. Essas preocupações, dos nativos e dos especialistas, ganharam maior ênfase em relação à juventude, destacando-se a falta de apoio institucional (educação de qualidade, capacitação profissional e opções de lazer e cultura), assim como o despreparo dos pais para educar seus filhos em uma sociedade com normas bastante diferentes daquelas que conheciam. “só negócio de bandido mesmo, porque ninguém pode mais exemplar um filho não. Se você bater, disse que bater num dá jeito (...) Eu acho que os governantes que é culpado por esses tipos de coisa. Que trocaram a lei certa” (Ent09, 62M).

Em uma pergunta direta acerca de como imaginavam a cidade futuramente em 10 anos, somente um entrevistado (Ent12, 47M) foi otimista e achou que a cidade (“como sempre”) melhoraria. Nove participantes (Ent01, 06, 07, 08, 14, 17, 23, 25, 29) opinaram que, “do jeito que as coisas iam”, a tendência seria piorar. Seis entrevistados (Ent 03, 05, 09, 15, 18, 25) se referiram às circunstâncias estarem sujeitas aos prefeitos que assumiriam a administração, e outros ainda disseram depender da “divulgação” da cidade, mas não atribuíram diretamente a responsabilidade a ninguém. No geral, a maioria preferiu expressar que gostaria que a cidade melhorasse, muitos destacando que dependeria de investimentos principalmente em educação de qualidade para os jovens. Quatro depoentes (Ent 11, 16, 26, 27) opinaram que provavelmente estaria igual (“calmo” ou “parado”), tanto com avaliações positivas quanto negativas.

Um fator a ser destacado em diversos apontamentos feitos pelos entrevistados se refere à sujeição do futuro da cidade à vontade política. Mumford (1991) destacou que o poder dos governantes como principal agente do desenvolvimento humano tomou uma

forma institucional nas cidades, levando a consequências desastrosas (“aberrações”, nas palavras do autor). Lefebvre (2001) afirmou que, com o desenvolvimento das cidades modernas, a reflexão urbanística ficou a cargo dos centros de decisões. “Atualmente, tornando-se centro de decisão ou antes agrupando os centros de decisão, a cidade moderna intensifica, organizando-a, a exploração de toda uma sociedade” (Lefebvre, 2001, p. 57). O autor argumentou acerca da necessidade de uma reforma urbana que garanta os direitos dos seus cidadãos em participar no desenvolvimento e planejamento do espaço urbano e em apropriar-se dele, apropriação esta que vai muito além dos direitos de propriedade somente (p. 135).

Galvão (2006), referindo-se às mudanças que o advento da estrada e a atividade lagosteira estavam provocando em Tibau do Sul, relatou:

Antigamente as comunidades isoladas conservavam por várias gerações seus hábitos, suas técnicas de cultura material e seus padrões culturais. Quando, porém, o processo de mudança se inicia, as coisas se misturam e até que se verifique a assimilação total, coexistem traços da cultura local ao lado da cultura invasora, os quais vão sendo imperceptivelmente aceitos (p. 23)

Essa dificuldade de percepção das mudanças ambientais graduais foi atribuída por Sommer (1979) à *lei do efeito*. A percepção de continuidade de elementos físicos, sociais e culturais no ambiente da sede municipal, expressos por muitos participantes deste estudo, bem como a própria continuidade de mudanças na localidade que favoreceram o seu desenvolvimento e contribuíram para avaliações positivas dos elementos de distintividade, autoestima e autoeficácia dos entrevistados, podem ser considerados como “facilitadores” de uma “aceitação imperceptível” das mudanças nesse contexto. Hall (2006), ao refletir sobre o ritmo e alcance das mudanças na sociedade pós-moderna, afirmou:

Essas últimas (instituições modernas) ou são radicalmente novas, em comparação com as sociedades tradicionais (por exemplo, o estado-nação ou a mercantilização de produtos e o trabalho assalariado), ou têm uma enganosa continuidade com as formas anteriores (por exemplo, a cidade), mas são organizadas em torno de princípios bastante diferentes (p. 15)

Muitos “princípios bastante diferentes” da cidade atual de Tibau do Sul em relação ao antigo vilarejo podem ser salientados. Alguns aspectos apontados por diversos entrevistados foram o trabalho assalariado, os horários de trabalho e o fato de se ter padrões, o ritmo “mais acelerado” principalmente dos turistas (ou impostos por eles ao ritmo de trabalho no ramo turístico), etc. Alguns deles referiram-se, também, ao período da pesca da lagosta. Em contraste, Cunha (2009) destacou que os pescadores artesanais (e agricultores) se orientavam por uma temporalidade distinta, por um ritmo próprio, por

tempos naturais, e trabalhavam para si próprios voltados ao núcleo familiar, além de outros aspectos que marcavam “tanto a vida laboral quanto a vida sociocultural como um todo” (p. 61). Esses apontamentos não devem ser compreendidos como uma crítica a essas mudanças, mas como uma constatação, evidenciando-se aspectos implicitamente relacionados a muitas considerações feitas no âmbito desta discussão.

Conforme exposto anteriormente, Lefebvre (2001) afirmou que as cidades divulgam uma nova racionalidade e destacou, como um aspecto, as exigências de uma previsão referente ao futuro. Mumford (1991) postulou as cidades como locais de grande concentração de energia cultural e física em que o âmbito das atividades humanas é estendido no tempo, para diante e para trás. O autor atribuiu esse fato principalmente à possibilidade de armazenagem das informações, por meio de documentos e registros escritos, por exemplo, que permitem sua reprodução e transmissão de uma cultura complexa de geração a geração. Essas características podem ser contrastadas com alguns aspectos característicos de comunidades tradicionais, como a transmissão da informação fundamentalmente pela oralidade, e a vivência voltada mais à satisfação de necessidades presentes ou “reais”, os quais foram discutidos anteriormente. Bauman (1999) afirmou sobre as comunidades tradicionais:

Os locais de encontro eram também aqueles em que *se criavam as normas* – de modo que se pudesse fazer justiça e distribuí-la *horizontalmente*, assim re-unindo os interlocutores numa *comunidade*, definida e integrada pelos critérios comuns de avaliação (p. 33)

Em relação à sede municipal, o principal local de encontro dos nativos antigamente, o “mirante”, constantemente citado em conversas informais com estes e mencionado por alguns entrevistados como o “lugar que mais gostam” (ou gostavam), não existe mais. Foi privatizado. As normas também não parecem mais ser definidas por todos, mas conferidas aos cargos de decisão. As dificuldades em educar as novas gerações foram diversas vezes atribuídas aos mais jovens não respeitarem os mais velhos, como “era de costume”, e aos mais velhos não saberem como proceder segundo as regras sociais atualmente. Enfim, esses e outros aspectos avaliados negativamente parecem apontar para uma dificuldade de apropriação dos entrevistados em relação a seu lugar (dos espaços, da cultura, da possibilidade de modificar seu meio, etc).

De acordo com Vidal e Pol (2005), por meio das ações dos indivíduos, grupos ou coletividades sobre seu entorno, esses transformam os espaços e lhes atribuem significados pessoais e sociais, possibilitando a “interiorização” da práxis humana e a transformação de

si nesse processo, a que denominaram de *apropriação dos espaços*. Sendo a *apropriação* um conceito essencial para a discussão acerca da identidade, as dificuldades anteriormente destacadas podem ser relacionadas não somente aos mecanismos de manutenção de estados desejáveis para a estrutura de identidade *de* lugar, como também da identidade *do* lugar.

O núcleo da identidade de lugar se refere ao *passado ambiental*, concernente às experiências significativas do indivíduo que, no passado, serviram instrumentalmente para a satisfação de suas necessidades biológicas, psicológicas, sociais e culturais. Assim, as memórias também são incluídas no entendimento das cognições que definem a identidade de lugar (Proshansky et al, 1983). A identidade *do* lugar pode ser também relacionada à possibilidade de transmissão de uma cultura de geração em geração, que se dá por meio de uma memória coletiva. Bosi (2006), remetendo-se ao conceito de memória coletiva, explicou que, “De uma vibração em uníssono com as idéias de um meio passamos a ter, por elaboração nossa, certos valores que derivaram naturalmente de uma *práxis* coletiva” (p. 407). Ela depende da interação dos membros de um grupo, de laços de convivência, os quais se fortalecem em espaços de socialização (Bosi, 2006). Em Tibau do Sul, já não há mais o mirante do passado, onde seus moradores se reuniam para comunicar as fofocas, lembrar do passado e, quem sabe, mirar o futuro.

A *apropriação* compreende uma dimensão temporal e sequencial, exigindo uma confirmação contínua (*reapropriação*), e necessariamente implica em processos de identificação (Cavalcante & Elias, 2011). Os processos de identificação simbólica precedem e conduzem à formação da identidade, derivando-se destes o sentimento de pertencimento (Speller et al, 2002; Speller, 2005), conceito central para a definição de identidade de lugar adotada neste estudo. Segundo Cavalcante e Elias (2011), historicamente a noção sociológica de *apropriação* foi delineada em contraponto à noção de *alienação*, ou não identificação, do sujeito com sua *práxis*.

No âmbito desta investigação o senso de familiaridade, identificações com o ambiente (identificar, ser identificado e identificar-se com) e sentimento de pertencimento, expressos pela maioria dos participantes, pareceram apontar para um processo de *apropriação* ao longo das mudanças graduais na localidade. Essa *apropriação* pode ter sido favorecida pelos elementos de distintividade, continuidade, autoestima e autoeficácia, princípios responsáveis por guiar os processos psicológicos (de acomodação-assimilação e de avaliação) que regulam a reestruturação da identidade (Twigger-Ross et al, 2003). Desse modo, a análise dos resultados deste estudo apontou que a operação desses

processos pareceu ter contribuído no processo de reestruturação de identidade, funcionando no sentido de se definir estados desejáveis para sua estrutura.

É importante considerar que aqueles princípios guias são motivadores para a ação e, caso a capacidade de algum deles em contribuir para a manutenção da identidade satisfatoriamente seja ameaçada, várias estratégias de enfrentamento poderão ser acionadas. Elas se referem a processos cognitivos e comportamentais relacionados a qualquer atividade que objetive remover ou modificar uma possível ameaça à estrutura de identidade, nos mais diversos níveis como intrapsíquico, interpessoal ou intergrupos (Twigger-Ross et al, 2003).

Se por um lado a operação daqueles processos pareceu ter contribuído para o processo de reestruturação da identidade, como uma espécie de defesa psíquica, vale ressaltar que ela pode, no entanto, ser considerada ao mesmo tempo como dificultadora de estratégias de enfrentamento. Ainda que metodologicamente este estudo tenha se focado em indicadores psicológicos, a contextualização apresentada ressaltou outra faceta importante para a discussão dos resultados: os mesmos indicadores que apontaram para uma reestruturação da identidade, no sentido de se definir estados desejáveis para esta, mostraram-se também como dificultadores para que estratégias de enfrentamento fossem (e sejam) acionadas frente às atividades econômicas insustentáveis que se desenvolveram ao longo da história da sede municipal.

As considerações acerca da identidade-no-contexto foram feitas no sentido de se destacar que, ainda que muitos aspectos da cidade sejam positivos e essenciais à efetiva associação humana, há também muitos aspectos da comunidade que devem ser valorizados (Mumford, 1991). A valorização desses parece depender de um planejamento urbano que considere efetivamente as necessidades de todos seus habitantes, e não somente voltado ao benefício de uma minoria (Lefebvre, 2001).

que as forças políticas assumam suas responsabilidades. Neste setor que compromete o futuro da sociedade moderna e dos produtores, a ignorância e o desconhecimento acarretam responsabilidades diante da história que é reivindicada (Lefebvre, 2001, p. 107)

Ainda que estas considerações pareçam quase utópicas diante da história que se repete em tantos lugares do mundo, acredito ser necessário questionar o próprio modo de produção de nossas cidades e, nesse processo, de seus efeitos sobre nossas identidades. Em concordância às proposições de Mumford (1991, p. 619), “Antes que o homem moderno

possa controlar as forças que hoje ameaçam a sua própria existência, é necessário que retome posse de si mesmo”.

Os apontamentos feitos acerca da localidade e dos nativos da sede municipal encerram uma possibilidade de análise dessa realidade, enquanto inúmeros outros questionamentos tornam impossível o encerramento desta discussão.

## Capítulo 7

### Reflexões sobre o(s) processo(s): considerações finais

Se quisermos lançar novos alicerces para a vida urbana, cumpramos compreender a natureza histórica da cidade e distinguir, entre as suas forças originais, aquelas que dela emergiram e aquelas que podem ser ainda invocadas

Lewis Mumford (1991)

O presente estudo buscou compreender alguns aspectos das relações de moradores nativos da sede municipal de Tibau do Sul-RN com seu ambiente, a partir dos quais algumas considerações acerca da identidade de lugar deles pudessem ser feitas. Entendendo a identidade como processo, esta investigação se centrou mais especificamente em analisar alguns indicadores do processo de sua reestruturação frente a mudanças no contexto da sede municipal. Essas mudanças devem ser compreendidas como relacionadas ao desenvolvimento da localidade nas últimas décadas, do antigo vilarejo de pescadores e agricultores que atualmente ganha contornos de cidade.

Esta proposta de investigação foi delineada a partir de alguns questionamentos acerca do olhar dos nativos para a sua realidade. O conceito de identidade de lugar mostrou-se adequado e de importante contribuição aos propósitos deste estudo. Ele foi compreendido como cognições do indivíduo acerca do mundo que o cerca, as quais permitem que este possa estabelecer vínculos emocionais e de pertencimento a determinado(s) grupo(s) e/ou lugar(es).

A proposta metodológica foi dividida em duas etapas, a de painel de especialistas e a de entrevistas com moradores nativos da sede municipal de Tibau do Sul, sendo a segunda o foco desta investigação. Além do apoio na revisão de literatura e nos diálogos com os colegas estudiosos das relações pessoa-ambiente, o delineamento da segunda etapa pôde ser aprimorado a partir da interlocução com os conhecedores da história local, participantes da primeira etapa. Os relatos das vivências desses especialistas (ou informantes locais) no contexto desta investigação, assim como as referências de acontecimentos e personagens mencionadas, possibilitaram o conhecimento da história (e de histórias) da localidade, facilitando a aproximação dos nativos.

Considerando-se o *status* pesquisador-pesquisado, é necessário ressaltar que, vista como uma “pessoa de fora”, as respostas que obtive dos entrevistados nativos provavelmente apresentam um viés (Günther, 2008) que deve ser evidenciado. A utilização da técnica do painel de especialistas pode ser considerada como uma possibilidade de atenuar esse viés. De modo geral, o uso da técnica significou um processo de adaptação da

teoria àquele contexto específico, proporcionando maior entendimento da cultura local e auxiliando na readequação da linguagem e do roteiro de entrevistas previamente à coleta de dados com os nativos. Desse modo, pode-se considerar que seus objetivos foram atingidos.

Outra opção para se utilizar essa técnica poderia ser concomitantemente à segunda etapa, provavelmente possibilitando um maior diálogo entre as entrevistas dos especialistas e dos nativos. No entanto, sua realização como uma etapa anterior se deve primeiramente ao objetivo de se ter os especialistas como auxiliares na composição de um painel de diversidades de perfis dos nativos e nas indicações de participantes para tais. Ainda, a sua utilização para o aprimoramento dos recursos (roteiro, linguagem, familiaridade com o contexto, etc) da etapa com os nativos pareceu mais adequada ao objetivo central desta investigação.

Em relação à segunda etapa, o roteiro de entrevistas foi delineado com o intuito de compreender como os nativos vêem, sentem e pensam em suas transações com seu lugar, referindo-se às mudanças na localidade nas últimas décadas, à atual situação dela e às suas expectativas para tal. A identidade de lugar, como qualquer sistema cognitivo, influencia esses processos (ver, sentir, pensar) e se define como cognições que englobam memórias, valores, sentimentos, atitudes, ideias, preferências, significados e concepções de experiências e comportamentos que se relacionam com uma variedade de contextos (Proshansky et al, 1983). Todos esses aspectos foram considerados para a análise das entrevistas.

O modelo estrutural adotado, referente à Teoria do Processo de Identidade, se mostrou adequado para se atingir os propósitos deste estudo. Os princípios de distintividade, continuidade, autoestima e autoeficácia, os quais guiam a operação dos processos dinâmicos de acomodação-assimilação e de avaliação para se definir estados desejáveis para a estrutura de identidade (Twigger-Ross, Bonaiuto & Breakwell, 2003), foram considerados como indicadores do processo de reestruturação da identidade de moradores nativos. Eles foram analisados com base nas referências dos entrevistados a si, a seu grupo e a seu lugar, enfocando principalmente os aspectos mais ressaltados pela maioria dos participantes. Por uma questão didática, os indicadores foram sistematizados em quatro categorias e apresentados separadamente no capítulo de resultados, ainda que a inseparabilidade deles deva ser evidenciada. De modo geral, a análise do conjunto de indicadores pareceu apontar para um processo de reestruturação da identidade de modo a se definir estados desejáveis para sua estrutura.

A diversidade de perfis dos entrevistados nativos contribuiu com uma multiplicidade de olhares para o contexto da sede municipal. A generalização da análise da abrangência desses perfis, no entanto, ainda que possa ter limitado as possibilidades de suas contribuições, pareceu ser necessária para não complexificar muito a discussão dos resultados. Outra crítica que deve ser feita em relação a essa generalização se refere à distribuição da faixa etária dos participantes, variando entre 19 e 92 anos e com uma grande faixa de concentração entre 30 a 60 anos, devendo ser considerada para o entendimento da discussão feita no âmbito desta investigação. O roteiro de entrevistas semi-estruturado, por um lado, provavelmente restringiu a riqueza dos relatos. No entanto, foi uma opção para possibilitar aquela generalização da análise dos resultados, a qual se mostrou eficiente a partir do alto índice de fidedignidade obtido por meio da avaliação por juízes do sistema de codificação elaborado para este estudo.

Além das categorias derivadas do modelo estrutural adotado, a categoria de distintividade temporal foi criada, podendo ser destacada como uma contribuição deste estudo. A maioria dos estudos psicológicos revisados no âmbito desta investigação relaciona a temática de identidade a mudanças *de* contexto (como migração, realocação, etc), enquanto que este enfatiza as relações da identidade de lugar com as mudanças *no* contexto. Desse modo, aquela categoria foi proposta com o objetivo de sistematizar as opiniões e percepções dos entrevistados acerca do ambiente, físico e social, do presente em relação ao passado da localidade ou ainda a expectativas de futuro.

A categoria de distintividade temporal embasou a contextualização dos aspectos analisados nas outras categorias, em referência a um dos objetivos específicos deste estudo. Para ser coerente com uma perspectiva transacional proposta para a investigação, era necessário que a discussão dos indicadores acerca da identidade de lugar superasse a dicotomia indivíduo e sociedade, analisando-se as características dos sistemas em seu conjunto (Valera, 1996). No entanto, as dificuldades epistemológicas e metodológicas dessa perspectiva, destacadas pelo autor, levaram à adoção de uma estratégia restrita ao domínio do conhecimento que pude fundamentar mais solidamente (identidade de lugar).

O capítulo de contextualização dos resultados, portanto, refere-se tanto a uma articulação dos aspectos apresentados como indicadores, quanto à inserção da discussão deles em um contexto mais amplo, aproximando-se da unidade de análise pretendida (indivíduo-no-contexto). Vale ressaltar que a discussão feita nesse capítulo muitas vezes dificultou o entendimento de quais aspectos se referem aos indicadores psicológicos relacionados à estrutura de identidade e de quais se relacionam às mudanças no contexto.

Essa dificuldade se deve ao objetivo de se aproximar de uma análise holística do fenômeno da identidade de lugar (de moradores nativos da sede municipal), considerando-se os aspectos psicológicos, contextuais e temporais como inseparáveis (Valera, 1996).

Ao inserir o contexto local da sede municipal de Tibau do Sul-RN, focado ao longo de toda a investigação, em um contexto espacialmente mais amplo (municipal, estadual, nacional, global) e em diálogo constante com seu passado e expectativas de futuro, a contextualização aponta para esta investigação como um estudo de caso da sede municipal referente a uma “história que se repete” em tantos outros lugares. Utilizando-me de argumentos de outros domínios teóricos como sociologia, turismo, estudos urbanos, dentre outros, e da análise de alguns documentos e estudos referentes à inserção da atividade turística no Nordeste brasileiro, concluo aquele capítulo com alguns questionamentos referentes à discussão anteriormente feita acerca do processo de reestruturação da identidade.

Os indicadores, ou princípios que guiam a operação dos processos dinâmicos da identidade, apontam para a definição de estados desejáveis para sua estrutura, no sentido das mudanças no contexto não se apresentarem como ameaças a essa estrutura. Por um lado, isto pode ser considerado como positivo de um ponto de vista psicológico. Por outro, entretanto, poderia ser visto como um entrave a estratégias de enfrentamento (cognitivas e comportamentais) frente à lógica do desenvolvimento de cidades (geralmente beneficiando uma minoria dominante em detrimento de uma maioria) e às atividades econômicas que se desenvolveram na localidade e se mostraram (e se mostram) insustentáveis a médio-longo prazo.

Em relação à contextualização, acredito que ela destaca uma contribuição desta investigação, a de atentar para a necessidade de integração das abordagens psicológicas e sociológicas, além de outras áreas de conhecimento, para a discussão de uma temática complexa como a identidade de lugar. Nesse sentido, penso que este estudo contribuiu para problematizar o desenvolvimento e o “progresso” (Morin, 2009) e a lógica de “produção” das cidades (Lefebvre, 2001), analisando essa “história que se repete” sob um enfoque psicológico.

Em tempos em que a temática da sustentabilidade se põe em voga, acredito que princípios e valores típicos da vida em comunidade ainda podem ser preservados e/ou invocados no desenvolvimento de centros urbanos, valorizando-se e respeitando-se a identidade do lugar e a identidade de lugar de seus moradores. Isto indubitavelmente requer esforços de múltiplos segmentos da sociedade, no sentido especialmente de se

garantir políticas públicas que levem em conta as especificidades locais, a valorização da memória local, a possibilidade de apropriação da história do lugar e de suas mudanças pelos seus habitantes, entre outros.

Em Tibau do Sul, o planejamento local e as políticas públicas não parecem ter cumprido esse papel. No entanto, na sede municipal, as mudanças no contexto de forma gradual, a abundância dos recursos naturais, a garantia de satisfação de necessidades básicas da população devido às diversas atividades econômicas, entre outros fatores, parecem ter contribuído para o processo de reestruturação de identidade de lugar dos entrevistados nativos.

Novos questionamentos, portanto, podem ser delineados para futuras pesquisas. Alguns deles se relacionam mais aos processos intrapsíquicos, referindo-se ao papel de cada um dos princípios-guias para o processo de reestruturação da identidade frente a mudanças no contexto, com destaque para o princípio de autoeficácia. Em uma sociedade capitalista, esse princípio - referindo-se à percepção do indivíduo em sentir-se competente para satisfazer suas necessidades e, nesse sentido, o ambiente também favorecer essa satisfação – assumiria maior importância no processo de reestruturação da identidade do que os outros princípios (possibilidade e desejo de continuidade do/no lugar e da avaliação e distinção positiva de si, de seu grupo e de seu lugar em comparação a outros)? Ou ainda, qual a relevância de cada um dos princípios para o processo de apropriação dos espaços?

Outros se referem mais diretamente às transações pessoa-ambiente e ao fenômeno da urbanização. Considere-se o “acesso” como um fator muito positivo das cidades em relação às pequenas comunidades - a necessidades básicas (alimentação, saneamento, abastecimento de água e energia, etc), a facilidades e comodidades (estradas, comércio, produtos, etc), às informações (diversidade de pessoas, profissões, tecnologias, meios de comunicação, etc), entre outros –, possibilitando uma maior liberdade de escolha, criatividade e individuação. Quais as possíveis relações entre os acessos proporcionados à população pela inserção de uma nova atividade econômica em uma localidade e as avaliações positivas (ou ainda, aceitação) da atividade? E como essas avaliações se relacionam aos princípios-guias e à operação dos processos de assimilação-acomodação de novas informações na estrutura de identidade?

## Referências bibliográficas

- Altman, I., & Rogoff, B. (1987). World views in Psychology: trait, interactional, organismic, and transactional perspectives. In D. Stokols & I. Altman (Orgs.), *Handbook of Environmental Psychology* (vol 1; pp. 7-40). Nova York: Wiley.
- Aragonés, J. I. (2002). Cognición ambiental. In J. I. Aragonés & M. Amérigo (Orgs), *Psicología Ambiental* (3ª ed., pp. 43-58). Madri: Pirámide.
- Araújo, M. C. C. (2002). *Uma viagem insólita: de um território pesqueiro a um “paraíso” turístico - Pipa/RN*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo não-publicada, Universidade Federal do Rio Grande de Norte, Natal.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bauer, M. W. (2002). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (P. Guareschi, Trad, pp.189-217). Petrópolis: Vozes.
- Bauman, Z. (1999). *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedito Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bernardo, F., & Palma, J. M. (2005). Place change and identity processes. *Medio Ambiente y Comportamiento Humano*, 6(1), 71-87.
- Bonaiuto, M., & Bonnes, M. (2000). Social psychological approaches in environment-behavior studies: identity theories and the discursive approach. In S. Wapner, J. Demick, T. Yamamoto, & H. Minami (Orgs.), *Theoretical perspectives in environment-behavior research: underlying assumptions, research problems, and methodologies* (pp. 67-78). Nova York: Kluwer Academic.
- Bosi, E. (2006). *Memória e sociedade: lembranças dos velhos* (3ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Breakwell, G. M. (1988). Strategies adopted when identity is threatened. *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, 1, 189-203.
- BRASIL, Ministério do Turismo, Governo Federal. PDITS (2002). *Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável do Polo Costa das Dunas*. Brasília: Autor.
- BRASIL, Ministério do Turismo, Governo Federal. PNT (2007). *Plano Nacional de Turismo 2007/2010: uma viagem de inclusão*. Brasília: Autor.
- Cascudo, L. C. (2002). *Nomes da terra: geografia, história e toponímia do Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho (original publicado em 1968).
- Castells, M. (1999). *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra. (original publicado em 1942)

- Cavalcante, S., & Elias, T. F. (2011). Apropriação. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Orgs.), *Temas básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 63-69). Petrópolis: Vozes.
- Ciampa, A. C. (1987). Identidade. In S. T. M. Lane & W. Codo (Orgs.), *Psicologia Social: o homem em movimento* (pp. 58-75). São Paulo: Brasiliense.
- Costa, J. H. (2007). *Trabalhadores de verão: políticas públicas, turismo e emprego no litoral potiguar*. Dissertação de Mestrado em Geografia não-publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN.
- Creswell, J. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Cunha, L. H. (2009). O mundo costeiro: temporalidades, territorialidades, saberes e alternativas. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 20, 59-67.
- Devine-Wright, P., & Lyons, E. (1997). Remembering pasts and representing places: the construction of national identities in Ireland. *Journal of Environmental Psychology*, 17, 33-45.
- Dixon, J., & Durrheim, K. (2004). Dislocating identity: desegregation and the transformation of place. *Journal of Environmental Psychology*, 24, 455-473.
- Duarte, A. P., & Lima, M. L. (2005). Análise dos conteúdos da identidade associada ao lugar. *Psicologia* (Lisboa), 19(1-2), 193-226.
- Fonseca, M. A. P. (2004). *Políticas públicas, espaço e turismo: uma análise sobre a incidência espacial do "Programa de Desenvolvimento do Turismo do Rio Grande do Norte"*. Tese de Doutorado em Geografia não-publicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Rio de Janeiro.
- Galvão, H. (2006). *Cartas da Praia*. Natal: Scriptorium Candinha Bezerra: Fundação Helio Galvão. (original publicado em 1967)
- Galvão, H. (1968). *Novas cartas da praia*. Rio de Janeiro: Edições do Val.
- Galvão, H. (1989). *Derradeiras cartas da praia & outras notas sobre Tibau do Sul*. Natal: Clima.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (original publicado em 1938)
- Günther, H., Elali, G. A., & Pinheiro, J. Q. (2008). A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações. In H. Günther & J. Q. Pinheiro (Orgs.), *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente* (pp. 369-396). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Günther, I. A. (2008). O uso da entrevista na interação pessoa-ambiente. In H. Günther & J. Q. Pinheiro (Orgs.), *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente* (pp. 53-74). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (T. T. Silva & G. L. Louro, Trads; 11<sup>a</sup> ed). Rio de Janeiro: DP&A. (original publicado em 1992)
- Hauge, A. L. (2007). Identity and place: a critical comparison of three identities theories. *Architectural Science Review*, 50(1), 44-51.
- Hernández, B., Hidalgo, M. C., Salazar-Laplace, M. E., & Hess, S. (2007). Place attachment and place identity in natives and non-natives. *Journal of Environmental Psychology*, 27(4), 310-319.
- Hernández, B., Martín, A. M., Ruiz, C., & Hidalgo, M. C. (2010). The role of place identity and place attachment in breaking environmental protection laws. *Journal of Environmental Psychology*, 30, 281-288.
- Ittelson, W. H., Proshansky, H. M., Rivlin, L. G., & Winkel, G. H. (1974). *An introduction to Environmental Psychology*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston
- Jacques, M. G. (1998). Identidade. In M. G. Jacques, M. N. Strey, N. M. G. Bernardes, P. A. Guareschi, S. A. Carlos, T. M. G. Fonseca (Orgs.), *Psicologia Social Contemporânea: livro-texto* (pp. 159-167). Petrópolis: Rio de Janeiro.
- Jodelet, D. (2002). A cidade e a memória. In V. Del Rio, C. R. Duarte, & P. A. Rheingantz (Orgs.), *Projeto do lugar: colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo* (pp. 31-43). Rio de Janeiro: Contracapa/PROARQ.
- Kneafsey, M. (1998). Tourism and Place Identity: a case study in rural Ireland. *Irish Geography*, 31(2), 111-123.
- Knox, W. (2009). *Vivendo do mar: modos de vida e de pesca*. Natal: EDUFRN.
- Lefebvre, H. (2001). *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro. (original publicado em 1901)
- Lewicka, M. (2008). Place attachment, place identity, and place memory: restoring the forgotten city past. *Journal of Environmental Psychology*, 28(3), 209-231.
- Loloum, T. (2010). *Com-dominium: Turismo residencial internacional y desarrollo inmobiliario en el nordeste brasileño*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais não-publicada. Universidad de Alicante, Alicante, Espanha.
- Lynch, K. (1997). *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Manzo, L. C. (2003). Beyond house and haven: toward a revisioning of emotional relationship with places. *Journal of Environmental Psychology*, 23, 47-61.
- Marcelino, A. M. T. (1999). *O turismo e a transformação do espaço e da paisagem litorânea potiguar*. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais não-publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Milgram, S. (1970). The experience of living in cities. *Science*, 167, 1461-1468.

- Miller, F. S. (2005). *Pescadores e coletoras de Patané/Camocim: aspectos da adaptação humana aos manguezais do Rio Grande do Norte*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais não-publicada, PUC/SP, São Paulo.
- Morin, E. (2009). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Mourão, A. R. T., & Cavalcante, S. (2006). O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 11(2), 143-151.
- Mourão, A. R. T., & Cavalcante, S. (2011). Identidade de lugar. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Orgs.), *Temas básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 208-216). Petrópolis: Vozes.
- Mumford, L. (1991). *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes. (original publicado em 1961)
- Patterson, M. E., & Williams, D. R. (2005). Maintaining research traditions on place: diversity of thought and scientific progress. *Journal of Environmental Psychology*, 25, 361-380.
- Pinheiro, J. Q., Farias, T. M., & Abe-Lima, J. Y. (no prelo). Painel de especialistas e estratégias multimétodos: reflexões, exemplos, perspectivas. *PSICO*, 2(44).
- Proshansky, H. M. (1978). The City and self-identity. *Environment and Behavior*, 10(2), 147-169.
- Proshansky, H. M., Fabian, A. K., & Kaminoff, R. (1983). Place-Identity: Physical world socialization of the self. *Journal of Environmental Psychology*, 3, 57-83.
- Rial, C. S. M. (2006). Revisitando a etnografia Mar-de-dentro: pesca, turismo e a transformação do espaço social. In C. S. M. Rial & M. Godio (Orgs.), *Pesca e turismo: etnografias da globalização no litoral do Atlântico Sul* (pp. 21-37). Florianópolis: NUPPE/CFH/UFSC.
- Rivlin, L. G. (2003). Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre as inter-relações pessoa-ambiente. *Estudos de Psicologia*, Natal, 8(2), 215-220.
- Rogan, R., O'Connor, M., & Horwitz, P. (2005). Nowhere to hide: awareness and perceptions of environmental change, and their influence on relationships with place. *Journal of Environmental Psychology*, 25, 147-158.
- Smaldone, D., Harris, C., & Sanyal, N. (2005). An exploration of place as a process: the case of Jackson Hole, WY. *Journal of Environmental Psychology*, 25, 397-414.
- Sommer, R. (1979). *A conscientização do design*. São Paulo: Brasiliense.
- Sommer, B., & Sommer, R. (1997). Content analysis. In – *A practical guide to behavior research. Tools and techniques* (pp. 169-178). Nova York: Oxford University Press.

- Speller, G. M. (2005). A importância da vinculação ao lugar. In L. Soczka (Org.), *Contextos humanos e Psicologia Ambiental* (pp. 133-167). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Speller, G. M., Lyons, E., & Twigger-Ross, C. (2002). A community in transition: the relationship between spatial change and identity processes. *Social Psychology Review*, 4(2), 39-58.
- Stedman, R. C. (2002). Toward a social psychology of place: Predicting behavior from place-based cognitions, attitude and identity. *Environment and Behavior*, 34, 561-581.
- Taylor, J., Zube, E., & Sell, J. (1987). Landscape assessment and perception research methods. In R. B. Bechtel, R. W. Marans, & W. Michelson (Orgs.), *Methods in environmental and behavioral research* (pp. 361-393). Nova York: Van Nostrand Reinhold.
- Timotijevic, L. & Breakwell, G. (2000). Migration and threat to identity. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 10, 355-372.
- Tuan, Yi-Fu (1983). *Espaço e lugar, a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel.
- Twigger-Ross, C. L., & Uzzell, D. L. (1996). Place and Identity Process. *Journal of Environmental Psychology*, 16, 205-220.
- Twigger-Ross, C. L., Bonaiuto, M., & Breakwell, G. (2003). Identity Theories and Environmental Psychology. In M. Bonnes, T. Lee & M. Bonaiuto (Orgs.), *Psychological theories for environmental issues* (pp. 203- 234). Aldershot: Ashgate.
- Uzzell, D., Pol, E., & Badenas, D. (2002). Place identification, social cohesion, and environmental sustainability. *Environment and Behavior*, 34, 26-53.
- Valera, S. (1996). Psicología Ambiental: bases teóricas y epistemológicas. In L. Iñiguez & E. Pol (Orgs.), *Cognición, representación y apropiación del espacio* (pp. 1-14). Barcelona: Universitat de Barcelona Publicacions.
- Valera, S., & Guàrdia, J. (2002). Urban social identity and sustainability: Barcelona's Olympic Village. *Environment and Behavior*, 34, 54-66.
- Valera, S., & Pol, E. (1994). El concepto de identidad social urbana: Una aproximación entre la Psicología Social y la Psicología Ambiental. *Anuario de Psicología*, 62(3), 5-24.
- Vidal, T., & Pol, E. (2005). La apropiación del espacio: una propuesta teórica para comprender la vinculación entre las personas y los lugares. *Anuario de Psicología*, 36(3), 281-297.
- Vidal, T., Valera, S. & Però, M. (2010). Apego al lugar, identidad de lugar y movilidad residencial em estudantes de grado. *Psyecology*, 1(3), 289-416.

## APÊNDICE A

### *Roteiro de Entrevistas com Nativos*

#### *(Presente - pessoal)*

- 1) Dados gerais: nome, idade, profissão, escolaridade, família, outros lugares que já conheceu e com que frequência sai de Tibau
- 2) O que você acha de Tibau?
- 3) O que você acha de morar em Tibau?
- 4) O que você mais gosta em Tibau? Por quê?
- 5) Qual lugar daqui você mais gosta? Por quê? E outros?
- 6) Se pudesse, o que você mudaria em Tibau?
- 7) Qual lugar você menos gosta em Tibau? Por quê? E outros?
- 8) Se você pudesse ter escolhido nascer em qualquer lugar, onde seria?

#### *(Presente – projetiva)*

- 9) Como é um nativo de Tibau? Ele é diferente dos nativos de outros distritos? (ou “pessoas nascidas e criadas aqui”, “filho natural daqui”)
- 10) Qual lugar aqui é mais importante para os nativos?
- 11) Por quê as pessoas de fora vêm para cá? E como eles vêem os nativos?
- 12) Como você vê a relação entre as pessoas de fora e as daqui? E a relação entre as pessoas que são daqui?
- 13) Imagine que está conversando com alguém que ainda não conhece aqui. Como descreveria? (“caminhada imaginária”/ maior número de características).
- 14) Imagine um dia normal seu. Descreva com o máximo de detalhes que se lembrar da hora que você acorda até a hora que vai dormir (o que você faz, quem você encontra, os caminhos por onde passa... )

#### *(Passado)*

- 15) Imagine você criança aqui na cidade, o mais pequeno que conseguir se lembrar.  
Imagine você andando pelos mesmos caminhos que você sempre passa hoje em dia e me descreva como eram esses caminhos; o que ainda tem parecido e o que mudou.
- 16) Como era Tibau? (o que não for dito: ambiente físico; nativos; relações entre nativos; hábitos; costumes / Para jovens e adultos: Como acha que era nos tempos de seus avós? De seus pais?)

#### *Futuro*

- 17) Como você imagina Tibau daqui a 10 anos?  
18) Como você gostaria que estivesse?  
19) Como você se imagina daqui a 10 anos? (E seus filhos? Netos?)  
20) Você gostaria de falar algo mais sobre Tibau que eu não perguntei?

#### *Outras*

- Você acha que participa ou participou de alguma decisão em Tibau? Quem decide?
- Com quem você mais se identifica aqui?
- Se pudesse mudar algo nas pessoas daqui, o que seria? E o que mais gosta?
- + indicações de participantes – diversidade de olhares

## APÊNDICE B

### *Instruções gerais – Avaliação por Juízes*

#### **Continuidade**

*Definição:* Princípio fundamental para estrutura de identidade por possibilitar que a pessoa reconheça as novas propriedades do ambiente relacionando-as a seu passado ambiental, percebendo este ambiente como estável e conferindo-lhe um sentido de familiaridade com o lugar. É uma continuidade subjetiva, auto-percebida, que possibilita a conexão entre referências de passado, presente e futuro e não necessariamente a ausência de mudanças. Refere-se ao desejo de manter a continuidade do *self* com base em aspectos do lugar, podendo se expressar de dois modos: continuidade de lugar referente (*place-referent continuity*), que se refere ao desejo de continuidade em um lugar específico que tenha valor e experiências passadas significativas para o sujeito, e a continuidade de lugar congruente (*place-congruent continuity*), em que se faz referência a características de lugares que sejam transferíveis para outros locais com características congruentes.

- **Continuidade**

- Marcar sempre que houver referência a um sentido de familiaridade com algo, relacionando aspectos da atualidade com o passado ou expressando o desejo de continuidade no futuro. Sempre que tiver uma conotação de “sempre foi assim”, “estou acostumado a”: aspectos do ambiente (culturais, sociais, físicos, etc), das pessoas (hábitos, costumes), de si (rotina, visão de mundo, atividades desenvolvidas, etc)

- Marcar sempre que se referir a uma identificação com o lugar que expresse um desejo de continuidade no futuro, tanto como continuidade *place-referent* (tem que ser esta Tibau do Sul) ou *place-congruent* (tem que ser parecido com alguma característica de Tibau, mas pode ser outro lugar).

#### **Distintividade**

*Definição:* Princípio referente ao desejo de manter a singularidade ou distintividade pessoal, central para a definição da identidade, que funciona por meio da comparação com o outro (pessoa, grupo, lugar) e distinção deste.

*Marcação:* Deve sempre haver a comparação entre dois ou mais elementos no sentido de distingui-los.

- Esta comparação pode aparecer num mesmo trecho, em trechos mais distantes ou implicitamente, devendo sempre ter o sentido de comparação e distinção.

- Atenção! Sempre que houver a comparação e distinção privilegiar esta categoria de distintividade, ainda que o trecho possa expressar semelhanças com outras categorias (comparar a autoeficácia de nativos x pessoas de fora ou autoestima do passado e do presente, por exemplo).

- **Eu/Eles:**

- Comparação de si com outras pessoas com referência a suas características pessoais como distintas de outros. Muitas vezes aparece implicitamente, com sentido de “as pessoas são assim, eu discordo e sou diferente”

- **Nós/Eles**

- Comparação de seu grupo com outros grupos, no sentido de distinguir-se. Pode ser: meu grupo ou família x outros nativos; nativos de Tibau x nativos de outros distritos; nativos x pessoas de fora; brasileiros x gringos; nossa geração x outra geração; nós mulheres x homens e vice-versa; etc.

- Atenção! Deve se referir a características das pessoas. Se se referir a características do ambiente em que estas pessoas estão inseridas, marcar como “meu lugar/outros”. Também, marcar nossa geração x outra geração se se referir a características presentes destas, mas referindo-se à “aprendemos assim e hoje é diferente”, marcar como “passado/presente” se houver caráter valorativo.

- **Meu lugar/ Outros**

- Comparação de sua localidade com outras. Pode ser sua casa, seu distrito, sua cidade, seu país, etc.

- Atenção! Deve fazer referência aos aspectos ambientais (físicos, culturais, sociais). Se houver distinção entre lugares referindo-se a características das pessoas desse lugar, marcar como “nós/eles”

- **Passado +/Presente - e Passado -/ Presente +**

- Distintividade temporal. Comparação dos mesmos aspectos em momentos históricos diferentes, independente da distância temporal (turismo hoje x alguns anos atrás; turismo x lagosta; hoje x 50 anos atrás; etc)
- Atenção! Deve haver necessariamente a conotação de valor atribuída à comparação feita. Não pode apenas citar que hoje é diferente de ontem. Deve sempre haver julgamento de valor (hoje melhor que ontem ou ontem melhor do que hoje) implícita ou explicitamente.

### **Autoeficácia**

*Definição:* Princípio referente à confiança do indivíduo em suas capacidades em lidar com as demandas situacionais, no sentido de se perceber capaz de funcionar de modo competente no contexto em que está inserido e ter controle de sua vida. Assim, é de extrema importância que o ambiente facilite, ou ao menos não dificulte, o estilo de vida cotidiano do indivíduo.

- Atenção! Não deve haver comparação com um outro, senão é distintividade.
- Pode se referir ao passado, ao presente ou ao desejo de futuro.

- **Eficácia Positiva**

- Marcar tudo o que são facilidades e oportunidades proporcionadas por aquele ambiente, possibilitando a satisfação de necessidades suas ou dos outros, assim como aspectos mais subjetivos como a crença do indivíduo em suas capacidades próprias ou sensações provenientes da satisfação de suas necessidades (tranquilidade, segurança, etc).
- Atenção! Marcar tudo que o ambiente proporciona, independente de ser para si ou para os outros. Se houver comparação implícita ou explícita de que aquilo é bom para os outros e não para mim ou vice-versa, marcar como “distintividade nós/eles”.

- **Eficácia Negativa**

- Marcar tudo o que são dificuldades que o ambiente proporciona para satisfação das necessidades, suas e dos outros, tanto pela ausência de algo quanto pela presença de algum impedimento para esta satisfação, assim como aspectos mais subjetivos como desacreditar de suas capacidades próprias ou sensações provenientes da não-satisfação de suas necessidades (medo, insegurança, etc).

## **Autoestima**

*Definição:* Avaliação positiva de si, de seu grupo, de seu lugar ou julgar que os outros avaliem positivamente a si, ao seu grupo, ao seu lugar.

- Atenção! Não deve haver comparação com um outro, senão é distintividade. E se houver justificativa para aquela avaliação relacionada à satisfação de suas necessidades pelo ambiente, marcar como autoeficácia.

- **Estima Positiva**

- Marcar toda avaliação positiva, de si, dos outros, do lugar, etc. Pode ser por adjetivos e verbos de valência positiva, ou por expressar orgulho na fala, implícita ou explicitamente, de alguma característica de si, do grupo, do lugar, no passado ou no presente.

- **Estima Negativa**

- Apesar da definição deste princípio se referir à avaliação positiva, marcar também as avaliações negativas. Pode ser por adjetivos e verbos de valência negativa, ou por expressar crítica, vergonha, insatisfação, etc, implícita ou explicitamente, de alguma característica de si, do grupo, do lugar, no passado ou no presente.

### *Observações:*

- Marcar um único trecho, ainda que longo, quando se referir à mesma categoria e só interromper o trecho quando houver outra categoria no meio.

- Ler um trecho longo antes de marcar a categoria. Um trecho inicialmente pode aparentar ser “autoestima” mas se referir à satisfação proporcionada pelo ambiente, sendo portanto “autoeficácia”. Ou então se referir a características de “autoestima” ou “autoeficácia” mas comparando dois elementos diferentes (nós e eles, isto atualmente e isto no passado), e portanto deve ser privilegiada a categoria “distintividade”.